

DÍALOGO

escola-família

Parceria para a aprendizagem e o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens

ORGANIZAÇÃO TEREZA PEREZ



Fundação **Santillana**



Território dos afetos

Em meados dos anos 2000 eu exercia o cargo de secretário de Educação de Taboão da Serra, município da região metropolitana de São Paulo, quando ouvi o emocionado depoimento de uma professora do Ensino Fundamental que acabara de visitar a casa de dois de seus alunos. “Percebi que lá é o território deles. Lá eles sabem das coisas. Lá eles são reis. Em sala, eles são terríveis. Mas, quando entrei na casinha deles, enquanto um fazia a comida, o outro passava e dobrava as roupas da família, já que a mãe trabalha fora. Nem parecia que eram os dois ‘pestinhas’ que me dão tanto trabalho! A partir daí, tudo mudou: para mim, para eles, para os pais e também para a minha escola. Todos aprendemos uns com os outros e nos tornamos mais humanos e afetivos, mais próximos e responsáveis.”

Com esse depoimento, a professora nos ensinava uma importante lição: família e escola são territórios dos afetos. E, se desejamos encontrar caminhos para uma Educação de qualidade como direito de todos e de cada um, precisamos criar e fortalecer os laços de conhecimento, respeito e cooperação entre essas duas instituições fundamentais. Ela ainda nos ensinou que, em geral, não basta abrir a escola para que a comunidade participe; é preciso tomar a iniciativa, inovar, criar e buscar outras conexões sensíveis entre esses dois mundos tão próximos e, às vezes, tão distantes. “Vale a pena!”, disse ela. O fato é que, com tal disposição, essa professora e seus colegas educadores passaram a visitar as famílias de todos os seus alunos e foram os verdadeiros responsáveis para que, em pouco tempo e com recursos escassos, uma cidade de periferia se transformasse em uma cidade educadora, com progressos impressionantes no ensino e na aprendizagem.

DÍALOGO

escola-família

Parceria para a aprendizagem e o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens

ORGANIZAÇÃO TEREZA PEREZ



Fundação **Santillana**



PRODUÇÃO EDITORIAL

Fundação Santillana

Direção

André de Figueiredo Lázaro

Editora Moderna

Diretoria de Relações Institucionais

Luciano Monteiro

Karyne Arruda de Alencar Castro

Concepção original

Ivan Aguirra Izar (Marketing)

Solange Novaes Costa Petrosino (Pedagógico)

Edição

Ana Luisa Astiz / AA Studio

Preparação

Marcia Menin / AAStudio

Revisão

Juliana Caldas e Cida Medeiros / AA Studio

Projeto gráfico

Paula Astiz

Editoração eletrônica

Paula Astiz Design

Crédito da imagem da capa

pixelfit/iStock Photos/Getty Images

PROJETO EDITORIAL

Comunidade Educativa CEDAC

Organização editorial

Tereza Perez

Coordenação editorial

Renata Grinfeld

Produção de textos

Angela Luiz Lopes

Beatriz Telles

Camila Fattori

Carolina Glycerio

Marília Novaes

Maria Maura Gomes Barbosa

Patrícia Diaz

Renata Grinfeld

Roberta Panico

Tereza Perez

Notas

Por concisão, adotamos nos textos deste livro o gênero masculino, mas sempre nos referimos a gestores e gestoras, diretores e diretoras, professores e professoras, alunos e alunas.

Esta obra inclui uma apresentação digital com diferentes materiais pensados para apoiar a implementação das ações propostas que pode ser acessada por meio do código QR e do link impressos na página 8 e na quarta capa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Diálogo escola-família : parceria para a aprendizagem e o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens / organização Tereza Perez. — São Paulo : Moderna, 2019.

1. Diálogo 2. Família e escola 3. Educação – Brasil 4. Educação – Finalidades e objetivos 5. Política educacional 6. Professores e alunos I. Perez, Tereza.

19-25492

CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Formação de professores : Educação 370.71

5	APRESENTAÇÃO
9	INTRODUÇÃO
	PARTE I
21	ESCOLA E FAMÍLIAS, A HISTÓRIA DE UMA RELAÇÃO
	PARTE II
41	COLABORAÇÃO COM FOCO NA FORMAÇÃO INTEGRAL
	PARTE III
95	COERÊNCIA ENTRE DISCURSO E PRÁTICA
	PARTE IV
147	PROPOSTAS PRÁTICAS
	PARTE V
193	UMA EXPERIÊNCIA REAL DE TRANSFORMAÇÃO DA RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA
207	SÍNTESE

	SITUAÇÃO	CASO	PÁGINA
1	Por que os estudantes aprendem mais quando escola e famílias atuam juntas?	O discurso de que “as famílias não participam”	49
2	Quando se fala sobre o que se ensina, será que famílias e escola estão se referindo à mesma coisa?	Do grupo de pais no WhatsApp à avaliação institucional	58
3	O que os estudantes precisam aprender e quem deve ensinar?	O discurso de que “esses pais que não sabem ensinar”	69
4	Qual a potência das reuniões com familiares?	“Os pais não vêm às reuniões porque não se interessam pela Educação de seus filhos.” Será?	79
5	Qual o impacto das baixas expectativas de professores e familiares em relação à aprendizagem dos estudantes?	Fato comprovado: há transformação quando há altas expectativas	96
6	Como os estudantes se relacionam com as novas tecnologias? Como lidar com o <i>bullying</i> ?	Escuta e diálogo como soluções possíveis	109
7	Como a liderança dialógica contempla a autoridade necessária?	Pertencimento e criação de sentido como chave para mudança de comportamento dos estudantes	119
8	O diálogo é uma estratégia para superar os obstáculos?	Parceria e consenso como base de novas possibilidades	128
9	O que pode acontecer quando a comunidade avalia a escola?	Da cultura da queixa à ação cooperativa	149
10	Como lidar com a superproteção de pais em relação aos filhos?	Resolução de conflitos pelo consenso	155
11	As reuniões de educadores com familiares fortalecem a relação com a escola ou afastam os pais?	Mudança de atitudes: precisamos falar sobre isso	158
12	Qual é o papel da família em relação à lição de casa?	Intencionalidade, diálogo e resultados	159
13	Pertencimento: como o grêmio estudantil pode ajudar?	Quando ouvimos o que os estudantes têm a dizer...	161
14	É possível ajudar a tornar a leitura, pela família, mais significativa e frequente?	Participação familiar pela leitura: um convite ao diálogo	164
15	Qual a importância da participação dos alunos na comunidade?	Quando a escola e a comunidade se encontram	167

APRESENTAÇÃO

Este livro foi cuidadosamente pensado para auxiliar você, diretor de escola pública ou particular, a promover o diálogo e a reflexão sobre como a escola pode aprimorar sua relação com as famílias dos estudantes, que, afinal, passam boa parte da vida nesse espaço repleto de potencialidades.

A **Parte I** conta brevemente a história da instituição escolar articulada com a da instituição familiar, para que se compreenda como a relação entre elas foi construída ao longo do tempo até a atualidade. Abordam-se as mudanças nas demandas sociais que ajudam a entender quem são as crianças, adolescentes e jovens que frequentam a escola no século 21 e para que queremos formá-los.

Na **Parte II**, o eixo principal é o conceito de Educação Integral. Para discutir esse assunto, apresentam-se quatro situações práticas do cotidiano da gestão, seguidas de uma breve conceitualização sobre os temas trabalhados e de sugestões de caminhos possíveis com base em experiências positivas de ações transformadoras.

A **Parte III** reproduz o formato da anterior – outras quatro situações práticas, conceitualização e caminhos possíveis –, porém com foco na coerência entre discurso e ação da escola no que se refere às famílias.

Na **Parte IV**, você encontrará sugestões de encaminhamentos para sete situações cotidianas, sendo que duas foram mencionadas em outros capítulos e são ampliadas nesta parte.

Apresentamos ainda pautas de discussão com os diferentes atores – professores, alunos e familiares – a partir de filmes que trazem algumas das temáticas abordadas neste livro e que também se articulam com as realidades expostas ao longo de capítulos anteriores.

Na **Parte V**, registramos uma experiência real de transformação da relação entre escola e famílias ocorrida no município de Casimiro de Abreu, Rio de Janeiro, por meio da reprodução de uma roda de conversa com educadores e pais de alunos. Esta obra inclui, ainda, uma apresentação digital com vários materiais pensados para apoiar a implementação das ações propostas e que pode ser acessada por meio do código QR e do link impressos na próxima página e na quarta

capa do livro. É importante ressaltar que ela não substitui a leitura cuidadosa do livro, porque ele é resultado de estudos profundos e traz muitas referências a valiosas situações reais.

Finalmente, gostaríamos de apontar que, ao escrevermos para escolas públicas e particulares, deparamos com o desafio de contemplar diferentes realidades. Você se identificará com a maioria delas, mas algumas estratégias propostas serão distantes de seu contexto de atuação. Se isso acontecer, nossa sugestão, caro gestor, é que considere esses casos como oportunidades para ampliar seu olhar para diferentes situações que podem vir a fazer parte de sua vida profissional.

Boa leitura!



<http://mod.lk/livrofam>

INTRODUÇÃO

Para iniciarmos nossa reflexão sobre a relação da escola com as famílias dos estudantes, selecionamos alguns comentários que você, como diretor, já deve ter ouvido no ambiente educacional:

“Agora esperam que a escola ensine tudo para as crianças e para os jovens!

Os pais não educam mais!”

“Os pais não ensinam nada para os filhos!”

“Aquela mãe acha que sabe mais que a escola.”

“Deve viver em uma bagunça, porque esse aluno nunca tem o material organizado.”

“Todo dia aquela garota chega atrasada. Não deve ter relógio em casa.”

“Os pais não vêm às reuniões.”

“Nossos problemas são os familiares, não os alunos.”

“A mãe desse menino não tem ideia do que ele faz.”

Agora, vejamos algumas frases que mães e pais de estudantes às vezes falam quando se referem à escola:

“Aquele diretor é bem estúpido. Fala como se a gente não soubesse nada.”

“O professor é um chato e implica com meu filho.”

“O coordenador fica com aquele blá-blá-blá e não resolve nada.”

“Esse professor é tão fraquinho...”

“Tem lição de casa todo dia. Coitadinho do meu filho!”

Não é fácil nem simples tratar da relação entre escola e famílias, porque, quanto mais conhecemos as duas instituições, mais complexo é explicitar as diferentes possibilidades de tessitura desse relacionamento.

Este livro parte do entendimento de que a escola presta um serviço à comunidade e às famílias e é corresponsável por ensinar e educar as crianças, os adolescentes e os jovens. Seja privada ou pública, seu papel e seu compromisso

não mudam. Os profissionais que nela atuam são remunerados para ensinar os alunos com qualidade a:

- ▶ aprender a conhecer;
- ▶ aprender a ser;
- ▶ aprender a viver juntos; e
- ▶ aprender a fazer.

As famílias, por seu turno, esperam que os filhos aprendam o que é proposto, vivam bem no espaço escolar e construam um repertório que lhes possibilite inserção e interação na sociedade conforme as expectativas para cada faixa etária. As intenções das duas partes devem ser coerentes e complementares.

No entanto, sabemos que nem sempre é assim. E isso é mais comum na escola pública, pois esta ainda tem uma clientela garantida. A escola particular, de outro lado, precisa dialogar a fim de manter os estudantes. Em ambas existem conflitos e desafios, em maior ou menor grau.

Será mesmo?

Se refletirmos com serenidade sobre os comentários que por vezes ouvimos na escola a respeito das famílias, é possível perceber que talvez falte um pouco de aprofundamento sobre o contexto familiar.

Reunimos aqui algumas possibilidades de reflexão para as frases que compilamos no segmento anterior:

1. DELORS, Jacques et al. *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 1998. Disponível em: <https://www.pucsp.br/ecopolitica/documentos/cultura_da_paz/docs/Dellors_alli_Relatorio_Unesco_Educacao_tesouro_descobrir_2008.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2019.

COMENTÁRIO	REFLEXÃO
“Agora esperam que a escola ensine tudo para as crianças e para os jovens! Os pais não educam mais!”	É possível separar ensinar de educar? Afinal, qual é o papel da escola?
“Os pais não ensinam nada para os filhos!”	Nada mesmo? O que se quer desses pais é realista? Eles têm condições de fazer o que se espera deles?
“Aquela mãe acha que sabe mais que a escola.”	Em determinadas situações, talvez ela saiba mais mesmo.
“Deve viver em uma bagunça, porque esse aluno nunca tem o material organizado.”	Alguém perguntou à criança por que isso acontece? E à família? Quais as condições de moradia desse aluno?
“Todo dia aquela garota chega atrasada. Não deve ter relógio em casa.”	Houve conversa com a família sobre isso? Explicou-se que a aluna chegar atrasada todo dia pode ser motivo de <i>bullying</i> ?
“Os pais não vêm às reuniões.”	O dia e o horário definidos para essa reunião favorecem a participação dos familiares?
“Nossos problemas são os familiares, não os alunos.”	Qual é a origem dessa visão?
“A mãe desse menino não tem ideia do que ele faz.”	Será que não tem ideia ou sente vergonha de falar? Será que está informada sobre onde e com quem pode conversar?

Como vimos, muitas famílias também têm esse comportamento equivocado. Falam dos professores, dos coordenadores e dos diretores sem se colocar no lugar do outro, procurando entender as causas de determinadas posturas. Vejamos algumas possibilidades de indagação no âmbito familiar:

COMENTÁRIO	REFLEXÃO
"Aquele diretor é bem estúpido. Fala como se a gente não soubesse nada."	Por que os familiares podem pensar isso do diretor? Como você conversa e se reporta aos familiares de seus alunos? Será que transmite a sensação de que não sabem de nada? Será que não sabem mesmo?
"O professor é um chato e implica com meu filho."	Por que será que isso acontece? Você conversa com a equipe docente sobre os alunos?
"O coordenador fica com aquele blá-blá-blá e não resolve nada."	O coordenador sabe o que precisa ser feito? Você dialoga com o coordenador a fim de pensar em estratégias que podem atender melhor às demandas das famílias?
"Esse professor é tão fraquinho..."	Fraco em quê? Você conhece as expectativas das famílias em relação aos professores? Quais são os parâmetros para avaliar a atuação de sua equipe?
"Tem lição de casa todo dia. Coitadinho do meu filho!"	Qual é o papel da lição de casa no processo de aprendizagem? Talvez seja necessário esclarecer às famílias os objetivos dessa atividade.

Julgamento x diálogo

É raro – tanto do lado da escola como do das famílias – ouvir críticas produtivas que tragam contribuições concretas para o modo de viver, de se relacionar, de aprender. Julgar é, com frequência, a tônica do relacionamento. Isso tem origem na cultura de encontrar culpados. Nesse contexto, porém, há sempre uma criança ou um jovem, que é, de fato, quem importa na busca da melhoria da relação entre a escola e as famílias.

Inexiste um único tipo de escola e de família. Mesmo dentro de uma mesma unidade de ensino ou grupo familiar há pessoas que pensam, desejam, agem e se angustiam de maneiras diferentes. Todas as escolas e famílias, sem exceção, têm

qualidades e defeitos, e é por isso que este livro propõe reflexões e práticas que buscam mostrar caminhos para que os dois lados consigam substituir a postura de julgamento pela de diálogo. Isso, acreditamos, possibilitará à comunidade educativa construir relacionamentos produtivos e instigantes e maneiras de agir favoráveis ao desenvolvimento e à aprendizagem de crianças e jovens. Sabemos que o clima escolar, quando democrático e dialógico, é tão relevante para a aprendizagem quanto os conteúdos e o conjunto de condições ofertados pela família. Por isso, se queremos viver em uma sociedade mais justa e saudável, o primeiro grande passo é investir no clima escolar.² Conviver, compreender e respeitar as diferenças nos torna pessoas sensíveis e atentas, capazes de ler o mundo de maneira ética e reflexiva, sem se apoiar em verdades absolutas.

O componente cultural

Já não se pode falar em um padrão genérico de família há certo tempo. É possível identificar alguns tipos de organização familiar, mas nenhum é exclusivamente de uma categoria. Certas famílias tendem a ser superprotetoras e eximem os filhos de qualquer responsabilidade, cercando-os de tantos cuidados que eles quase não conseguem respirar por si mesmos. Outras buscam o equilíbrio entre cuidado e proteção e confiam na capacidade dos filhos de resolver determinados assuntos, de tomar atitudes, de ser responsáveis por seus atos, com a intenção de que sejam pessoas autônomas. Há ainda famílias que confundem abandono com autonomia.

Apesar dessas e de muitas outras diferenças, todas as famílias esperam que os profissionais da escola orientem a aprendizagem de conteúdos, conceitos,

2. MORO, Adriano. Você sabe o que compõe o clima escolar? *Nova Escola*, 28 jun. 2018. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/11898/voce-sabe-o-que-compoe-o-clima-escolar>>. Acesso em: 3 mar. 2019.

atitudes e procedimentos. No entanto, as diferentes culturas familiares interpretam as ações da escola em função das próprias vivências. Algumas famílias consideram certo o que a escola faz e não a questionam, pois sentem-se bem atendidas. Outras acham que a escola é pouco exigente e que seu filho poderia aprender muito mais. Há ainda as que se queixam da falta de rigor na disciplina ou da sobrecarga de afazeres.

As escolas também têm suas culturas. Algumas reconhecem a complexidade do ato de ensinar e buscam dialogar com seus profissionais e com as famílias. Outras subestimam o saber dos grupos familiares e avaliam que ensinam bem – o aluno que aprendeu, aprendeu; o que não aprendeu tem algum problema ou uma família desatenta à Educação. Contam com que os pais eduquem os filhos para respeitar os profissionais, fazer as lições solicitadas, estudar para as provas e participar ativamente das aulas, sem apresentar dificuldade em aprender. Há ainda escolas em que os relacionamentos são pautados sobretudo pelo afeto e pelas relações pessoais – problemas decorrem de causas externas que não são de responsabilidade nem da família, nem da escola.

Nos grandes centros urbanos do Brasil predominam hostilidade, violência e ameaças, o que limita muito o potencial da cidade educadora,³ ambiente em que serviços públicos e pessoas reconhecem, promovem e exercem um papel educador na vida dos sujeitos. No conceito de cidade educadora, a Educação é responsabilidade de todos, compartilhada por todos.

Há que se considerar também a forma de convivência das famílias. Em suas extensões, cada vez mais raras hoje, avós, tios, irmãos dispunham de tempo para ajudar a cuidar das crianças e dos jovens e educá-los. Muitas mães não trabalhavam fora de casa. O núcleo familiar foi se restringindo e hoje a contribuição de outros parentes nem sempre é possível – falta tempo, chocam-se concepções

3. O QUE é uma cidade educadora? *Cidades Educadoras*, s/d.
Disponível em: <<https://cidadeseducadoras.org.br/conceito>>. Acesso em: 3 mar. 2019.

de Educação etc. O resultado é a sobrecarga de atribuições dos responsáveis pelos filhos, gerando, muitas vezes, situações de estresse para todos. Em meio a tudo isso está o estudante.

A criança, especialmente do início do Ensino Fundamental 1, vai para a escola com muitas expectativas, porque sabe que é um lugar de aprender, de se desenvolver, de conhecer pessoas, de se relacionar. A sociedade valoriza esse passo:

“Que beleza! Já vai para o 1º ano!”

“Como você cresceu! Já está no 1º ano!”

“Vai ficar muito sabido! Já começou a ler e escrever!”

Sabemos que a escola, ao menos na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental, é bastante significativa para as crianças. Mesmo quando não é considerada boa pela família do ponto de vista do ensino, ela o é pelos alunos. O que acontece durante a trajetória escolar com o significado dado à instituição? A pesquisa Nossa Escola em (Re)Construção,⁴ realizada pelo Porvir em parceria com a Rede Conhecimento Social, dá voz a adolescentes e jovens de 13 a 21 anos sobre diferentes temáticas escolares e disponibiliza, além dos resultados, materiais (questionários, por exemplo) a diretores de escolas públicas e particulares, bem como a gestores municipais e estaduais que queiram realizar a pesquisa.

O espaço escolar é o lugar privilegiado que possibilita a experiência da empatia, ou seja, aprender a se colocar no lugar do outro e analisar a situação do ponto de vista dele. Ao longo da escolaridade e das vivências fora da escola, essas aprendizagens vão se constituindo em um modo de ser, de se relacionar, que o aluno levará para toda a vida.

4. A ESCOLA que os jovens querem. *Nossa Escola em Reconstrução*.
Disponível em: <<http://porvir.org/nossaescola>>. Acesso em: 3 mar. 2019.

Na perspectiva da Educação Integral, cada estudante pode e deve ser tratado de acordo com suas características pessoais, tenha ele deficiências cognitivas ou físicas reconhecidas como tais ou não. Todos são diferentes e cada um precisa de um olhar atento. Atender a cada demanda específica é trabalhoso e preocupante. Ao mesmo tempo, encanta.

Quando a demanda de um aluno é muito intensa, a culpa recai sobre a família, “que não soube/sabe educar ou cuidar direito”, como muitas vezes se ouve dentro da escola. De outro lado, pensam as famílias: “Se a escola, especialista em Educação, não sabe educar, como nós, que não somos especialistas, podemos ser os únicos responsáveis?”. Como este é um trabalho dedicado aos gestores, propomos um questionamento: quais podem ser as contribuições da escola para a melhoria de repertório e compreensão de possibilidades das famílias para gerar um convívio mais harmônico?

É preciso uma aldeia inteira...

Educar é uma missão complexa tanto para a escola como para as famílias. Os múltiplos estilos de vida, as diversas profissões que nascem e são extintas, as intensas transformações sociais, econômicas, ambientais tornam essa tarefa ainda mais desafiadora. A velocidade dos avanços tecnológicos acrescenta ao cenário insegurança sobre que caminho tomar, dada a infindável quantidade de informações verdadeiras e falsas disponíveis na internet. A atualidade nos obriga a refletir com afinco sobre como educar e o que ensinar.

Crianças e jovens necessitam de adultos com autoridade para orientá-los em meio a tantas oportunidades e tentações. Como exercer a autoridade? Sozinhos? Acreditamos que não. Diz um provérbio africano: “É preciso toda uma aldeia para educar uma criança”. Também sabemos que, ao educarmos uma criança, o fazemos para o mundo. Ao mesmo tempo, porém, queremos e precisamos protegê-la. Qual o limite? Qual a fronteira?

... e a reflexão contínua

Ao dialogarmos e refletirmos regularmente sobre nossas atitudes como adultos e educadores, aumentamos as condições de torná-las mais intencionais e verdadeiras, além de evitar que nos sintamos ilhados com os problemas. O que é problema para um pode ser solução para outro.

A construção conjunta sobre a criança, o jovem e a sociedade que queremos formar passa necessariamente pelo diálogo entre as partes interessadas. A única certeza que temos é a de que, mesmo diante de tantas mudanças, seguiremos vivendo juntos, apesar de sermos diferentes uns dos outros. Essa é a principal razão para aprender a conversar e escutar o que o outro tem a dizer. Não importam a idade, o gênero, a raça, a etnia, o nível socioeconômico, o grau de vulnerabilidade em que cada um se encontra; todos pensam, expressam-se e precisam ser considerados para haver diálogo, compreensão e transformação genuína dos envolvidos.

Não apresentaremos uma receita pronta nas próximas páginas, e sim sugestões de como caminhar na direção do entendimento por meio de experiências bem-sucedidas. Esperamos que a leitura lhe permita caminhar na construção de bons diálogos com as famílias tendo como foco primordial nossos estudantes!

SAIBA MAIS

PORVIR apresenta resultados da pesquisa Nossa Escola em (Re)Construção. *Porvir*, 20 set. 2016. Disponível em: <<http://porvir.org/porvir-apresenta-resultados-da-pesquisa-nossa-escola-em-reconstrucao>>. Acesso em: 3 mar. 2019.

PARTE I

ESCOLA E FAMÍLIAS, A HISTÓRIA DE UMA RELAÇÃO

CAPÍTULO 1

Uma relação necessária?

CAPÍTULO 2

Semelhanças e diferenças

CAPÍTULO 3

Breve histórico

CAPÍTULO 4

Uma relação fundamental

UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA?

Matricular um filho estabelece automaticamente uma relação entre escola e família? Será que é necessário um livro inteiro sobre a formação de vínculo entre essas duas partes? Talvez você, diretor, tenha dúvidas a respeito da necessidade de se debruçar sobre este documento. De outro lado, deve recordar ter ouvido, em diferentes momentos de sua jornada, comentários nos corredores, no pátio, na sala dos professores que expressam certa nostalgia e algum desalento:

“Antes as famílias colaboravam com a escola. Meus pais...”
“Não existe mais família como antigamente.”
“Esses alunos de famílias desestruturadas só dão problema.”

Essas falas revelam, ainda, a contrariedade que a equipe escolar sente quando grupos familiares não correspondem às expectativas que ela tem. Além disso, evidenciam julgamentos perante a diversidade da sociedade contemporânea.

Como vimos na **Introdução** (p. 9), as famílias também constroem representações equivocadas sobre a escola, seus profissionais, seus espaços e suas ações. Nosso objetivo, ao exemplificarmos algumas observações dos docentes, foi desvelar as ideias que sustentam nosso olhar e nosso pensar sobre os familiares, para instigar algumas reflexões:

“Será que houve um tempo em que a relação entre escola e famílias fluía sem problemas?”
“Será que as famílias de antigamente eram melhores?”
“Será que as novas famílias têm estrutura para educar seus filhos?”

Essas questões levam a pensar sobre nossos preconceitos e juízos de valor. Contudo, para iniciarmos essa abordagem, precisamos recorrer aos aportes da história e de outras ciências sociais. Esta primeira parte do livro trata da história da instituição escolar com foco na construção da relação com as famílias ao longo do tempo, até chegar a sua constituição na atualidade.

É comum vermos as famílias culpando a escola por fracasso ou evasão e vice-versa, em um verdadeiro “jogo da batata quente” que ninguém quer segurar. Mas de quem seria a “culpa”? A quem caberia essa “responsabilidade”?

Segundo a pesquisa Includ-ed,¹ coordenada pelo Community Research on Excellence for All (CREA), da Universidade de Barcelona, altos índices de fracasso e evasão escolar têm como principal consequência a desigualdade social, que resulta em problemas que atingem a sociedade como um todo: marginalização, desemprego, violência, entre outros. Ou seja, a escola ainda é o espaço onde podemos mudar essa realidade e, por isso, desempenha papel fundamental na superação da desigualdade social. No entanto, sozinha não dispõe das ferramentas nem do alcance necessários.

Assim, respondendo às perguntas colocadas antes, não há culpados; a responsabilidade cabe a todos – famílias, gestores, professores, alunos, demais funcionários e vizinhos. Faz-se necessário conscientizar e sensibilizar os atores envolvidos em uma parceria que atue para alcançar um objetivo comum: garantir Educação de qualidade às crianças, aos adolescentes e aos jovens que estudam na escola da comunidade e são parte dela, com suas famílias.

Convidamos você a continuar lendo estas páginas para juntos ampliarmos o olhar para as questões que cercam a necessidade da relação entre escola e famílias.

1. A pesquisa, em inglês, está disponível em: <<http://creaub.info/included>>. Para um resumo em português, ver: <<https://comunidadeaprendizagem.com/uploads/materials/26/2944b1fd4df2988d4fa0a95f796cec1b.pdf>>. Site do CREA: <<https://crea.ub.edu/index/?lang=es>>. Acessos em: 8 mar. 2019.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

Crianças, adolescentes, jovens e adultos habitam a escola e a família. As crianças ingressam cada vez mais cedo na unidade escolar e a frequentam diariamente por muitos anos. No seio familiar, todos convivem em um espaço constituído por laços que podem ser consanguíneos ou não.

Em ambas as instituições estabelecemos vínculos afetivos. Elas se assemelham por abrir o mundo para nós e nos “capacitar” para seguirmos com autonomia na vida. Também são semelhantes por nos mostrar quem somos e nos revelar as regras de convivência.

As duas querem que crianças, adolescentes e jovens se desenvolvam plenamente e atuam para isso. Entretanto, não o fazem com a mesma metodologia e intencionalidade, e aqui se mostram as diferenças. Na família, crianças, adolescentes e jovens são filhos; na escola, alunos.

A escola responde ao compromisso e à reponsabilidade de ensinar a todos e a cada um dos estudantes os objetos de conhecimento acumulados historicamente pela humanidade e que fora dela seriam difíceis de aprender. Além disso, como instituição, promove o desenvolvimento e a socialização. A família, por ser o primeiro espaço que habitamos, precisa acolher e cuidar de seus filhos e criá-los em um ambiente saudável, amoroso e respeitoso. As oportunidades de aprendizagem que oferece dependem de seu repertório psíquico, afetivo e cultural e de seu nível socioeconômico.

Na família, deve haver reciprocidade de afeto, cuidado e aceitação e possibilidade de papéis estáveis – ser filho é para a vida toda. Na escola, o sujeito encontra uma cultura própria – a escolar –, à qual deve se adaptar e na qual é portador de um papel transitório – ser aluno tem um tempo determinado.

As duas educam para viver no mundo; nenhuma educa para si. No entanto, ambas as instituições nem sempre conseguem o sucesso almejado no desenvolvimento de seus papéis e se culpabilizam reciprocamente. Escola e famílias “se acostumaram” a apontar a outra como responsável pelo eventual insucesso de crianças, adolescentes e jovens, mas essa atitude não as aproxima para que reflitam e atuem em parceria para melhorar a trajetória pessoal e escolar dos estudantes. As duas precisam desejar o sucesso desses sujeitos e se rever continuamente.

O breve passeio pela história que constitui o próximo capítulo nos ajudará a compreender como escola e famílias podem construir uma parceria.

BREVE HISTÓRICO

Este capítulo começa pela escola no século 19, mas você encontrará, ao final dele (p. 32), uma linha do tempo da evolução da instituição, cuja leitura recomendamos; afinal, como nos lembra Maurice Tardif, docente da Universidade de Montreal, Canadá, ao chegarmos a uma escola, adentramos uma densa cultura educacional com mais de 2,5 mil anos de história.¹

Até o início do século 19, havia uma separação muito clara entre escola e famílias. A primeira era responsável pelo que se chamava de instrução, e a segunda, pela Educação. A instrução consistia na transmissão de parte do conhecimento científico adquirido pelo ser humano: fórmulas, períodos históricos, mapas, princípios da física, a língua e a linguagem etc. A Educação era compreendida não apenas como o ensino de bons modos, mas também como a formação ético-moral,² a construção de valores e costumes e o desenvolvimento da personalidade.

Essa organização perdurou por muitos anos. Talvez ainda esteja viva no imaginário de muitas pessoas e possa explicar algumas frases que ouvimos com frequência: “Os pais de hoje querem que a escola ensine e eduque!” ou “As escolas de antigamente é que eram boas!”. Tais afirmações não são verdadeiras, porque se referem a uma escola de bases europeias que era inadequada ao perfil da população do Brasil na época, ou seja, pessoas de diferentes culturas, que viviam, muitas vezes, em locais de difícil acesso. Vale lembrar também que havia um número

pequeno de escolas. Outro dado: no Brasil de meados do século 19, era comum que a criança, depois de aprender a ler e escrever, deixasse de estudar para trabalhar no campo. Éramos um país agrícola e escravocrata.

Os acontecimentos mundiais do período, como a Revolução Industrial, o surgimento da burguesia, o fim de grande parte das monarquias na Europa, o crescimento das cidades e a consolidação de novas classes sociais, alçaram a escola a outro patamar. Ela se popularizou e começou a ser vista como um caminho para a ascensão social e profissional. Também houve mudanças no modelo educacional, que passou a depositar na Educação a esperança/expectativa de resolução dos problemas da sociedade. Jane Margareth Castro e Marilza Regattieri afirmam:

*Foi a partir da proclamação da República em 1889 que a escolarização ganhou impulso em direção à forma escolar que conhecemos atualmente. Pode-se mesmo afirmar que a escola se transforma numa instituição fundamental para a sociedade brasileira há pouco mais de 100 anos, e nesse sentido, ela pode ser considerada uma instituição republicana.*³

Esse cenário político, econômico e social também trouxe mudanças para as famílias, que migraram para as cidades em busca de melhores condições de vida e de novos cuidados com a higiene e com a saúde (ver box **Os impactos das mudanças sociais nas famílias**, p. 28). Internamente, elas também precisaram se reorganizar por causa da saída das mulheres para o trabalho nas fábricas.

No início do século 20, o objetivo da Educação em nosso país era formar sujeitos dóceis e obedientes. A aprendizagem caracterizava-se pela memorização e padronização, de modo a perpetuar modelos sociais baseados na divisão de classes, segundo a perspectiva econômica regida pela Revolução Industrial.

1. SCACHETTI, Ana Lúcia. História da Educação no Brasil. *Nova Escola*, série especial, 1º jun. 2013. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1910/serie-especial-historia-da-educacao-no-brasil>>. Acesso em: 11 mar. 2019.
2. LA TAILLE, Yves de. Moral e ética no mundo contemporâneo. *Revista USP*, n. 110, p. 29-42, jul./set. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/issue/view/9354/858>>. Acesso em: 11 mar. 2019.

3. CASTRO, Jane Margareth; REGATTIERI, Marilza. *Interação escola-família: subsídios para práticas escolares*. Brasília: Unesco/MEC, 2009. p. 21. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=4807-escola-familia-final&Itemid=30192>. Acesso em: 11 mar. 2019.

OS IMPACTOS DAS MUDANÇAS SOCIAIS NAS FAMÍLIAS

Com o surgimento do sentimento de família, a vida privada ganhou espaço em relação à vida pública – antes, os fatos da rua eram um prolongamento da vida privada. Isso, aliado à noção da infância, reconfigurou a família como um espaço de vida particular. Nesse contexto, a casa transformou-se de modo a oferecer privacidade, isolamento e discrição a seus moradores.

Mesmo quando os cômodos se comunicavam, não se era mais forçado a atravessá-los para passar de um ao outro. [...] Não havia mais camas por toda parte. As camas eram reservadas ao quarto de dormir, mobiliado de cada lado da alcova com armários e nichos onde se expunha um novo equipamento de toailete e de higiene.¹

A reorganização da casa e o cuidado com a Educação e a saúde da criança marcaram a reforma dos costumes da vida familiar, configurando a família do século 17. Assim chegamos à Idade Contemporânea.

O conceito de família sofreu, portanto, grandes mudanças ao longo do tempo. A influência dos movimentos sociais, dos ideais de democracia, igualdade e dignidade trouxe novas configurações, e a tendência é a de funcionamento democrático, em que os laços de união passaram a ser afetivos e a busca da felicidade tornou-se fundamental no espaço familiar.

As pessoas não mais se unem necessariamente para o aumento do patrimônio nem apenas para a procriação. Na atualidade, as famílias, em sua maioria, são constituídas pelo sentimento de amor e pela vontade de cada um de juntar-se ao outro. Como esse modelo é regido pelo desejo dos envolvidos, há diferentes arranjos: família monoparental, família formada por pessoas do mesmo sexo, famílias reconstituídas, famílias que se separam, entre outras estruturas.

As transformações sofridas retratam os movimentos sociais e os contextos históricos em que ocorreram. Assim, no século 21, a família tornou-se um conceito plural, como a sociedade contemporânea, regida pela tecnologia e pela informação. São essas as famílias que estão em nossas escolas hoje em dia. Será que as reconhecemos como parceiras na formação dos estudantes/filhos?

1. ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. São Paulo: LTC, 2012. p. 185.

Nessa época, 80% da população era analfabeta. Na década de 1930, a Educação passou a ser debatida de maneira mais enfática. Intelectuais brasileiros do movimento escolanovista lançaram o Manifesto dos Pioneiros, cujo principal objetivo era reivindicar a renovação do modelo educacional e proporcionar escola pública, gratuita e obrigatória para todos. A luta dos escolanovistas baseava-se, sobretudo, no enfrentamento das diferenças de oportunidades relacionadas aos níveis socioeconômicos.

Com o estabelecimento constitucional do direito público e universal à Educação, ainda nos anos 1930, a legislação brasileira evoluiu no sentido de garantir às famílias o direito de acompanhar e participar da vida escolar dos filhos. Mais

ainda, determinou que a escola estimulasse e estivesse plenamente aberta a essa contribuição, que se provou vital para o sucesso da aprendizagem.

A popularização do acesso às escolas veio mais tarde, intensificando-se apenas nas décadas de 1960 e 1970. Apesar dessa expansão, o acesso ainda estava longe de atender à demanda: naquele período, segundo o Censo Demográfico, 23 milhões de crianças e adolescentes em idade escolar estavam fora da escola.

Mesmo sendo uma escola para poucos, a sociedade tratava com muito respeito o professor. Dizia-se que nas cidades pequenas havia três autoridades: o juiz, o delegado e a professora. Dessa anedota se depreendem dois aspectos importantes sobre as relações da época: o primeiro sobre o cunho autoritário e legitimado do docente, que podia punir os estudantes impermeáveis às regras impostas; e o segundo sobre o grande percentual de mulheres que escolhiam como profissão o magistério, considerado uma carreira facilmente conciliável com as tarefas domésticas. Alguns estudiosos situam nesse momento o início da desvalorização da profissão de professor.

Em 1987, consolidou-se a Carta Internacional dos Direitos da Criança, que registrou o acesso da criança ao estatuto de sujeito de direitos e à dignidade da pessoa (ver boxe **Surgimento do conceito de infância**, p. 30). Pouco mais tarde, duas outras legislações, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de 1990, e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, estabeleceram que é obrigação da escola articular-se com as famílias; pais/responsáveis, por sua vez, conquistaram o direito de acompanhar o processo pedagógico e participar da definição de propostas educacionais.

Essas decisões legais contribuíram para uma revisão da concepção de estudante. Até então, ele era como uma página em branco, limitado pelo projeto inicial da escola de massa que organizava a hierarquia das posições no sistema educacional. Como não podia deixar de ser, tais mudanças transformaram os relacionamentos entre as gerações, tanto de pais e filhos como de professores e alunos; relações mais verticais – em que adultos mandavam e crianças, adolescentes e jovens obedeciam sem questionar – entraram em crise.

SURGIMENTO DO CONCEITO DE INFÂNCIA

Em paralelo à história da instituição escolar, também é importante compreender a história do conceito de infância até chegar aos dias atuais, já que ambas se articulam e se impactam fortemente.

O primeiro sentimento de infância surgiu no seio da família entre os séculos 16 e 17. Foi nesse período que a criança se tornou fonte de distração e relaxamento em decorrência de sua ingenuidade, gentileza e graça, sobretudo para as mulheres com quem convivia – amas e mães.

Antes do século 17, ou seja, até meados da Idade Média, não havia apego às crianças, porque isso era considerado desperdício, já que muitas morriam cedo. Alguns indícios revelam a ausência do conceito de infância até então. Por exemplo: meninos e meninas usavam trajes semelhantes aos dos adultos; desde os 3 anos participavam de jogos de cartas e de azar a dinheiro; suas danças também não se diferenciavam.

No século 17, religiosos e educadores moralistas impuseram sua autoridade e concepções sobre a infância. Apareceu, assim, a preocupação com o pudor, por exemplo, em jogos que geravam vícios e eram pouco inocentes. A partir daí, observou-se o início da inocência infantil. A infância, então, deveria ser preservada das ações consideradas impróprias, especialmente as vinculadas à sexualidade entre os adultos. Uma vez preservada, a infância teria de ser então fortalecida pelo desenvolvimento do caráter e da razão.

As mudanças na legislação também afetaram diretamente os professores. Acostumados ao papel de soberanos do ensino e da aprendizagem na sala de aula, viram-se obrigados a conviver com as angústias, dúvidas e cobranças de familiares que, em alguns casos, não tiveram chance de estudar e desconheciam os códigos e a cultura do ambiente escolar.

A prática, porém, provou-se muito mais desafiadora. A maioria das escolas interpretou – e ainda interpreta – essas leis como um chamamento a realizar reuniões de pais para comunicar o aproveitamento dos filhos. Criou-se uma linha única de comunicação, na qual não há diálogo, e sim um processo de informação⁴ sobre os resultados de aprendizagem e o comportamento. Em algumas situações, a família é considerada a única responsável pelas atitudes e pelo compromisso dos estudantes com a escola.

4. Na Parte II (p. 57) abordamos alguns tipos de participação da comunidade (famílias e outras instituições) na escola.

Síntese

Diante de tantas mudanças, cabe aqui evocar a velha história de uma pessoa que, acometida de uma doença que a fez dormir por cem anos, acorda em um mundo completamente transformado. Não reconhece mais os lares, nos quais as conversas da hora do jantar foram substituídas pela solidão dos aparelhos eletrônicos, nem os bancos, onde não há mais funcionários trajados de maneira formal, e sim máquinas operadas por cartão. Pelas ruas não circulam bondes nem carroças, mas automóveis. Em meio a seu espanto, a personagem entra em uma sala de aula e, ao ver um quadro-negro e um professor fazendo um ditado, suspira, aliviado: “Enfim, um lugar que reconheço! Aqui nada mudou”.⁵

É impactante pensar em quanto há de exagero e verdade nessa história. A escola mudou ao longo do tempo, mas a família sofreu transformações muito maiores. As instituições escolares não estão dialogando com as pessoas que as frequentam nem acompanhando as demandas a elas impostas pelas relações sociais contemporâneas. No entanto, família e escola estão vinculadas, por muitos anos,⁶ em função das crianças, dos adolescentes e dos jovens que educam. Uma vez que vivemos em sociedade, precisamos que valores como respeito, solidariedade e empatia, além de atitudes de diálogo e construção coletiva, sejam estruturantes para a Educação dentro e fora da escola.

Veja a seguir (p. 32) uma linha do tempo sintética da história da escola.

5. Adaptado de: CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. O tempo da escola. *Educação*, 3 jul. 2018.

Disponível em: <<http://www.revistaeducacao.com.br/o-tempo-da-escola>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

6. No mínimo os 12 anos da Educação Básica (nove anos de Ensino Fundamental e três de Ensino Médio).

ANTIGUIDADE (4000 a.C.-século 5)

A palavra “escola”, do grego *scholé*, designa lazer, descanso e ócio¹ – este último não como passatempo, mas como tempo livre para diálogos e reflexões. Assim acontecia na Grécia Antiga, principalmente em Esparta e Atenas. Em ambas as cidades a Educação servia para formar homens das classes dirigentes, ensinando-lhes os conteúdos necessários para o desempenho das funções de poder: política, filosofia, aritmética, artes militares e eloquência – a arte de se expressar bem na “arena política”. A diferença na Educação estava, principalmente, no foco de cada uma: em Atenas a ideia era a promoção do equilíbrio entre mente e corpo; em Esparta havia um objetivo mais disciplinador, voltado para a formação militar. De qualquer maneira, podemos dizer que os dois modelos contribuíram para a configuração da escola de hoje.

IDADE MÉDIA (séculos 5-15)

No início da Idade Média, apenas um pequeno número de clérigos, de diferentes idades, tinha acesso a instituições de ensino. À época,

*não prestavam atenção nisso [ter estudantes de idades variadas] e achavam natural que um adulto desejoso de aprender se misturasse a um auditório infantil, pois o que importava era a matéria ensinada, qualquer que fosse a idade dos alunos. [...] Assim que ingressava na escola, a criança entrava no mundo dos adultos.*²

Isso se explica pela ausência do sentimento da infância, que não diz respeito à afeição, e sim à falta de consciência da particularidade infantil.

As escolas medievais eram frequentadas por indivíduos de 6 a 20 anos (aproximadamente) que estudavam juntos em um mesmo espaço. Na mesma época – séculos 15 e, sobretudo, 16 –, a instituição escolar ampliou seu público. Antes formado por uma pequena minoria de clérigos letrados, abriu-se cada vez mais para nobres e burgueses leigos, bem como para famílias mais populares.³ Não existia uma grade curricular indicando o que seria ensinado.

IDADE MODERNA (1453-1789)

Entre os séculos 15 e 18, a escola foi se transformando até aproximar-se do modelo atual. Durante o século 15, começou-se a adequar o ensino à faixa etária do aluno e criou-se a organização com um professor para uma classe escolar. Embora a distinção entre criança e adulto não fosse clara, já havia uma conscientização a respeito da particularidade da infância, de sua fragilidade e de sua inocência e, portanto, da necessidade de preservá-la. No século 16, instituiu-se o colégio hierarquizado por salas, separando as crianças de acordo com a idade. A partir do século 18, a escola única foi substituída por um sistema de ensino duplo, em que cada ramo correspondia não a uma idade, mas a uma condição social: o liceu ou o colégio para os burgueses (o secundário) e a escola para o povo (o primário).⁴

IDADE CONTEMPORÂNEA (1789-atualidade)

Para os abastados, a Educação no século 18 acontecia no colégio ou liceu; lá, recebiam um ensino mais longo, equivalente ao “secundário”. As classes populares iam para a escola e podiam chegar até o correspondente ao “primário”, um ensino mais breve. No entanto, nem todos passavam pelo colégio, e o mesmo valia para a escola. Alguns não frequentavam essa instituição e outros permaneciam nela por um ou dois anos; assim, a infância se tornava mais curta, pois cedo já trabalhavam.

1. ORIGEM da palavra escola/liceu. *Dicionário etimológico*. Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/escola-liceu>>. Acesso em: 11 mar. 2019.

2. ARIËS, op. cit., p. 108-9.
3. Idem, p. 111.

4. Idem, p. 127.

UMA RELAÇÃO FUNDAMENTAL

Rever o processo de constituição da escola no século 21 é olhar para momentos econômicos, sociais e políticos da humanidade. Portanto, essa instituição, sua função e sua atuação são definidas pelo tempo histórico. Nesse sentido, e considerando o que foi visto no capítulo anterior, coloca-se uma questão fundamental: como a escola se relaciona hoje com a comunidade em que está inserida e com as famílias das crianças, dos adolescentes e dos jovens que a frequentam? Como gostaríamos que essa relação se estabelecesse?

A relação entre escola e famílias é de enorme complexidade. Isso ficou mais do que demonstrado por pesquisas das áreas pedagógica e psicológica sobre as mudanças na Educação, o maior conhecimento das formas de ensino e aprendizagem e a importância da vida familiar para o desenvolvimento da criança. O que antes era claro – a escola “ensinava” e a família “educava” – agora é muito intrincado. A vida familiar contemporânea, transformada pelo modelo econômico vigente e pelas tecnologias, caracteriza-se por novos usos do tempo para o cuidado com os filhos e também por variadas configurações, como abordamos anteriormente e reforçamos aqui: famílias monoparentais, famílias com filhos nascidos de inseminação artificial ou de doação de esperma ou óvulos anônimos, de pais ou mães homossexuais, de pais separados, de pais que compartilham a guarda etc.

Toda essa complexidade exige da equipe escolar um olhar renovado para as famílias das crianças, dos adolescentes e dos jovens que estão hoje nas escolas. Ao pensar no acompanhamento das famílias em sua singularidade, sem julgamento de valor ou preconceito, a escola contribui muitíssimo para o desenvolvimento e a aprendizagem dos estudantes. Como veremos nos próximos capítulos,

é essencial a adoção de uma postura acolhedora, empática e compreensiva na construção das relações entre as duas instituições.

A escola é a principal referência de toda ação educativa, e nela passamos muitos anos. Por meio dela, esperamos conquistar nossos sonhos e nos tornar pessoas solidárias, respeitadas, capazes de aprender e seguir aprendendo. Falamos de uma escola humanizadora, na qual todos se relacionem de maneira afetiva e embasada por valores éticos e morais.

A pesquisadora portuguesa Isabel Alarcão afirma que “uma escola sem pessoas seria um edifício sem vida. Quem a torna viva são as pessoas: os alunos, os professores, os demais funcionários e os pais, que não estando lá permanentemente, com ela interagem. As pessoas são o sentido de sua existência”.¹ E a escola, rompendo sua organização burocratizada, disciplinadora e padronizada, precisa favorecer as interações entre todos os atores envolvidos, garantindo, assim, esse movimento vital, pulsante.

Alunos e suas famílias pertencem a uma sociedade que privilegia a fluidez das coisas e a pouca durabilidade das relações, conforme nos aponta Zygmunt Bauman em sua obra.² Nesse contexto, a instituição escolar “se debate” perante as incertezas de como seguir “cativando” esses estudantes para sua rotina naturalizada. Cabe a ela o papel de construir pontes bem alicerçadas para forjar os vínculos com as famílias. É a escola que tem a responsabilidade, os recursos humanos e os meios para se aproximar dos familiares para que, juntos, apoiem a trajetória escolar das crianças, dos adolescentes e dos jovens.

Um dos pilares que sustentam essa ponte é o cuidado: o cuidar em seus diferentes níveis, estabelecido como cultura institucional; o cuidar do ambiente escolar para garantir a integridade física e o acesso a todos; o cuidar da comunicação, isto é, do falar com o outro para que este se sinta respeitado e acolhido, mesmo

1. ALARCÃO, Isabel (Org.). *Escola reflexiva e nova racionalidade*. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 20.

2. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

que sua opinião seja discordante; o cuidar para comunicar e para compartilhar o sentido das ações, como nos orientam José Bernardo Toro e Nísia Werneck.³

A escola, ao privilegiar a aproximação com as famílias como parte de seu trabalho, fortalece o pilar do cuidado. Essa ação se dá quando acolhe os alunos sem conceitos construídos antes mesmo de conhecê-los e considerando os conhecimentos que eles já trazem ao chegar, bem como o apoio que podem (ou não) ter em seus lares. Ela cuida para que as desigualdades sociais não se transformem em desigualdades escolares, por meio do apoio à compreensão do papel de estudante que os alunos necessitam incorporar para se desenvolver. Aliás, ao contrário e de maneira utópica – mas por que não sonhar? –, é o espaço ideal para transformar as desigualdades sociais em igualdade de oportunidades.

Ao matricular-se na escola, cada estudante leva consigo as circunstâncias sociais e econômicas de seu contexto familiar e social. Assim, aqueles cujas famílias têm experiências e valores próximos aos da escola, além de recursos para investir no apoio a sua carreira acadêmica, vivem uma experiência mais significativa. Tais famílias comunicam-se com a escola com mais regularidade, conversam com seus filhos sobre as atividades escolares, participam dos eventos, das reuniões e da vida escolar, e valorizam os sonhos dos alunos/filhos.

O que podemos fazer, porém, com os estudantes que vivem em lares em que os pais são ausentes ou dirigem-se a eles com expressões depreciativas, nas quais começam a acreditar, de tal modo que suas ações passam a confirmar esses julgamentos? “Se os pais não acompanham, nós, na escola, não podemos fazer nada!” Com certeza, frases como esta e uma postura de abandono em nada ajudarão essa criança, esse adolescente ou esse jovem; é justamente em casos assim que a intervenção docente e da escola, embora difícil, faz-se mais necessária. Cabe à escola oferecer a esse público maior apoio educacional e, por que não, emocional,

3. TORO, José Bernardo; WERNECK, Nísia Maria Duarte. *Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação*. Brasília: Unicef, 1996.

para que possa construir experiências bem-sucedidas na instituição e com isso, quem sabe, transformar a imagem que possui de si mesmo.

Quando matriculam seus filhos na escola, os pais acreditam que, por meio da aprendizagem, eles se tornarão mais capazes de interagir com o mundo que os rodeia. Confiam que o professor fará o melhor para ajudar seus filhos nesse processo. E a escola, ao cuidar de seus alunos e expô-los à aprendizagem, corresponde a essa confiança.

A relação entre escola e famílias abarca todos os espaços da instituição de ensino: salas de aula, refeitório, portão de entrada, secretaria. Nessa perspectiva, todos os funcionários, docentes e não docentes, são também responsáveis pelo estabelecimento desse relacionamento.

Por isso, é fundamental a escola conhecer e caracterizar sua comunidade. É a partir dessa caracterização que ela se reconhece, avalia e elenca suas necessidades, construindo uma identidade coletiva e representativa. É papel da gestão escolar, com apoio da equipe pedagógica, reunir informações acerca de seu entorno e das famílias de seus alunos. Esses dados podem ser capturados nas fichas de matrícula ou em outros instrumentos, como questionários complementares e/ou entrevistas que organizem informações sobre renda, escolaridade e profissão dos pais, cidade de origem, entre outras. A coleta dessas referências permitirá o pleno conhecimento dos contextos familiares dos estudantes e, de posse delas, a escola poderá pensar na melhor maneira de desenvolver ações, projetos político-pedagógicos e institucionais, bem como estabelecer parcerias de modo dialogado com as famílias. Afinal, muitas ações da escola podem ter boas intenções, mas correm o risco de afastar as famílias por não atender a suas expectativas – as quais, muitas vezes, não foram antecipadas pela equipe escolar.

É preciso repensar e transformar a relação entre escola e famílias na perspectiva que nos aponta Rosa Maria Torres:

A escola não é um ente separado da comunidade; é parte da comunidade, está inserida na comunidade. A função da escola é servir a comunidade, e não o

*contrário: as comunidades não foram criadas para servir a escola. É a escola que deve participar na comunidade, vincular-se à comunidade, colocar-se a seu serviço. É a escola que deve aproximar-se das necessidades e expectativas dos pais e da comunidade em seu conjunto.*⁴

A escola é um direito da comunidade e está a serviço das famílias que a compõem; não é um privilégio ou um favor prestado à comunidade.

No processo de construção coletiva da identidade da instituição e do vínculo com sua comunidade, você, gestor, deve ficar atento ao modo como a escola se relaciona com as famílias dos alunos, seja nas reuniões de pais, no funcionamento do conselho escolar ou mesmo em eventos. Esse olhar possibilitará não só realizar uma avaliação coletiva acerca de como acontece essa parceria e do que se espera construir no futuro, mas também qualificar as ações de valorização das famílias na escola.

Cabe à escola dar o primeiro passo na direção de uma parceria com as famílias. Afinal, muitos pais, familiares e responsáveis, por sua referência histórica de escola, pelo estilo de vida ou até mesmo pelo desconhecimento de direitos garantidos, não se sentem autorizados a ter participação ativa em uma instituição que constitui bem comum. As famílias são o que são. No entanto, a escola pode contribuir para que vejam o mundo com novos olhares; precisa aceitá-las e acolhê-las e, principalmente, compreender que não se trata de uma questão de tolerância, mas de intencionalidade e de construção de uma vida melhor para todos. Sabemos que um ambiente escolar democrático, com participação da comunidade e das famílias, traz benefícios significativos para a aprendizagem e o desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens. Quando há ruptura na relação entre escola e famílias, o estudante é diretamente afetado. Por isso, é importante que sigamos pensando na melhor maneira de criar e fortalecer esse vínculo.

4. TORRES, Rosa Maria. *Educação e imprensa*. São Paulo: Cortez, 1996. p. 105.

Dessa maneira, caro gestor, ao garantir atenção e cuidado nas relações que se estabelecem no espaço escolar e assumir que esse é um território público e pertencente à comunidade, a instituição dá início a uma nova maneira de construir sua identidade: uma maneira coletiva, que considera e contempla as demandas das pessoas que são parte desse espaço. Fazer isso, porém, não é tão simples assim. Há muitas perguntas, anseios e dúvidas inerentes ao processo de transformar as relações. Por isso, nos próximos capítulos, vamos expor algumas situações-problema frequentes nas instituições escolares e mostrar como podem dialogar com conceitos importantes para essa conquista. Nossa proposta é apresentar possíveis caminhos e estratégias para alcançar o objetivo de construir relações cada vez mais dialógicas e participativas.

No capítulo a seguir, abordaremos o conceito de formação integral dos estudantes, um tema que produz vários questionamentos, já que, em sua essência, expõe os conflitos que mencionamos anteriormente. Convidamos você, gestor, a percorrer as páginas deste livro com o espírito aberto para escutar e refletir sobre os temas que abordaremos.

SAIBA MAIS

A FAMÍLIA: o passado e o contexto atual. Disponível em: <http://www.unicap.br/tede//tde_arquivos/1/TDE-2012-01-16T121123Z-470/Publico/capII.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2019.

AUGUSTO, Luis Fernando. *A evolução da ideia e do conceito de família.* Jusbrasil. Disponível em: <<https://advocaciatpa.jusbrasil.com.br/artigos/176611879/a-evolucao-da-ideia-e-do-conceito-de-familia>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

CORONADO, Mônica. *Padres en fuga: escuelas huérfanas – la conflictiva relación de las escuelas con las familias.* Buenos Aires: Noveduc, 2012.

CUNHA, Matheus Antonio da. *O conceito de família e sua evolução histórica.* Investidura. Disponível em: <<http://investidura.com.br/biblioteca-juridica/artigos/historia-do-direito/170332-o-conceito-de-familia-e-sua-evolucao-historica>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

FAMÍLIA: uma entidade cultural e histórica. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/8122/8122_3.PDF>. Acesso em: 12 mar. 2019.

MORAES, Rochele Pedroso de. *Família: uma construção histórica.* Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sipinf/edicoes/I/34.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

SIEDE, Isabelino. *Entre familias y escuelas: alternativas de una relación compleja.* Buenos Aires: Paidós, 2017.

PARTE II

COLABORAÇÃO COM FOCO NA FORMAÇÃO INTEGRAL

CAPÍTULO 5

Reflexão sobre os conceitos de criança e estudante

CAPÍTULO 6

Aprendizagem dialógica

CAPÍTULO 7

Formação integral de estudantes

CAPÍTULO 8

Tipos de participação

REFLEXÃO SOBRE OS CONCEITOS DE CRIANÇA E ESTUDANTE

Nos capítulos 3 (**Breve histórico**, p. 26) e 4 (**Uma relação fundamental**, p. 34), observamos como a relação entre escola e famílias se constituiu até chegar a sua configuração atual. Ressaltamos que as duas instituições tinham atribuições bem definidas, demarcadas por suas funções sociais, e que hoje seus papéis se entrelaçam e se confundem, o que gera conflitos justamente pela dificuldade em conciliá-los. Ao refletirmos sobre a formação integral de crianças, adolescentes e jovens, precisamos pensá-los como sujeitos do mundo, como cidadãos que fazem parte de ambas as instâncias e que não podem ser fragmentados. Portanto, nosso desafio é compreender como a escola pode promover o desenvolvimento da formação integral convidando as famílias a participar da Educação de seus filhos e a trabalhar juntas por um objetivo comum.

Em busca do aprimoramento das maneiras de ampliar a participação dos familiares na escola, reunimos algumas reflexões com base em situações cotidianas da gestão escolar, seguidas por conceitos relativos a cada tema e por possibilidades de intervenção. Antes de entrarmos especificamente no tema da Educação Integral e nas estratégias para viabilizá-la, sugerimos a você, diretor, um exercício de reflexão com sua equipe para esclarecer a concepção de aprendizagem em que nos baseamos para fundamentar a argumentação aqui utilizada.

Exercício com sua equipe

A atividade¹ que propomos a seguir permite perceber como é fácil fragmentar o sujeito quando o consideramos apenas estudante ou só criança/adolescente. Conforme veremos, esse é mais um motivo para dialogar com as famílias de maneira a trabalhar em conjunto, contemplando esse principal sujeito como um todo.

1. Chame sua equipe para realizar o exercício e depois socializar a reflexão.
 - a. Distribua duas folhas avulsas para cada participante. Na primeira, solicite que escrevam o que lhes vem à cabeça quando ouvem o termo “estudante” (no máximo cinco palavras). Depois, peça que escondam essa folha. Em seguida, na outra, que escrevam o que lembram quando ouvem o termo “criança” ou “adolescente” (até cinco palavras).
 - b. Compartilhe as palavras que cada um registrou e organize as duas listas em um cartaz: de um lado, as palavras que representam “estudante”; de outro, as que representam “criança” ou “adolescente”. Leia as listas separadamente e solicite que respondam:
 - ▶ Há diferenças entre as palavras das duas listas? Em sua opinião, o que marca essas diferenças?
 - ▶ Por que aparecem essas diferenças nas duas listas? Estudantes não são crianças/adolescentes?
 - ▶ Quem frequenta nossa escola: estudantes ou crianças/adolescentes?
 - ▶ Os espaços da nossa escola estão organizados para acolher estudantes ou crianças/adolescentes?

1. Atividade adaptada de: FUNDAÇÃO Vale. *Formação da equipe da Secretaria de Educação: gestão da Educação*. Caderno bimestral II, s/d. p. 23. Disponível em: <<http://www.fundacaovale.org/Documents/CadSecretaria-gestao-educacao-caderno-bimestral-ii.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

- ▶ As políticas educacionais e as condições asseguradas pela Secretaria de Educação consideram que estudantes são crianças/adolescentes?
- ▶ Como gestor, seu papel é assegurar as condições para ensinar e educar estudantes ou crianças/adolescentes?

É provável que as listas apresentem diferenças. As palavras que representam “criança” ou “adolescente” podem ter relação com afeto, direitos e atividades normais da infância ou adolescência, como correr e brincar e questionar e discutir. Já as palavras que representam “estudante” podem estar relacionadas a rigidez, disciplina e deveres escolares. As listas revelam as concepções de estudante e criança/adolescente e permitem refletir sobre quanto a cultura escolar acaba desconsiderando o estudante conforme sua faixa etária.

2. Para complementar a reflexão, leia com os integrantes de sua equipe o texto do box **Ensina**mos estudantes ou crianças/adolescentes? (p. 45), que ajudará a compreender por que fazemos distinção entre estudante e criança/adolescente na cultura escolar no mundo contemporâneo.

ENSINAMOS ESTUDANTES OU CRIANÇAS/ADOLESCENTES?¹

Parece uma pergunta estranha, mas vamos analisá-la voltando ao passado. Ao longo da maior parte da história do Ocidente, a infância correspondia a um breve período da vida restrito aos anos em que ainda não se conseguia falar ou andar com as próprias pernas. Na Antiguidade clássica e na Europa medieval, um ser humano de 9 ou 10 anos já era tratado como um pequeno adulto, capaz de assumir compromissos como o casamento ou enfrentar inimigos durante a guerra. A escola consistia em um espaço frequentado por meninos de todas as idades por pouco tempo. A Educação era um meio de transmitir a cultura e os hábitos, sem pretensão de formar o indivíduo para o convívio em sociedade.

Foram os jesuítas, entre o fim do século 17 e o início do 18, que introduziram a ideia da infância como um período demarcado da vida que requer orientação moral e conhecimentos enciclopédicos. O tempo atribuído à infância e à adolescência se tornou, então, na Idade Moderna, aquele em que se está na escola, recebendo os conteúdos éticos e científicos considerados necessários para ingressar na vida adulta e profissional. Com essa nova concepção, surgiu, também, a disciplina escolar, ou seja, o conceito de que os adolescentes, despreparados para a vida prática e com personalidade em formação, precisam ser constantemente observados e protegidos. Com esse pretexto, a escola passou a ocupar mais e mais horas, dias e anos na vida dos estudantes, estendendo o tempo anterior à vida adulta. A lógica da disciplina escolar clássica dita que, ao entrar na sala de aula, o indivíduo é considerado estudante e precisa cumprir regras, ser supervisionado e permanecer quieto para absorver o saber transmitido pelos mestres. A liberdade para se expressar e brincar fica do lado de fora da porta. Ao longo do tempo, essa ideia fez com que muitos educadores esquecessem que estudante e criança/adolescente são a mesma pessoa.

Na atualidade, à luz das teorias contemporâneas da pedagogia e da psicologia, não há mais espaço para separar estudante de criança/adolescente. Dentro da escola devem-se cumprir regras e deveres e respeitar limites, que fazem parte do processo educacional e de convivência. No entanto, nem por isso o estudante deixa de ser criança/adolescente e perde o direito de desfrutar a vida plenamente, brincando, expressando-se, interagindo, convivendo e contribuindo de maneira ativa para a própria aprendizagem, em um espaço digno.

Ter em mente que todo estudante é uma criança ou um adolescente com uma história pessoal, desejos, sentimentos e sonhos, que precisam ser considerados no processo de ensino, é fundamental para o gestor escolar e para o educador em sala de aula. O direito à Educação só pode ser completamente efetivado se esse indivíduo for visualizado em toda a sua plenitude e tiver suas necessidades contempladas.

1. Adaptado de: COMUNIDADE Educativa CEDAC. Ensina

APRENDIZAGEM DIALÓGICA

Para fundamentar nosso raciocínio, apresentamos neste capítulo uma breve descrição da concepção de aprendizagem na qual se baseiam as ações sugeridas nos próximos capítulos e os argumentos que as sustentam (ver boxe **Princípios da aprendizagem dialógica**, p. 48).

A aprendizagem dialógica fundamenta-se na variedade das interações e no diálogo. É uma abordagem que prima pelo direito à palavra e pelo dever da escuta de todos os envolvidos nas diferentes situações de ensino e aprendizagem dentro e fora da escola. Muitas vezes banalizamos o termo “diálogo” por acreditarmos que está implícito em qualquer tipo de comunicação. Entretanto, é comum assistirmos a diversas situações nas quais não existe a escuta do outro e, portanto, não há diálogo. No livro *Aprendizagem dialógica na sociedade da informação*, encontramos a seguinte definição:

A aprendizagem dialógica é produzida em diálogos igualitários, em interações nas quais é reconhecida a inteligência cultural de todas as pessoas e que são direcionadas à transformação dos níveis prévios de conhecimento e do contexto sociocultural, de modo que seja possível avançar até o sucesso de todos e todas. A aprendizagem dialógica é produzida em interações que aumentam a aprendizagem instrumental, favorecem a criação de sentido pessoal e social, estão orientadas por princípios solidários e nas quais a igualdade e a diferença são valores compatíveis e mutuamente enriquecedores.¹

1. AUBERT, Adriana et al. *Aprendizagem dialógica na sociedade da informação*. São Carlos: EdUFSCar, 2016. p. 137.

Essa abordagem está ancorada em sete princípios pautados em uma sólida base teórica. Estes, por sua vez, podem ser definidos separadamente, mas se articulam entre si e não existem sem se combinar de diversas maneiras, conforme os objetivos de cada ação proposta na escola. Uma vez incorporados por meio de diferentes estratégias, geram a transformação necessária para que escola e famílias se integrem e possam apoiar-se na tarefa de oportunizar uma Educação de qualidade a todos os estudantes.

SAIBA MAIS

SANTOMAURO, Beatriz. “Aprendizagem dialógica na sociedade da informação é lançado em português”. *Comunidade de Aprendizagem*, 20 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.comunidadeaprendizagem.com/noticias/ver/aprendizagem-dialogica-na-sociedade-da-informacao->>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

PRINCÍPIOS DA APRENDIZAGEM DIALÓGICA¹

Reunimos aqui concisamente algumas definições para que os conceitos apresentados possam ser utilizados como base de práticas possíveis de implementar:

DIÁLOGO IGUALITÁRIO: acontece quando os argumentos de todos os envolvidos são valorizados, ou seja, não importa a posição hierárquica de quem tem a palavra, e sim a validade da argumentação. Por isso, cada pessoa que participa da situação comunicativa deve ter a oportunidade de falar e de ser escutada.

INTELIGÊNCIA CULTURAL: princípio que considera os diferentes saberes que todas as pessoas possuem, para além dos conhecimentos acadêmicos. Aqui, prática e experiência são valorizadas como conhecimentos importantes que devem ter voz nas situações de tomada de decisão dentro e fora da escola.

TRANSFORMAÇÃO: Educação transformadora é aquela que transforma dificuldades em possibilidades, que nos tira do lugar-comum por meio de ações baseadas no diálogo e em múltiplas interações. Esse princípio traz a ideia de que a Educação não se limita à aceitação e à acomodação de realidades predefinidas, mas, ao contrário, deve gerar transformações cotidianas a fim de alcançar equidade e igualdade de oportunidades.

DIMENSÃO INSTRUMENTAL: princípio que garante a todos os estudantes, independentemente de sua origem social, racial e cultural, conhecimentos estruturantes para que alcancem os melhores resultados. Está em estreita relação com a ideia de equidade.

CRIAÇÃO DE SENTIDO: trata-se da aproximação da cultura escolar com a cultura e os valores dos atores envolvidos. Para criar sentido, a escola precisa abrir espaços de interlocução nos quais a diversidade seja contemplada e as realidades externas a ela conversem com as internas. Esse princípio é fundamental para que estudantes e professores (entre outros atores) tenham um senso de pertencimento à escola e esta seja um lugar de referência para a comunidade.

SOLIDARIEDADE: princípio que está diretamente vinculado à ideia de coletividade. Sendo a escola um espaço coletivo, é preciso que todos os atores envolvidos trabalhem em prol de um objetivo comum, mesmo que para isso passem por cima de objetivos pessoais. Esse objetivo comum é a garantia de uma Educação de qualidade a todos os estudantes da escola.

IGUALDADE DE DIFERENÇAS: ideia de que todas as diferenças devem ser igualmente respeitadas, ou seja, nenhuma delas pode ser mais valorizada que outras.

1. Síntese feita pela equipe da Comunidade Educativa CEDAC com base em AUBERT et al., op. cit.

Agora que você, gestor, se familiarizou com as bases da aprendizagem dialógica, podemos passar ao próximo capítulo, no qual apresentamos reflexões com base em situações cotidianas e possíveis estratégias de intervenção.

CAPÍTULO 7

FORMAÇÃO INTEGRAL DE ESTUDANTES

Este capítulo está organizado da seguinte maneira: apresentaremos algumas situações cotidianas da gestão escolar, faremos uma discussão conceitual sobre cada uma delas e, por fim, sugeriremos estratégias possíveis para lidar melhor com esses desafios.

SITUAÇÃO 1
Por que os estudantes aprendem mais quando escola e famílias atuam juntas?

CASO
O discurso de que “as famílias não participam”

Mário, diretor de uma escola de Ensino Fundamental, ficava incomodado sempre que os professores e demais funcionários de apoio generalizam as constantes queixas que faziam das famílias dos alunos, tais como: “As famílias não participam”; “As famílias não se importam”; “As famílias não educam”. Ele acreditava que essa generalização, que acabava por acirrar ainda mais as tensões inerentes a essa relação, era fruto de um conhecimento muito superficial dos profissionais de sua unidade a respeito das famílias.

Disposto a aprimorar o relacionamento da escola com os núcleos familiares, pois sabia que isso era fundamental para a aprendizagem, Mário fez uma reunião com Ivana, coordenadora pedagógica, a fim de planejar uma sequência de ações que ajudassem a dar mais visibilidade às pessoas que fazem parte das famílias dos estudantes. Um dos principais desafios que enfrentaram foi: como promover, entre os membros da equipe, a consciência da importância do trabalho conjunto de escola e famílias?

Diretor e coordenadora acreditavam que as expectativas da equipe quanto à atuação dos familiares podiam estar desconstruídas – e vice-versa. Eles decidiram, então, refletir com a equipe sobre uma questão básica para todo o trabalho: por que a atuação conjunta de escola e famílias pode favorecer a aprendizagem dos alunos?

Conceituação

Escola e famílias querem o mesmo: que o estudante, durante sua vida escolar, aprenda, sinta-se bem na escola, tenha amigos, valorize o conhecimento, o diálogo, o respeito e a solidariedade, conscientize-se de que aprender coisas novas fará parte de toda a sua vida. Uma vivência com essa qualidade tem forte potencial para que jovens e adultos sejam capazes de contribuir para o mundo. Se o objetivo é comum, por que algumas vezes escola e famílias se desentendem ou têm dificuldade em atuar conjuntamente?

Embora desejem o mesmo, existem questões internas a esses ideais que nem sempre estão acordadas entre ambas as instituições e que, por isso, podem se tornar fonte de conflito. Por exemplo: “O que é, de fato, ter vivência com qualidade na escola e na família?”.

De acordo com o contexto e a realidade de cada unidade, seja ela pública ou particular, esses conflitos são mais ou menos frequentes. Vejamos: ao fazer matrícula em uma escola pública, nem sempre se consegue escolher a unidade. O processo depende de muitas variáveis e, por essa razão, a chance de uma família desconhecer ou discordar do projeto político-pedagógico (PPP) da escola é maior.

Famílias que matriculam os filhos em uma escola particular geralmente a escolhem com base em seus princípios, recursos financeiros e valores, sejam eles religiosos, ideológicos, culturais ou de outra natureza. Nesse sentido, o contrato inicial entre as duas instituições é explicitado por meio de entrevistas e reuniões de apresentação da proposta pedagógica, o que resulta em mais transparência na comunicação e coerência na escolha. Contudo, isso não significa inexistência de conflitos, já que muitas famílias que pagam a Educação dos filhos se veem como clientes e, portanto, no direito de exigir determinadas condutas que talvez não tenham sido pactuadas no momento da apresentação entre as partes. Além disso, é comum observar que famílias que se comportam assim costumam superproteger os filhos e recusam críticas – estas, às vezes, são colocadas para melhorar a aprendizagem. Em síntese: o gestor deve ter em mente que a falta de comunicação e os conflitos acontecem em qualquer contexto, ainda que com razões distintas.

A perspectiva da formação integral

Não esqueçamos que existe uma confusão de papéis quando se fala em Educação Integral. Nos últimos anos, temos vivido o desafio de construir na escola um ambiente que assegure aprendizagens que estejam além dos conhecimentos conceituais, levando em conta as diversas dimensões humanas, em uma perspectiva integral da formação dos estudantes. Segundo o Centro de Referências de Educação Integral, trata-se de “uma concepção que compreende que a educação deve garantir o desenvolvimento dos sujeitos em todas as suas dimensões – intelectual, física, emocional, social e cultural – e se constituir como projeto coletivo, compartilhado por crianças, jovens, famílias, educadores, gestores e comunidades locais”.¹

1. CONCEITO: o que é Educação Integral? *Centro de Referências em Educação Integral*. Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/conceito>>. Acesso em: 8 mar. 2019.

Um ponto em que toda essa temática deve se basear é o fato de que o estudante é o elo entre a escola e a família, uma vez que seu desenvolvimento representa o interesse comum das duas instituições. Esse ponto pode parecer óbvio, mas, em muitos casos, o distanciamento ou os conflitos entre educadores e familiares, ou mesmo a ausência de comunicação, causam exatamente o efeito contrário: o enfraquecimento do potencial de aprendizagem. Quais vivências podemos imaginar e propor para estabelecer uma relação de qualidade entre escola e famílias?

Educação para a vida

As expectativas em torno do desempenho escolar e da preparação do indivíduo pela escola para a vida são enormes. Dificilmente encontraremos alguém que discordará de que essa instituição é fundamental para que uma pessoa tenha bom desempenho em todas as etapas da vida, inclusive a adulta. Várias falas das famílias explicitam essa esperança:

“Quero que meu filho seja alguém na vida.”

“Quero que minha filha tenha a melhor formação possível, porque o mundo não é para amadores.”

“Fico feliz por ver como meus filhos aprendem na escola.”

“Fico muito triste por perceber que a escola não está contribuindo para a formação de meu filho.”

“Minha filha vai para a escola para ter uma vida melhor do que a minha.”

“Com uma escola boa, meu filho poderá escolher melhor seus caminhos.”

Você, como gestor, já deve ter ouvido de familiares frases semelhantes a essas. Quando discutimos “vida”, tratamos das diversas esferas que a compõem. É possível que, em um eventual aprofundamento sobre essas falas em uma conversa com familiares, o primeiro tema que apareça seja o do universo do trabalho.

► Relações com o trabalho

Todos querem que crianças, adolescentes e jovens saibam encontrar caminhos em que o desenvolvimento profissional e o pessoal sejam satisfatórios e complementares. Sabe-se que a chance de conseguir isso está diretamente relacionada à evolução do sujeito em suas aprendizagens e em seu desenvolvimento físico, emocional, ético e estético, de inserção e de interação social. Quanto mais “sabido” for em relação aos conhecimentos e ao convívio social, maiores serão suas possibilidades de inserção em um mundo rico de oportunidades. Quanto mais oportunidades tiver de viver em um ambiente com amplo espectro de diversidade, melhor será sua compreensão do mundo e maior sua contribuição para a sociedade. Há ainda a questão da escolha profissional: entende-se que o adolescente ou jovem poderá ter mais opções de escolha se as aprendizagens essenciais tiverem sido conquistadas. Tanto a escola como a família desejam o melhor para esse estudante-filho. Então, como manter a relação entre escola e famílias alinhada a esse propósito comum?

► Relações socioafetivas

Seguindo no plano das expectativas sobre “viver bem e intensamente cada etapa da vida”, encontramos nas famílias a vontade de que o filho-estudante possa ter boas relações socioafetivas, ou seja, que tenha amigos, contatos e bons relacionamentos de trabalho, e constitua a própria família, se esse for seu desejo e qualquer que seja sua escolha. Existem pessoas que têm muitos ou poucos amigos, que formam vínculos com facilidade ou não, que desejam ou não ter uma família e que conseguem ou não efetivar essas relações. Embora se reconheça que não há receita de bom modelo nessas dimensões da vida, uma ideia muito presente no senso comum é a de que dificilmente se é feliz sozinho e de que desejar ter vínculos e não consegui-lo é frustrante.

► Relações consigo e com o mundo

Outros âmbitos nos quais o gestor pode acessar tais expectativas das famílias se referem à relação da pessoa consigo mesma e com o mundo. Ter liberdade de escolha e cuidar de si e do outro implica refletir diariamente sobre muitas questões. Por exemplo, alimentar-se de maneira saudável, colocar o cinto de segurança, não usar o celular enquanto dirige ou quando atravessa a rua. A qualidade da escolaridade e das oportunidades que temos na vida é que nos permite escolher o que fazer em relação a essas e muitas outras decisões, entre elas como e onde desejamos viver. A carência dessas oportunidades de desenvolvimento leva o indivíduo a reduzir sua possibilidade e capacidade de escolha e a reproduzir o que seu ambiente mais próximo oferece. Tomar qualquer decisão requer conhecimento sobre como essas e tantas outras questões interferem na vida e sobre os impactos que cada escolha pode ocasionar. Além da formação acadêmica ou curricular, há também a subjetividade, que contempla aspectos como autoconhecimento, autoestima, capacidade de lidar com os próprios sentimentos e de manter o controle das próprias ações. Como escreveu Guimarães Rosa, “Viver é muito perigoso... Porque aprender a viver é que é o viver mesmo... Travessia perigosa, mas é a da vida”.²

Na relação com o mundo localiza-se o desejo de que o indivíduo não seja bom apenas para si mesmo ou para seu grupo, mas para todos os demais. Para isso tem-se o conhecimento, ou ao menos a intuição, de que algumas habilidades propiciam que a pessoa influencie ou incida diretamente para melhorar sua comunidade, sua cidade, seu estado, seu país e seu planeta.

2. ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 136.

Escola e famílias como aliadas

Uma vez colocadas todas essas questões, o gestor e a equipe se encontram em um bom ponto de partida para o diálogo com as famílias: desenvolver-se para o trabalho, para as relações socioafetivas, para a relação consigo e com o mundo e cuidar de si e do outro é muito complexo, e as aprendizagens necessárias para tanto precisam ocorrer sobretudo ao longo da infância e da adolescência nos diversos ambientes em que as crianças, os adolescentes e os jovens circulam: o lar, a escola, o trabalho. Portanto, a escola e a família são instituições fundamentais na vida deles. Entender a complexidade dos processos de aprendizagem e desenvolvimento humano ajuda a compreender que educar não é tarefa simples – a escola não o fará sem a família, tampouco a família o fará sem a escola. É possível a ambas educar sem se comunicar? Talvez, mas decerto não conseguirão os melhores resultados. Quando duas pessoas são responsáveis por uma criança – mãe e avó, por exemplo –, elas precisam estabelecer alguns combinados em relação a regras, rotina e tudo o mais. O mesmo ocorre com a escola e as famílias.

Estratégias possíveis

Voltemos à Situação 1 e vejamos o que Mário e Ivana planejaram para que a equipe da escola mudasse seu paradigma em relação à questão básica: por que a atuação conjunta de escola e famílias pode favorecer a aprendizagem dos alunos?

Ações

O diretor e a coordenadora pedagógica planejaram algumas ações para aumentar a participação das famílias na escola.

- ▶ Inclusão de momentos de estudo de textos sobre Educação Integral e reflexão sobre as contribuições da escola e das famílias em horários de formação coletiva da equipe.
- ▶ Convocação de todos os funcionários para se engajarem no desafio de aumentar a participação das famílias no acompanhamento do trabalho realizado pela escola de 30% no ano X (média de participação de familiares em reuniões/eventos) para 60% no ano Y (a meta deve ser um desafio).
- ▶ Sensibilização da equipe docente e dos discentes de maneira a conscientizá-los sobre a importância da participação das famílias na vida escolar.
- ▶ Apresentação, para a equipe, do projeto “Conhecer melhor as famílias de nossos estudantes”, envolvendo os familiares.
 - ▶ Planejamento de reuniões para conhecer melhor as famílias: seus sonhos para os filhos; suas maiores dificuldades na Educação deles; o que esperam da escola. É importante que cada reunião seja agendada em dia e horário viáveis para a maioria dos responsáveis pelos estudantes.
 - ▶ Formatação, com a equipe, de estratégias de comunicação para que as famílias se sintam atraídas a participar do projeto “Conhecer melhor as famílias de nossos estudantes”.
- ▶ Análise, após as reuniões com as famílias, do material colhido para composição de painéis (em PowerPoint ou cartazes) com a categorização dos sonhos, das dificuldades e das expectativas dos familiares.
- ▶ Proposição, com a equipe e tomando como base a análise, de ações voltadas para o atingimento da meta de ampliação da participação das famílias, com distribuição ao longo do ano.
- ▶ Estabelecimento de estratégias de comunicação para que as famílias se sintam atraídas e comprometidas a participar das ações.
- ▶ Formação de comissões que incluam familiares, professores, demais funcionários e estudantes para a realização das ações.
- ▶ Balanço, ao final do ano, do atingimento ou não da meta de ampliação da participação, avaliando as ações planejadas e realizadas para iniciar o

planejamento da continuidade e do aprimoramento da relação entre escola e famílias no ano seguinte.

- ▶ Abertura da escola aos finais de semana para encontro entre familiares, estudantes, profissionais da escola e comunidade.

Perguntas para reflexão

- ▶ Como é a situação em sua escola?
- ▶ A equipe procura ativamente a parceria com as famílias?
- ▶ Quais são as ações realizadas nesse sentido?
- ▶ Como gestor, quais são suas propostas para manter essa relação viva e saudável no cotidiano de sua equipe e de sua unidade escolar?
- ▶ Será que as ações que Mário e Ivana realizaram também funcionariam em sua unidade?

SAIBA MAIS

Você pode buscar materiais relacionados à Educação Integral que podem servir de base para as reuniões pedagógicas em sua escola em: <https://educacaointegral.org.br/materiais>. Acesso em: 21 mar. 2019.

SITUAÇÃO 2

Quando se fala sobre o que se ensina, será que famílias e escola estão se referindo à mesma coisa?

CASO

Do grupo de pais no WhatsApp à avaliação institucional

Em uma série de reuniões de gestores escolares, Ana e Suzi, supervisoras pedagógicas de uma rede de escolas, ouviram muitas reclamações de críticas dos familiares ao trabalho da escola, feitas, a princípio, em rodas de pais na porta da unidade e, depois, estendidas para grupos do aplicativo WhatsApp.

Alguns participantes centralizavam o discurso no problema da avaliação dos familiares, argumentando que eles não teriam condições de analisar tecnicamente a atuação da escola. Para outros, a questão principal era o fórum, ou seja, a troca de críticas entre os próprios familiares, sem dar preferência à interlocução direta com a escola.

As supervisoras decidem, então, abordar com os diretores da rede a seguinte questão: como aproximar as percepções dos gestores e das famílias a respeito do ensino e da aprendizagem dos estudantes?

Conceituação

Toda relação pode sofrer com ruídos de comunicação ou expectativas desencontradas: namoro, casamento, amizades, relacionamentos de trabalho, parcerias comerciais. Não é diferente na relação entre escola e famílias. Dedicar tempo à constituição de espaços de alinhamento de expectativas é sempre um bom investimento do gestor, e aqui destacamos duas questões-chave:

- ▶ Que aprendizagens são necessárias para a formação integral do estudante?
- ▶ Qual é o ensino necessário para chegar a essas aprendizagens?

Partamos, então, do pressuposto de que escola e famílias desejam o desenvolvimento integral do estudante.

A Base Nacional Comum Curricular

O compromisso com a Educação Integral é também explicitado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).³ Esse documento de caráter normativo define o conjunto de aprendizagens essenciais a que todos os estudantes têm direito durante a Educação Básica. As dez competências gerais previstas na BNCC refletem o desenvolvimento nas diferentes dimensões do ser humano para a formação de um indivíduo ao longo de 14 anos de escolaridade.

3. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Acesso em: 14 mar. 2019. p. 14.

AS DEZ COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC
1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Para chegar a essas dez competências gerais, a BNCC detalha as competências específicas de cada campo e área de conhecimento, assim como as habilidades que os estudantes têm direito de aprender em cada ano de escolaridade. Ela explicita também seu “compromisso com a educação integral”.

Se o entendimento da abordagem educativa da escola e o cuidado com ela precisam frequentemente ser retomados com a equipe de educadores, imagine-se que confusão pode haver no entendimento dos familiares. Muitos adultos foram educados em escolas com concepções pedagógicas bem diferentes daquelas que orientam a Educação de seus filhos.

Dissonância

É possível que as estratégias escolhidas pela escola privilegiem ou deem a impressão de priorizar algumas competências ou aprendizagens. O que ficou ou parece ter ficado em segundo plano talvez incomode, e aqui podem-se localizar muitas das divergências comuns entre escola e famílias:

- “Será que meu filho já deveria estar alfabetizado?”
- “Estou achando que há pouca lição de casa!”
- “Estou achando que há muita lição de casa!”
- “Essa professora é exigente demais!”
- “Esse professor tem que ‘puxar’ mais pelos alunos!”
- “Esse jeito de ensinar matemática é muito diferente do que eu aprendi.”
- “Minha filha não gosta das aulas de educação física, diz que não sabe jogar nada. Não deveria aprender a jogar na escola?”
- “Meu filho conta que fica muito tempo sozinho, que ninguém gosta de brincar com ele. A escola não faz nada para ajudá-lo.”

O que está posto em todas essas questões é o fato de que, embora escola e famílias queiram a mesma coisa – o desenvolvimento integral dos estudantes –, muitas nuances podem levar a desentendimentos ou provocar ruídos de comunicação. As famílias são chamadas a participar da escola, mas nem sempre está claro o que se espera delas. Os familiares então se aproximam como podem, dando apoio nas lições de casa, participando das reuniões de pais, das festas e das comemorações. Quando isso acontece, têm contato com fragmentos do trabalho da escola e os avaliam porque querem o melhor para os filhos, que são os estudantes.

Contudo, a avaliação sobre esses pontos ocorre com base nas concepções que esses adultos têm, construídas por meio de um complexo conjunto: as próprias experiências escolares, as informações que circulam na mídia e em redes sociais, as conversas que mantêm sobre o assunto em seu círculo social (inclusive os grupos de WhatsApp) e o relato dos estudantes. No caso dos familiares que também são educadores, somam-se as referências técnicas de cursos de formação inicial ou continuada.

Convergência

Portanto, é fundamental que o gestor e sua equipe tenham sempre em mente a necessidade de aproveitar cada contato com os familiares para dialogar sobre essas questões, demonstrando-lhes a concepção de aprendizagem da escola e a abordagem educativa praticada, dando exemplos de como as estratégias usadas garantem o desenvolvimento integral dos estudantes. Essa demonstração é expressa em atitudes, muito mais do que em palavras de difícil compreensão para quem não atua no universo da Educação.

Dessa maneira, os familiares também ampliam seu conhecimento sobre o tema, passando a reunir, com o tempo, mais instrumentos para subsidiar a avaliação e o diálogo com os educadores, bem como o relacionamento com os filhos-estudantes. Esse esforço é proporcional ao da escola para aproximar-se do

universo das famílias e compreender os modos de ação de cada criança, adolescente e jovem e as diferentes culturas a que pertencem. Isso remete a um antigo conto de tradição sufi (ver box **Zabeidas, trolas, pimoras, gripas**, abaixo), que você, gestor, pode compartilhar com sua equipe.

“ZABEIDAS, TROLAS, PIMORAS, GRIPAS”¹

Quatro viajantes de regiões distintas em variadas situações de adversidade encontram-se em uma casa abandonada que lhes serve de abrigo. Eles tinham culturas diferentes e preconceitos contra os demais povos, de maneira que a convivência na casa não era fácil. Todos estavam famintos e não conseguiam entrar em um acordo sobre o que comprar para comer: um queria “zabeidas”; outro, “trolas”; outro, “pimoras”; e outro, “gripas”. Cada um defendia sua opção, e era difícil chegar a um consenso. Um ancião que ia passando pela janela ouviu a discussão e se propôs a ajudar, trazendo algo que agradaria a todos. Foi então que trouxe uvas e todos perceberam que se referiam à mesma coisa, com palavras diferentes.

1. Texto completo em: <<http://abppbahia.com.br/wp-content/uploads/2018/03/Zabeidas.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

Assim é a relação entre escola e famílias em muitos momentos. As duas instituições querem o mesmo, mas às vezes os discursos, os conceitos e os preconceitos se sobrepõem a esse desejo, e se perde de vista o elo que as une: as crianças, os adolescentes e os jovens. Dependemos do diálogo, por vezes mediado, como fez o ancião, para descobrir que ambas têm objetivos iguais e que só os atingirão por meio da atuação conjunta. Contemplar a importância do diálogo como uma meta impacta diretamente o apoio aos estudantes, ajudando-os no enfrentamento de seus desafios.

Formação integral e sustentabilidade

Diante da complexidade da sociedade contemporânea, a necessidade de uma formação integral é altamente relevante e dialoga com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), pacto adotado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2015 para promover o bem-estar global sustentável.

OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA ONU¹



Objetivo 4. Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos.

4.1 Até 2030, garantir que todas as meninas e meninos completem o ensino primário e secundário livre, equitativo e de qualidade, que conduza a resultados de aprendizagem relevantes e eficazes.

4.2 Até 2030, garantir que todas as meninas e meninos tenham acesso a um desenvolvimento de qualidade na primeira infância, cuidados e educação pré-escolar, de modo que eles estejam prontos para o ensino primário.

4.3 Até 2030, assegurar a igualdade de acesso para todos os homens e mulheres à educação técnica, profissional e superior de qualidade, a preços acessíveis, incluindo universidade.

4.4 Até 2030, aumentar substancialmente o número de jovens e adultos que tenham habilidades relevantes, inclusive competências técnicas e profissionais, para emprego, trabalho decente e empreendedorismo.

4.5 Até 2030, eliminar as disparidades de gênero na educação e garantir a igualdade de acesso a todos os níveis de educação e formação profissional para os mais vulneráveis, incluindo as pessoas com deficiência, povos indígenas e as crianças em situação de vulnerabilidade.

4.6 Até 2030, garantir que todos os jovens e uma substancial proporção dos adultos, homens e mulheres, estejam alfabetizados e tenham adquirido o conhecimento básico de matemática.

4.7 Até 2030, garantir que todos os estudantes adquiram conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, inclusive, entre outros, por meio da educação para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e não violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável.

[continuação]

4.a Construir e melhorar instalações físicas para educação, apropriadas para crianças e sensíveis às deficiências e ao gênero, e que proporcionem ambientes de aprendizagem seguros e não violentos, inclusivos e eficazes para todos.

4.b Até 2020, substancialmente ampliar globalmente o número de bolsas de estudo para os países em desenvolvimento, em particular os países menos desenvolvidos, pequenos Estados insulares em desenvolvimento e os países africanos, para o ensino superior, incluindo programas de formação profissional, de tecnologia da informação e da comunicação, técnicos, de engenharia e programas científicos em países desenvolvidos e outros países em desenvolvimento.

4.c Até 2030, substancialmente aumentar o contingente de professores qualificados, inclusive por meio da cooperação internacional para a formação de professores, nos países em desenvolvimento, especialmente os países menos desenvolvidos e pequenos Estados insulares em desenvolvimento.

A Educação está implicada nos ODS não só como um dos objetivos, mas também como meio para atingir os demais. O desafio de educar cidadãos para um mundo com menor desigualdade em todos os níveis é hercúleo, porém pode se tornar possível com o alinhamento de atitudes e valores entre escola e famílias.

► Cidadãos globais

Reimers e colegas abordam a necessidade de conceber uma Educação que capacite os estudantes para se tornarem cidadãos globais, pessoas que consigam “equilibrar interesses pessoais e de nação com necessidades e práticas de uma ordem mundial global”.⁴ Esses autores citam o reconhecimento, pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), da importância das competências globais, o que implicaria o planejamento da inclusão dessas competências nas avaliações regulares (que hoje abrangem língua, matemática

4. REIMERS, Fernando M. et al. *Empoderar crianças e jovens para a cidadania global: fundamentos e programa com atividades e referências*, da Educação Infantil ao Ensino Médio. São Paulo: Moderna, 2017. p. 32.

1. ODS4. Nações Unidas no Brasil. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/ods4>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

e ciências). Para que possamos contar com esses cidadãos globais, precisaremos de todos os atores da comunidade escolar atuando em sincronia.

Estratégias possíveis

Retomemos a Situação 2 e vejamos o que Ana e Suzi planejaram para que as equipes da rede de escolas entendessem a questão: como aproximar as percepções dos gestores e das famílias a respeito do ensino e da aprendizagem dos estudantes?

Ações

As supervisoras constataram a necessidade de compreender qual era a visão dos familiares sobre as escolas e, ao mesmo tempo, propiciar uma experiência positiva de aproximação entre eles e as equipes de educadores. Depois de conduzirem, com os gestores, muitas pesquisas e estudos, foi realizada uma avaliação institucional na rede a partir da aplicação dos Indicadores da Qualidade na Educação,⁵ envolvendo as duas partes.

A reflexão sobre a dimensão pedagógica foi muito produtiva e ficou evidente que era preciso que a escola desse maior visibilidade às expectativas de aprendizagem para cada ano e também a suas estratégias. Uma mãe, por exemplo, acreditava que a escola era fraca porque não cobrava do filho que ele soubesse a tabuada,

5. Os Indicadores da Qualidade na Educação (Indiques) são instrumentos de autoavaliação da qualidade das instituições de Educação Infantil e Ensino Fundamental por meio de um processo participativo e aberto a toda a comunidade. Foram desenvolvidos, a partir de 2008, pelo Ministério da Educação (MEC), com a colaboração de organizações não governamentais, organismos internacionais, secretarias de Educação, órgãos do ministério, profissionais de escolas (gestores, professores e coordenadores pedagógicos), familiares e alunos de todas as regiões do País, por meio de uma metodologia participativa.

o que ocorria quando ela tinha a mesma idade dele, na escola em que estudou.

De outro lado, uma equipe relatou quanto se surpreendeu positivamente quando uma avó apontou a necessidade de que as crianças do 1º ano tivessem mais espaço para brincar, o que não estava no radar da equipe, que já tinha se acostumado com o ambiente que atendia até o Ensino Fundamental 2.

Ana e Suzi foram assertivas ao propor a avaliação institucional como estratégia. Por meio dela, perceberam a necessidade de que todas as escolas da rede fossem mais propositivas na apresentação das propostas educacionais, além de atuar para incluir a participação de familiares.

Perguntas para reflexão

- ▶ Como as propostas educacionais são apresentadas aos familiares em sua escola?
- ▶ Que tal refletir com sua equipe sobre como potencializar essa comunicação?
- ▶ De que maneira as estratégias de ensino e resultados de aprendizagem são compartilhados em:

- ▶ reuniões com familiares?
- ▶ murais da escola?
- ▶ eventos?
- ▶ outros meios de comunicação, como *site* e redes sociais?

Quais são as possibilidades de melhoria para cada espaço de comunicação?

E, para além de compartilhar estratégias e resultados, como possibilitar a participação de familiares na definição de ações escolares?

Como vimos no capítulo 3 (**Breve histórico**, p. 26), segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996), as famílias têm o direito de conhecer os processos

pedagógicos e participar da definição das propostas educacionais. Uma boa estratégia é compartilhar o PPP com elas a fim de esclarecer suas expectativas e contemplar suas opiniões. Ao fazermos isso, estaremos exercitando os princípios de solidariedade, inteligência cultural e diálogo igualitário e, consequentemente, promovendo transformação. No capítulo 8, **Tipos de participação** (p. 79), falaremos mais sobre uma modalidade específica que se articula diretamente com essa questão: a participação avaliativa.

Sobre os grupos de pais no WhatsApp, a verdade é que a escola jamais terá ingerência ou controle sobre eles. Entretanto, ao possibilitar a participação de familiares em diferentes instâncias, aproximar suas propostas e seus anseios das atividades escolares, contemplar suas opiniões e convidá-los para as avaliações institucionais, é provável que comece a circular nos grupos a notícia de que a escola está abrindo suas portas. Quando as decisões são tomadas em conjunto, a responsabilidade e o compromisso por mantê-las tornam-se do interesse de todos, pois as pessoas deixam de fazer avaliações externamente e passam a colaborar para que estratégias e resultados melhorem internamente. Apesar de os temas abordados nos grupos serem diferentes nos variados contextos, é certo que a abertura de ambas as partes beneficia as relações – e isso vale tanto para escolas públicas como para particulares.

SITUAÇÃO 3

O que os estudantes precisam aprender e quem deve ensinar?

CASO

O discurso de que “esses pais que não sabem ensinar”

Márcia é a nova diretora de uma escola do Ensino Fundamental. Diante dos péssimos resultados de alfabetização dos alunos de 3º, 4º e 5º anos, convocou uma reunião com sua equipe. Ao perguntar aos profissionais a que atribuíam aquela situação, eles manifestaram uma queixa que ela logo reconheceu: “Os pais das crianças não ensinam, não ajudam. Assim fica difícil”.

A diretora sugeriu que sua equipe pensasse em duas questões que seriam retomadas na reunião seguinte:

- Quem tem a obrigação de ensinar a ler e escrever?
- Quem são essas famílias e de que modo elas podem apoiar seus filhos?

Conceituação

O diálogo e a parceria entre escola e famílias são essenciais para o sucesso e a formação integral dos estudantes, como apontamos diversas vezes. No entanto, tem sido muito comum em encontros de educadores haver discussões sobre as responsabilidades que recaem sobre a escola em função da ausência ou mesmo displicência dos familiares na formação dos filhos, já que eles também depositam expectativas enormes sobre o que os alunos devem aprender em casa. Há também certo consenso de que será necessário ampliar o interesse e a participação das famílias na vida escolar. Diante desse quadro, o gestor precisa considerar que

existem orientações e estímulos que podem ser criados⁶ para fortalecer a parceria entre escola e famílias. Resta questionar: por que ainda não conseguimos a participação necessária? E que participação é essa, tão esperada?

Segundo Rosa Maria Torres:

É preciso rever os próprios parâmetros sobre os quais se assenta a premissa da “participação” em educação. Participar quer dizer, literalmente, tomar parte de algo, algo que é diferente e externo a nós [...] Por anos, décadas, temos pedido a pais de família e comunidades que “participem” da escola e da educação escolar de seus filhos. Nesta concepção, Família (F) e Escola (E), Comunidade (C) e Escola (E) aparecem como dois mundos diferentes, e o vínculo entre eles, como uma ponte de uma só via. Pede-se a F que se aproxime da E, que vá até a E, que solicite a E. Pede-se a C que tome parte da E, que intervenha na E, que colabore com a E.⁷

Esse contexto genérico descrito pela autora retrata uma realidade muito comum, na qual se ignora que os estudantes são parte da escola, da família e da comunidade, que a família é a própria comunidade e, ainda mais, que a escola está inserida na comunidade e deveria estar a serviço dessa comunidade. Tal entendimento inverte a chave, colocando a escola e os gestores escolares como detentores da iniciativa de criar condições e mecanismos para atrair o interesse das famílias e favorecer a participação delas. A escola, segundo a mesma autora, “deve aproximar-se das necessidades e expectativas dos pais e da comunidade em seu conjunto”.⁸

Diante dessa demanda, que, reconhecidamente, é da escola, vale considerar as seguintes questões: qual o papel dos gestores escolares e qual o papel das famílias no ambiente escolar? Como escola e educadores podem apoiar as famílias na tarefa de formar integralmente seus filhos? De que maneira isso pode ser feito, sem ou com o mínimo possível de conflitos e respeitando o papel de cada um desses atores?

Não cabe à escola definir como as famílias devem educar seus filhos e muito menos estabelecer padrões para isso. Entretanto, perante os desafios impostos pela contemporaneidade, demandas muitas vezes desconhecidas para ambas as instituições podem ser discutidas e enfrentadas em parceria. O reconhecimento das atribuições e potencialidades de cada uma delas pode ajudar muito nesse percurso. Apresentamos no diagrama a seguir algumas atribuições e contribuições de cada um dos atores principais envolvidos na formação integral dos estudantes que talvez possam nortear boas conversas.

6. Em “Dia a dia do seu filho na escola”, o Ministério da Educação apresenta recomendações a pais e familiares sobre como participar da vida escolar dos estudantes. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dia-a-dia-do-seu-filho>>.

Acesso em: 19 mar. 2019.

7. TORRES, Rosa Maria. *Educação e imprensa*. São Paulo: Cortez, 1996. p. 104.

8. Idem, p. 105.

ATRIBUIÇÕES DOS ATORES NO PROCESSO EDUCATIVO

O círculo reforça a ideia do trabalho colaborativo para a formação integral do estudante. No entanto, sabemos que os contextos escolares e familiares são muito diversos e que nem sempre a consciência do que se deve fazer está clara para cada um dos atores: escola, família e estudante.



Estratégias possíveis

Voltemos à Situação 3 e vejamos como Márcia atuou quanto à necessidade de conscientizar sua equipe sobre o papel das famílias no processo de aprendizagem dos estudantes:

- ▶ Quem tem a obrigação de ensinar a ler e escrever?
- ▶ Quem são essas famílias e de que modo elas podem apoiar os filhos?

Instigada, resolveu preparar uma reunião de professores especificamente para abordar o tema. Com a ajuda de um funcionário, pesquisou sobre a realidade dos responsáveis pelos alunos. A tabulação dos dados revelou que quase 80% dos responsáveis haviam cursado apenas o Ensino Fundamental 2 e que 83% trabalhavam durante o dia, ficando poucas horas em casa. A diretora perguntou-se como poderia atuar de maneira a fortalecer a relação entre escola e famílias considerando essas informações.

Assim como Márcia, é possível que você, gestor, já tenha detectado a necessidade de refletir com sua equipe sobre as expectativas de atuação dos familiares no cotidiano escolar dos estudantes. Para ajudá-lo nisso, propomos duas estratégias que podem ser trabalhadas em reuniões pedagógicas.

Ação 1: planejamento de ações da equipe pedagógica

Reunião com todos os professores para:

1. compartilhar os dados de escolaridade dos familiares dos estudantes;
2. refletir sobre o que dizem os marcos legais em relação à responsabilidade da escola no ensino da leitura e da escrita;
3. propor, ao final, a seguinte questão para ser discutida em grupos: diante desses dados, de que maneira as famílias podem apoiar o trabalho realizado pela escola?;
4. oferecer à equipe formação continuada a fim de aprofundar os conhecimentos a respeito da prática alfabetizadora e, assim, melhorar os resultados;
5. compartilhar com as famílias os resultados de aprendizagem e as sugestões de apoio elaboradas pela equipe pedagógica;
6. dialogar para chegar a consensos sobre como cada parte (escola e famílias) pode contribuir para melhor apoiar as aprendizagens das crianças, dos adolescentes e dos jovens da escola.

É importante ressaltar que a mesma estratégia pode ser utilizada com diferentes temáticas. A questão colocada na Situação 3 explicita uma realidade mais observada em escolas públicas, onde há maior número de crianças ainda não alfabetizadas no 3º, 4º e 5º anos. Isso acontece por muitas razões, desde a pouca escolaridade das famílias até a aplicação de políticas de retenção escolar.

Entretanto, alguns assuntos também exigem das escolas particulares conscientizar equipe e famílias sobre como apoiar crianças, adolescentes e jovens para que eles vivenciem trajetórias escolares significativas. Nesse sentido, poderíamos, por exemplo, trocar a problemática “resultados de alfabetização” por “dificuldade de aprendizagem”.

5 ATITUDES PELA EDUCAÇÃO

O Todos Pela Educação sistematizou cinco atitudes para que diferentes atores da comunidade escolar possam acompanhar de perto e apoiar crianças, adolescentes e jovens para que aprendam mais e por toda a vida.¹ Sugerimos que você, gestor, conheça o documento completo e detalhado no site indicado, onde há um quadro que organiza as recomendações de maneira a sistematizar ações práticas de professores, diretores e coordenadores pedagógicos, familiares, sociedade e gestores públicos.

1. O Todos Pela Educação é um movimento da sociedade brasileira que tem como missão contribuir para que até 2022, ano do bicentenário da Independência do Brasil, o País assegure a todas as crianças e jovens Educação Básica de qualidade. A campanha das 5 Atitudes pela Educação está disponível em: <<https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/5-atitudes-pela-educacao>> e o livro em <https://redes.moderna.com.br/wp-content/uploads/2014/12/5_atitudes_completo.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2019.

Diante do desafio de Márcia a respeito dos resultados de alfabetização e contemplando o que dissemos até agora sobre Educação Integral, vamos ampliar o tema de modo a definir os papéis de cada ator da comunidade escolar. Para isso, destacamos a **Atitude 3** das **5 Atitudes do Todos Pela Educação**, deixando as ações sugeridas para professores, familiares e diretores e coordenadores pedagógicos.

ATITUDE 3¹
COLOCAR A EDUCAÇÃO ESCOLAR NO DIA A DIA

ENTENDA ESSA ATITUDE

Para que a Educação seja uma prioridade nacional, é preciso que ela faça parte do dia a dia da sociedade, que seja incorporada como um valor. O que se espera é que as famílias e a comunidade próxima, independentemente da escolaridade e da localidade onde estão inseridas, consigam ajudar as crianças e os jovens a entender a Educação como parte fundamental do desenvolvimento integral.

COMO PRATICAR: ESCOLA

PROFESSOR

- ▶ Dê as boas-vindas aos estudantes todos os dias; no caso da Educação Infantil e dos primeiros anos do Ensino Fundamental, compartilhe a programação do dia.
- ▶ Incentive o empréstimo de livros da escola para que sejam lidos em casa com os familiares.
- ▶ Incentive que os estudantes levem produções realizadas na escola para mostrar aos familiares.
- ▶ Garanta condições para que os estudantes possam, sempre que possível, estabelecer relações entre o que se aprende na escola e a vida cotidiana.
- ▶ Planeje ações que estimulem os estudantes a considerar os conhecimentos dos pais e familiares como um conhecimento válido na escola, convidando-os a participar de saraus e oficinas, a dar depoimentos sobre trabalho, experiências, feiras de profissões e outros.

DIRETOR E COORDENADOR PEDAGÓGICO

- ▶ Garanta o cumprimento dos 200 dias letivos.
- ▶ Faça do início do ano letivo um marco importante na vida dos estudantes e das famílias; organize toda a equipe escolar para recebê-los no primeiro dia de aula; coloque uma faixa dando as boas-vindas, por exemplo.
- ▶ Proponha reuniões convidando os pais em horários compatíveis com a disponibilidade deles para compartilhar o projeto educativo da escola e ouvi-los.
- ▶ Estimule o acesso dos estudantes e familiares aos materiais e equipamentos escolares, como a biblioteca, as quadras esportivas, a sala de informática, os vídeos, os livros e os jogos.
- ▶ Promova a participação dos pais na elaboração do PPP da escola.
- ▶ Providencie ferramentas para os pais relacionarem os conteúdos que estão sendo tratados na escola com o contexto familiar.

1. Adaptado de: 5 ATITUDES pela Educação. Disponível em: <https://redes.moderna.com.br/wp-content/uploads/2014/12/5_atitudes_completo.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2019.

ATITUDE 3
COLOCAR A EDUCAÇÃO ESCOLAR NO DIA A DIA [CONTINUAÇÃO]

COMO PRATICAR: FAMILIARES

- ▶ Leve ou apanhe pessoalmente seu filho sempre que possível, buscando estabelecer relação com o ambiente escolar e mostrando a importância dessa ação para a criança.
- ▶ Não deixe seu filho faltar na escola sem motivo e respeite os horários das aulas.
- ▶ Arrume o uniforme e a mochila, alertando seu filho sobre os materiais importantes para o acompanhamento das aulas.
- ▶ Mostre-se disponível para dialogar com seu filho sobre a escola.
- ▶ Tenha horários de estudo em casa e um cantinho para os estudos, não necessariamente um espaço exclusivo. Pode ser em um ambiente coletivo, desde que preparado em algum momento para isso. Nesse momento, desligue a tevê ou os aparelhos sonoros.
- ▶ Participe das reuniões de familiares sempre que possível, não apenas estando presente, mas buscando saber mais sobre o desempenho e a evolução de seu filho, questionando, tirando dúvidas. Caso os horários não sejam compatíveis com a rotina, tente propor alternativas com outros pais, a direção, os professores e os empregadores.
- ▶ Assegure sua participação na elaboração do PPP da escola – o documento que reúne as aspirações e as metas de uma escola – e procure informar-se sobre os meios dos quais ela lançará mão para alcançá-las.
- ▶ Ajude a mobilizar outros familiares para participar de reuniões e atividades da escola e a acolher os pais de novos estudantes.
- ▶ Participe do Conselho Escolar da escola de seu filho e de outros conselhos de apoio à Educação no município, ou acompanhe essas atividades.
- ▶ Participe dos eventos escolares (exposições de trabalhos, gincanas, festividades e outros), buscando fomentar ações colaborativas de aproximação entre escola e famílias.

Ação 2: conversa com professores e familiares

Você, gestor, pode promover com sua equipe pedagógica uma avaliação buscando compreender, em primeiro lugar, em que medida observam os comportamentos elencados na Atitude 3 em sua escola. Para isso, projete-a ou cole-a em um cartaz solicitando que cada participante pontue as ações que observa com maior ou menor frequência. A seguir, analisem juntos os resultados:

- ▶ Quais práticas aparecem mais?
- ▶ Das que não ocorrem tanto, quais são as mais estratégicas para serem fortalecidas?

Em um segundo momento, você pode propor que a equipe liste, ao lado de cada prática, que ações estão desenvolvendo para que esta atitude seja potencializada. Use outra cor para registrar as ações que ainda precisam ser efetivadas.

A partir do que foi conversado com a equipe pedagógica, você também pode organizar uma reunião com professores e familiares a fim de compartilhar o que sistematizaram na reunião anterior e perguntar a opinião das famílias em relação às ações sugeridas, além de sistematizar as que acontecem com maior ou menor frequência por parte dos pais. Ao final, vocês podem planejar juntos como possibilitar que as ações sejam realizadas e, assim, apoiar os estudantes em sua formação integral.

Há muito o que pensar a partir desse trabalho. Por exemplo: existe correlação entre as ações menos observadas e os resultados de aprendizagem dos estudantes? A partir do diagnóstico, será possível elaborar um plano de ação com a equipe. O processo, que terá como foco a ampliação da participação da família, também se constitui como um meio para tanto.

Você pode utilizar as outras atitudes do documento do Todos Pela Educação para fazer o mesmo em diferentes temas de discussão, sempre incluindo familiares nas reflexões e decisões tomadas.

Perguntas para reflexão

- ▶ Como sua escola recebe alunos e familiares no início do ano?
- ▶ Como convida os familiares a participarem de reuniões?
- ▶ Já compartilharam o conteúdo do PPP com eles?
- ▶ Em relação aos professores, como a escola acolhe suas dúvidas e anseios? Como os apoia de modo a melhorar a atuação em sala de aula e, consequentemente, a estarem mais seguros ao se relacionarem com familiares?

SAIBA MAIS

5 ATITUDES pela Educação. *EcoD*, 14 out. 2014. Disponível em: <<http://www.ecodesenvolvimento.org/posts/2014/5-atitudes-pela-educacao>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

KLIX, Tatiana. Movimento propõe 5 atitudes para mudar a educação. *Porvir*, 15 out. 2014. Disponível em: <<http://porvir.org/movimento-propoe-cinco-atitudes-para-mudar-educacao>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

TODOS Pela Educação lança 5 Atitudes pela Educação. *Instituto Natura*, 14 out. 2014. Disponível em: <<http://www.institutonatura.org.br/blog/todos-pela-educacao-lanca-5-atitudes-pela-educacao>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

CAPÍTULO 8

TIPOS DE PARTICIPAÇÃO

Historicamente, as famílias são convocadas pela escola para algumas atividades e eventos. No entanto, a perspectiva que apresentamos aqui exige que o foco esteja em assegurar o diálogo em reuniões nas quais todos interajam e construam caminhos de conversa em condições de igualdade e respeito ao repertório de cada um. Ou seja, você, diretor, precisará trabalhar com sua equipe de modo a construir e adotar estratégias dialógicas nos espaços escolares para conduzir o relacionamento com as famílias.

SITUAÇÃO 4

Qual a potência das reuniões com familiares?

CASO

“Os pais não vêm às reuniões porque não se interessam pela Educação de seus filhos.” Será?

Ciente do impacto do apoio das famílias na aprendizagem dos estudantes, Margarida, diretora de uma escola de Ensino Fundamental de Jacarepaguá, bairro periférico do Rio de Janeiro, não conseguia entender por que, segundo os docentes, “os familiares que mais precisam” evitavam participar das reuniões na escola, tanto as coletivas como as individuais. Eles já haviam tentado diversos dias e horários, inclusive sábados.

A diretora resolveu observar um dos encontros conduzidos por professores e constatou que a maior parte da pauta consistia em informes sobre tudo o que

devia ser feito: verificar a agenda diariamente, usar uniforme, não chegar atrasado, colocar o nome em materiais, ter atenção à lição de casa etc. Esses assuntos tomaram uma hora da uma hora e meia destinada à reunião. No tempo restante, a maioria dos familiares revelava no rosto o cansaço de pessoas que trabalharam o dia inteiro e seguiram direto para a escola. Nesse segmento final, eles colocaram algumas dúvidas a respeito do tipo de apoio que poderiam dar aos filhos na lição de casa e perguntaram como estava o projeto do semestre, que havia sido divulgado na agenda. A diretora notou que nesse momento alguns pais e responsáveis, que antes pareciam alheios ao que se dizia, começaram a se interessar.

Margarida saiu da escola e, a caminho de casa, ficou pensando: “Como fazer uma pauta que possa equilibrar melhor os informes com a interação sobre a formação dos estudantes? O que fazer em relação aos familiares que não compareceram? Será que existem outros espaços para essa interação?”.

Conceituação

Ao tratar de participação na escola e gestão democrática, é preciso assumir que há um *continuum* entre a participação total e a não total (sendo os dois extremos possivelmente inexistentes). Isso implica pensar em níveis de envolvimento, o que ajudará a identificar em que estágio a escola se encontra e quais são os passos em direção à intensificação da cooperação entre escola e famílias. A sistematização a seguir, fruto da pesquisa Includ-ed,¹ considera que:

- ▶ há cinco tipos de participação: informativa, consultiva, decisória, avaliativa e educativa;

1. A pesquisa, em inglês, está disponível em: <<http://creaub.info/included>>. Para um resumo em português, ver: <<https://www.comunidadeaprendizagem.com/uploads/materials/26/2944b1fd4df2988d4fa0a95f796cec1b.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

- ▶ cada tipo de participação contempla o anterior, ou seja: a participação consultiva também é informativa; a decisória também é consultiva e informativa; a avaliativa é decisória, consultiva e informativa; e, por fim, a educativa engloba todas as anteriores;
- ▶ as três últimas são as que mais têm probabilidade de promover a participação efetiva dos familiares e, justamente por isso, de gerar maior êxito nos resultados de aprendizagem. Infelizmente, porém, são as modalidades menos comuns na maioria das escolas brasileiras.

Participação informativa

Nesse tipo de participação, os familiares são informados *a posteriori* sobre as atividades e o funcionamento da escola, ou seja, as decisões já foram tomadas. Na reunião, as equipes gestora e docente costumam transmitir informações, por exemplo, sobre os trabalhos realizados, exposições de artes e ciências e festa junina e responder a dúvidas dos pais e responsáveis. Uma queixa muito comum das escolas é que muitos não comparecem às reuniões, o que leva à rápida conclusão de que não estão interessados na aprendizagem dos filhos. Mas será realmente falta de interesse?

Participação consultiva

Nessa proposta, os familiares participam por meio de conselhos ou entidades legais com outros profissionais da escola (gestores e professores), como no caso da Associação de Pais e Mestres (APM) e dos conselhos escolares. A participação nas reuniões ainda se baseia em informações, mas há também instâncias de consultas sobre temas relacionados, por exemplo, ao uso de verbas destinadas à instituição.

É importante observar que “consultar” significa escutar diferentes opiniões e até mesmo propostas de possíveis projetos ou mudanças na escola. Entretanto, a decisão final continua sendo da escola. Se colocamos em prática os princípios de inteligência cultural e diálogo igualitário nas reuniões com essas instâncias de participação, aumentam consideravelmente as chances de que criem sentido para os familiares e que estes sintam que pertencem ao espaço escolar.

Participação decisória

A participação de familiares nas tomadas de decisão, bem como em processos educativos (o que veremos no último item deste mapeamento), é garantida pelo artigo 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de 1990: “Parágrafo único. É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais”.

Esse tipo de participação é, portanto, um direito das famílias, e a escola tem como dever assegurá-lo mediante a formação de comissões representativas que incluam a voz dos envolvidos em uma comunidade educativa. As decisões precisam basear-se na argumentação de cada um, de modo a alcançar um consenso sobre o que é melhor para o coletivo. O princípio da solidariedade tem de estar presente, uma vez que as decisões contemplam o que é melhor para todos os atores e não para parte deles.

O projeto político-pedagógico (PPP) da escola pode ser revisitado pela comissão representativa e deve estar sempre disponível para consulta. Quando a escola compartilha seus objetivos, princípios, ações e obrigações, construindo um documento em parceria com a comunidade, faz com que esse registro seja valorizado e respeitado. Além disso, o PPP ganha sentido e passa a ser uma referência garantida por todos.

Participação avaliativa

Familiares e outros atores da comunidade escolar são convidados a ajudar, também por meio de entidades representativas, nos processos de avaliação dos currículos e dos avanços das crianças, dos adolescentes e dos jovens.² É claro que a escola deve cumprir exigências externas, porém a participação de familiares, bem como de estudantes, é uma forma de fazer com que eles se conscientizem dos processos avaliativos e, assim, de somar vozes para que estes não sejam impostos, mas construídos conjuntamente.

Isso pode acontecer em diferentes instâncias: em um primeiro momento, ao serem escutados e tomarem consciência dos processos de avaliação internos, familiares e estudantes seguramente darão maior sentido a eles e se esforçarão para alcançar melhores resultados. Ampliando essa participação, a soma das vozes pode ganhar força quando a escola quiser negociar mudanças com instâncias do governo. Ou seja, quando a comunidade é escutada e seus conhecimentos sobre crianças, adolescentes e jovens são levados em conta, cria-se a oportunidade para que ela colabore, dando sentido a esses processos. Dessa maneira, é possível atingir formas mais elaboradas de compreensão da realidade educacional, para além do conhecimento sobre *rankings* de avaliação, por exemplo.

Participação educativa

Por fim, nesse último tipo de participação, familiares e outros membros da comunidade escolar também fazem parte dos processos de aprendizagem dos estudantes dentro e fora da sala de aula. Além disso, é possível promover processos

2. Vale lembrar outro instrumento importante que pode apoiar o gestor na avaliação de diferentes fatores, entre eles clima escolar, práticas pedagógicas e gestão democrática: os Indicadores da Qualidade na Educação (Indiques). Disponível em: <<http://www.indicadoreseducacao.org.br>>. Acesso em 25 mar. 2019.

de aprendizagem destinados a eles, o que permite maior valorização em relação à aprendizagem em si.

Estratégias possíveis

É preciso que a escola faça uma avaliação sobre como as reuniões com familiares são realizadas. Sugerimos algumas perguntas para orientar a reflexão do gestor e de sua equipe:

- ▶ O horário é bom para os familiares?
- ▶ Eles compreendem o conteúdo informado?
- ▶ Têm a oportunidade de opinar, sugerir, comentar esse conteúdo?
- ▶ Como poderiam apoiar a aprendizagem dos filhos?

Mesmo que os pais ou responsáveis não tenham concluído os estudos ou que tomem como forte referência os princípios e metodologias de ensino de sua infância, a escola deve se posicionar de maneira a escutar suas demandas, inquietudes e inteligências culturais. Para que as reuniões sejam produtivas, é preciso criar espaços de interação, de diálogo igualitário, a fim de gerar maior interesse e sentimento de cooperação. Isso se transformará em pertencimento e, consequentemente, criará sentido.

No caso dos eventos oficiais da escola, como festa junina, exposições de artes e ciências e dia da família, as decisões podem ser tomadas em conjunto, de acordo com os interesses da comunidade. Desse modo, os familiares participam e ajudam na organização, assumindo diferentes funções e responsabilizando-se por afazeres que todo tipo de evento demanda, da definição de datas e horários à logística de desmonte. Famílias e comunidade passam a se comprometer, aumentando a rede de relações da escola.

A potência da demanda dos familiares

Vejamos agora uma estratégia que contempla as modalidades de participação decisória e educativa: a formação de familiares. Não se trata de ensinar aos pais e responsáveis como criar crianças, adolescentes e jovens. Essa estratégia pressupõe que a formação é uma demanda dos familiares. Alguns exemplos de temas frequentes quando se pergunta a eles se gostariam de aprender algo são: alfabetização de adultos, informática, aprimoramento em matemática básica, idiomas, assuntos relacionados ao desenvolvimento humano por meio de conversas com psicólogos, teorias educacionais e filosóficas, entre outros.

Os encontros, oferecidos de acordo com os desejos e as necessidades dos pais, podem ser organizados por comissões, com um voluntário dando o curso, a escola garantindo o espaço e, por fim, um consenso definindo o melhor dia e horário para todos. Quando as famílias experimentam aprendizagens que fazem sentido para elas, o interesse e a valorização desse processo geram um impacto positivo também na aprendizagem dos filhos.

Vale a pena!

Observando a sistematização dos tipos de participação, é fácil para você, gestor, identificar que os mais comuns são a informativa e a consultiva. Ainda que se situem nos dois níveis iniciais, as ações a elas relacionadas não são, de modo algum, fáceis de realizar com regularidade e qualidade. Quando isso acontece, garantem importantes relações de parceria entre a escola e as famílias. Contudo, ainda são iniciais se comparadas com as práticas mais complexas envolvidas nas modalidades decisória, avaliativa e educativa.

A busca de práticas que propiciem o envolvimento dos familiares na escola vale a pena (opinião expressa também pela professora do município de Taboão da Serra, na região metropolitana de São Paulo, citada por Cesar Callegari no texto

da orelha deste livro). Experiências em escolas de diferentes regiões do País e do mundo têm mostrado que assegurar formas de participação cada vez mais democráticas amplia a contribuição das famílias em questões essenciais do cotidiano escolar, na aprendizagem dos estudantes e nas relações entre elas, a comunidade e a escola. Para isso, é fundamental construir espaços e tempos para o diálogo e a participação efetiva de familiares e alunos.

A partir daqui, vamos abordar outras possibilidades para que você, gestor, possa refletir com sua equipe sobre as práticas que já implementam e, então, pensar maneiras de ampliá-las.

Outras sistematizações

As sistematizações dos níveis de participação são diversas, mas sempre caminham de um nível mais informativo para outro em que a opinião, nesse caso dos familiares, pode de fato modificar o funcionamento da escola.

As escalas de cada uma dessas sistematizações apresentam diferentes nomenclaturas e quantidade de níveis, porém os princípios são muito similares. O caminho para ampliar a participação passa por criar ou aumentar espaços não apenas de escuta, mas principalmente de abertura real para avaliação e decisão.

Claro que em uma escola nem todas as tomadas de decisão têm de estar condicionadas à participação dos familiares, porém seria importante que as mais estratégicas e que impactem os fundamentos do projeto da escola contassem com essa possibilidade.

José Carlos Libâneo, João Ferreira de Oliveira e Mirza Seabra Torschi asseguram:

O estilo de organização e gestão denominado democrático-participativo acen-tua tanto a necessidade de estabelecer objetivos e metas como a de prever formas organizativas e procedimentos explícitos de gestão e articulação das relações

humanas. A organização torna-se um agrupamento humano formado por inte-rações entre pessoas com cargos diferentes, especialidades distintas e histórias de vida singulares que, entretanto, compartilham objetivos comuns e decidem, de forma pública, participativa e solidária, os processos e os meios de conquista des-ses objetivos. Existem, assim, objetivos e processos de decisão compartilhados, mas não há ausência de direção; ao contrário, admite-se a conveniência de cana-lizar a atividade das pessoas para objetivos e executar as decisões, considerando, de um lado, a necessidade de realizar com eficácia as tarefas, cumprir os objeti-vos, obter resultados, fazer a organização funcionar e realizar avaliações e, de outro, a necessidade de coordenar o trabalho das pessoas, assegurar ótimo clima de trabalho, enfrentar e superar os conflitos, propiciar a participação de todos nas decisões, em discussão aberta e pública dos fatos, com confiança e respeito aos outros.³

Vamos refletir agora sobre como potencializar a interação entre escola e fa-mílias em espaços mais conhecidos das escolas brasileiras.

Reunião com familiares. Para além do que foi comentado antes, essa instância é comumente utilizada para entrega de notas e relatórios com o aproveitamento dos estudantes, na qual se abre ou não espaço para conversas com professores quando há dificuldades de aprendizagem ou problemas relacionados a atitudes. Pode tornar-se um espaço de conhecimento sobre o PPP da escola e de diálogo sobre formas de contribuição de alunos e familiares em sua implementação.

Esses momentos também são propícios para melhor compreender os papéis de cada ator no processo de ensino e aprendizagem. Para ressignificar o encon-tro com familiares, gestores e docentes podem criar espaços para escutar as

3. LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez, 2012. p. 512-3.

impressões que tiveram do trabalho realizado, esclarecer suas dúvidas sobre os projetos desenvolvidos e, principalmente, trocar ideias a respeito da continuidade dos projetos, com o compartilhamento de expectativas de cada um sobre as formas de participação e contribuições.

Há, ainda, diferenças significativas entre reuniões de pais na escola pública e na particular: na primeira, o caráter informativo costuma ter peso maior; na segunda, além de informes, a apresentação de projetos se faz mais presente.

Considerando tudo isso, como você, gestor de escola pública ou particular, pode aproveitar esses espaços de encontro com familiares para promover diálogo, consensos e, dessa maneira, sensação de pertencimento e criação de sentido?

Conselho escolar. Possui existência jurídica e atribuições consultivas, deliberativas e fiscais para resolver demandas nos âmbitos pedagógico, administrativo e financeiro. Deve ser constituído de acordo com o regimento escolar e ter a participação do gestor, de docentes, demais funcionários, estudantes e pais, obedecendo, a princípio, à proporcionalidade de 50% de integrantes da escola e 50% de membros da comunidade.

Levando em conta essas características, o conselho escolar pode ser um espaço de participação educativa da comunidade, pois, na medida em que participam de encontros planejados, regulares e com pautas direcionadas a temáticas relevantes, familiares e estudantes ampliam seu conhecimento sobre a Educação escolar e desenvolvem atitudes de maior engajamento.

Grêmios estudantis. Instância representativa de estudantes criada pela Lei Federal nº 7.398/1985, costuma ser normatizada no regimento escolar e tem assegurada autonomia para sua organização em torno de temas de interesse dos alunos, desde que tenham finalidade educacional, cultural, cívica ou social. Ao incentivar o funcionamento do grêmio, o gestor escolar estimula o diálogo e a participação efetiva dos estudantes, colocando em discussão projetos e ações da escola, aproximando-os das tomadas de decisão, engajando-os em prol da implementação do

PPP e favorecendo o desenvolvimento de habilidades importantes para o projeto de vida. Tudo isso fortalece um estilo de gestão mais democrático e participativo do ponto de vista da escola.

Mais possibilidades

Que outros espaços, além dos colegiados já existentes, podem ser criados para favorecer o diálogo e a participação? Vejamos algumas alternativas.

Sensibilização dos docentes e demais funcionários. A escola, como um todo, precisa estar aberta para receber sua comunidade. É muito comum encontrar um funcionamento que limita a entrada por diversos motivos, entre eles receio de algum tipo de violência ou invasão e receber críticas de atores externos que não compreendem a realidade do cotidiano escolar. Mas como poderiam compreender se não participam, não conhecem, não se sentem incluídos nem escutados?

Na prática, é possível organizar reuniões com toda a equipe escolar e praticar o diálogo, conhecendo seus anseios e suas demandas. Dessas reuniões podem emergir inúmeras queixas, mas é preciso saber acolhê-las para depois conversar de maneira a chegar a um consenso. Afinal, nunca é demais lembrar que todos trabalham nesse espaço com um mesmo objetivo: garantir que as crianças, os adolescentes e os jovens aprendam mais e melhor.

Quando escutados e contemplados, mesmo que exista uma relação conflituosa, docentes e demais funcionários apresentarão grandes chances de mudar de postura. Em geral, as pessoas automatizam atitudes conforme são tratadas. Uma mudança na direção do diálogo igualitário pode gerar transformações internas com importantes impactos externos. Ou seja, para propor rupturas no modo de operação convencional, é preciso atuar de maneira coerente com o discurso em pauta.

Recursos permanentes de coleta de opinião. São exemplos a caixa de sugestões, o *e-mail* e outros canais digitais, como WhatsApp e Facebook da escola, além de quadros ou murais físicos como o “Quadro Freinet”⁴ com espaços para escuta em categorias como “Eu critico”, “Eu felicito”, “Eu proponho”. As filipetas podem, então, ser lidas no dia da reunião com familiares para instigar o debate e a construção coletiva de bons procedimentos de convívio.

Rodas de conversa entre estudantes. Conforme apresentado anteriormente e considerando várias experiências em oficinas de projetos, a contemporaneidade tem colocado muitos desafios aos adolescentes e jovens. Eles enfrentam problemas familiares, preconceitos de vários tipos e questões próprias do amadurecimento, que os fragilizam e os deixam, muitas vezes, sem perspectiva. Com frequência, a escola mantém-se alheia a esse quadro de sofrimento. A criação de momentos regulares e organizados de diálogo entre os estudantes tem se mostrado uma estratégia que favorece o vínculo entre eles, reduz a ocorrência de conflitos como o *bullying* no cotidiano escolar e, acima de tudo, apoia o empoderamento deles em seu projeto de vida.

Rodas de conversa com familiares. Considerando os desafios citados anteriormente, nem sempre as famílias sabem como lidar com essas questões, pois muitas vezes suas vivências escolares não permitem a construção de referências adequadas. Assim, organizar encontros de pais e responsáveis com especialistas em Educação da própria unidade de ensino ou convidados, assegurando momentos de troca de experiências e expectativas, pode fortalecer os vínculos com a escola e entre os familiares, criando uma rede de apoio e de ampliação de conhecimento sobre a Educação de crianças, adolescentes e jovens.

4. CÉLESTIN Freinet: o mestre do trabalho e do bom senso. *Nova Escola*, s/d. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1754/celestin-freinet-o-mestre-do-trabalho-e-do-bom-senso>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

Pequenas comissões representativas. Também pode ser muito produtivo convidar as famílias e a comunidade para participar, conforme seus interesses e sua disponibilidade, de comissões voltadas para diferentes temas, como biblioteca, mediação de conflitos, organização, avaliação, formação, infraestrutura, materiais e festas. A participação deve ser voluntária, e as reuniões, acontecer de acordo com as possibilidades dos participantes, por consenso. Essas comissões são fundamentais para avaliar o clima escolar por meio de diferentes vozes.

Parceria com voluntários da comunidade. É possível que no entorno escolar existam pessoas interessadas em estabelecer, no tempo que têm disponível, uma parceria com a escola a partir de uma atividade que já desenvolvem. Nesse caso, criam-se, com a gestão escolar, oportunidades de apoio a ações com estudantes e familiares. Manutenção do espaço físico e rodas de conversa com profissionais sobre suas especialidades são iniciativas que aproximam a escola da comunidade e vice-versa.

Participação da escola em eventos da comunidade. Já abordamos possibilidades de convites da escola à comunidade para conhecer as atividades realizadas internamente e participar delas. Para um resultado ainda mais potente, o movimento contrário também é importante. Conhecer a comunidade na qual a escola está inserida é fundamental para definir ações de maneira coerente com o entorno. São exemplos visitas à casa dos estudantes e a comércios locais, realização de trabalhos escolares em praças públicas, entrevistas dos alunos com diferentes personalidades da comunidade e participação em eventos comunitários.

Perguntas para reflexão

Depois de vermos tantas possibilidades, relembremos a situação da diretora Margarida no caso do início deste capítulo, sobre a necessidade de qualificar a

reunião de pais e pensar em mais espaços de participação. Ela resolveu propor aos professores uma análise sobre esses graus de participação e, para isso, utilizou algumas questões que também podem ajudar você, gestor, nos encontros de trabalho pedagógico com seus profissionais.

Assinale no quadro abaixo “sim” ou “não” quanto aos tipos de participação presentes em sua unidade e analise com sua equipe a oferta em relação às possibilidades apresentadas no capítulo.

QUAIS FORMAS DE PARTICIPAÇÃO ESTÃO MAIS PRESENTES EM SUA ESCOLA?		
PERGUNTA	SIM	NÃO
As famílias recebem informações sobre as atividades escolares, o funcionamento da escola e as decisões tomadas?		
As reuniões de pais consistem em informar as famílias sobre as decisões?		
A participação das famílias nas decisões da escola é muito limitada, restringindo-se à resposta a eventuais consultas?		
As decisões são centralizadas nos órgãos de direção da escola?		
As famílias e outros membros da comunidade participam das atividades de aprendizagem dos estudantes, tanto dentro como fora do horário escolar?		
As famílias e outros membros da comunidade participam de programas educativos direcionados a eles e oferecidos de acordo com suas necessidades?		
As famílias e outros membros da comunidade participam do processo de aprendizagem dos estudantes, ajudando a avaliar seu progresso educativo?		
As famílias e outros membros da comunidade participam da avaliação geral da escola?		
As famílias e outros membros da comunidade participam do processo de tomada de decisões?		
As famílias e outros membros da comunidade supervisionam a responsabilidade da escola em relação aos resultados educativos?		

Dependendo das respostas apuradas com sua equipe, caro gestor, você contará com contextos mais ou menos favoráveis à participação das famílias e da comunidade. Quanto maior o envolvimento de familiares e de representantes do entorno escolar, maior será a possibilidade de planejar intervenções com maior intencionalidade.

Na **Parte III** (p. 95) refletiremos sobre a necessidade de coerência entre o discurso e a prática para o fortalecimento da parceria entre escola e famílias. Também ilustraremos como isso pode ou não ocorrer por meio de alguns exemplos do cotidiano.

SAIBA MAIS

ARNSTEIN, Sherry R. Uma escada da participação cidadã. *Revista da Associação Brasileira para o Fortalecimento da Participação – Participe*, v. 2, n. 2, p. 4-13, jan. 2002. Disponível em: <<http://aeessp.org.br/escada.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. *Material didático do Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12619-publicacoes-dos-conselhos-escolares>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

CENTRO de Referências em Educação Integral. Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

5 ATITUDES pela Educação. Disponível em: <<https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/5-atitudes-pela-educacao>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

COMUNIDADE de Aprendizagem. *Formação de familiares*. Disponível em: <<https://comunidadeaprendizagem.com/uploads/materials/8/cb960ab29641f50addf16f1310358ebf.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

VENTOSA, Victor J. *Didática da participação: teoria, metodologia e prática*. São Paulo: Sesca, 2016.

PARTE III

COERÊNCIA ENTRE DISCURSO E PRÁTICA

CAPÍTULO 9

Transformação a partir das altas expectativas

CAPÍTULO 10

Desafios da Educação e o exercício da coerência

CAPÍTULO 11

Interação entre protagonismo e autoridade

CAPÍTULO 12

Convivência em um mundo marcado pela diversidade

CAPÍTULO 13

Relação entre escola e famílias: mudanças possíveis

TRANSFORMAÇÃO A PARTIR DAS ALTAS EXPECTATIVAS

Neste e nos próximos capítulos desta parte, selecionamos algumas situações que evidenciam a necessidade de coerência entre discurso e prática. Apesar de parecer algo simples, é frequente haver inconsistências entre o que alguém diz e o que faz – daí a expressão popular “Faça o que eu digo, não faça o que eu faço”. A realidade é que manter coerência entre dizer e fazer é muito complexo, como você, diretor, certamente vivencia em seu dia a dia. Como instituição de referência, a escola é mais valorizada por sua comunidade quando consegue atuar dessa maneira.

SITUAÇÃO 5

Qual o impacto das baixas expectativas de professores e familiares em relação à aprendizagem dos estudantes?

CASO

Fato comprovado: há transformação quando há altas expectativas

Marcos terminou seu primeiro ano como diretor de uma escola de Ensino Médio muito frustrado: os resultados de aprendizagem dos estudantes de todas as salas foram, como historicamente acontecia ali, bem abaixo do que seria

adequado; o índice de abandono manteve-se alto como nos anos anteriores; as faltas dos professores por motivo de saúde continuaram prejudicando a rotina escolar; e as queixas deles em relação aos estudantes eram desanimadoras: “Não querem nada com nada”; “Não se interessam”; “Não adianta preparar aula; eles não têm vontade de aprender”.

O pior é que Marcos constatava, nas reuniões com familiares, que as expectativas quanto aos próprios filhos também eram muito baixas. Às vezes, tinha a impressão de que as famílias reproduziam as queixas e a perspectiva dos professores. Ele estava convencido de que poderia modificar essa realidade com o envolvimento da equipe e dos familiares, mas para isso precisaria trabalhar para modificar o comportamento de todos, para que o compromisso com a aprendizagem não fosse só um discurso e se refletisse em práticas. Por onde começar essa grande mudança?

Conceituação

Esse caso exemplifica um desafio muito comum na relação entre escola e famílias, pois nem sempre educadores e familiares têm os mesmos objetivos e, por vezes, suas visões sobre os estudantes e a escola são equivocadas. Se esses atores cultivam ideias negativas sobre os alunos, não conseguirão realizar ações cotidianas para alcançar melhores resultados.

Nas atividades empreendidas com gestores de escolas ou de secretarias de Educação e também com professores, é comum ouvir falar sobre a não colaboração das famílias para que a escola efetive seu papel de ensinar. São queixas sobre ausência nas reuniões de pais, falta de acompanhamento nas atividades para fazer em casa e condutas inadequadas em relação aos profissionais da escola que transmitem a sensação de que eles estão tentando educar, “mas a família não ajuda”.

Vimos na **Introdução** (p. 9) que ainda existem alguns estereótipos que permeiam os discursos dos educadores e que precisam se tornar visíveis, porque

tais crenças balizam o comportamento e se tornam pano de fundo das ações dos educadores. Acredita-se frequentemente que os resultados ruins ou o abandono escolar relacionam-se com a falta de cuidados, seja no caso de famílias de baixa renda e menor condição de acompanhar e participar da vida do estudante, seja em contextos de alto poder aquisitivo, nos quais, muitas vezes, a rotina dos filhos é delegada a terceiros (babás, motoristas etc.).

Assim, vemos que gestores e professores precisam lidar com o próprio imaginário e com preconceitos de toda ordem – origem econômica, posição política, raça, etnia, gênero, deficiência, religião –, pois relacionar-se com os familiares a partir de ideias preconcebidas traz grandes problemas à comunicação.

Expectativas em relação aos estudantes e suas aprendizagens

Um olhar mais amplo pode revelar que o abandono e o cuidado podem estar presentes em todos os tipos de família e em todas as classes sociais. Alguns familiares analfabetos olham o caderno dos filhos a fim de verificar se há trechos mais ou menos preenchidos que no dia anterior, orgulham-se das aprendizagens e consideram que a escola é um grande passo para a melhoria da qualidade de vida. Há também responsáveis tão ausentes em razão de excesso de trabalho, por exemplo, que praticamente não tomam conhecimento da vida escolar dos filhos.

O mesmo fenômeno pode acontecer na escola. Em alguns lugares os profissionais se preocupam e estão atentos ao desenvolvimento de cada um dos estudantes, enquanto em outros ocorrem descaso e abandono: “Se o aluno não aprende, é problema dele”. Nesse *continuum* entre ter ciência da vida escolar e ignorá-la, encontramos uma grande variedade de casos, portanto, é importante evitar o julgamento binário do tipo “acompanha tudo” *versus* “não liga para nada”.

Nesse sentido, faz-se necessário, em ambas as instituições, chamar a atenção para possíveis descon siderações a demandas e capacidades dos estudantes, o que produz uma rotulação de características negativas vinculadas à não

aprendizagem. Isso engessa suas possibilidades de criação de sentido, uma vez que são colocados no lugar daqueles que “não aprendem”.

Contudo, conversando com familiares de estudantes, é possível verificar grandes críticas à escola e a sua equipe, como também vimos na **Introdução**. Muitas vezes, eles sentem que não são bem-vindos no espaço escolar, deparam com barreiras físicas (e simbólicas), como grades nas janelas e vidros nas áreas de atendimento, e se ressentem da conduta dos profissionais, que nem sempre demonstram hospitalidade no atendimento. Outras queixas comuns são as reclamações sobre os filhos nas reuniões, em que explicações pouco claras não os ajudam a entender o que ocorre em sala de aula. Esses ruídos na comunicação entre escola e famílias têm impacto direto na aprendizagem dos estudantes. Há ainda grande descontentamento com o horário das reuniões, que nem sempre lhes possibilita a participação.

Quanto mais favorável for a relação entre escola e famílias, maior será a chance de que as aprendizagens necessárias sejam devidamente construídas e apropriadas. Por isso é tão importante o diálogo entre as duas, para que ambas compreendam quais são os interesses comuns e as contribuições e atribuições de cada uma e, assim, possam construir um ambiente favorável aos filhos/estudantes. Se uma família manifesta dificuldade em acompanhar e apoiar a vida escolar, a situação só se resolverá com apoio adequado, e não há instituição melhor do que a escola para fazer isso.

Entendemos que o gestor, ao compreender essas variáveis e tê-las como premissa de seu trabalho, poderá agir de maneira coerente, promovendo conversas com sua equipe no sentido de fomentar uma relação saudável entre todos os atores da comunidade escolar, identificando e corrigindo problemas associados às baixas expectativas para com os alunos. Ao fazer isso, assegurará momentos em que se construirão as condições para a melhoria da aprendizagem dos estudantes. Escola e famílias podem, juntas, definir caminhos para o acompanhamento, de modo que intervenções ao longo do processo ajudem crianças, adolescentes e jovens a alcançar sucesso em sua escolaridade.

Evasão escolar

Um fator que certamente ajudará a trilhar esse caminho é a definição de expectativas de aprendizagem para todo o percurso escolar, explicitando o que cada um dos atores envolvidos nesse processo precisa fazer para que se chegue ao objetivo esperado: estudantes bem formados e focados em seus projetos de vida. Vimos anteriormente que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) representa um momento importante de mudança curricular, pois o documento traz uma perspectiva de desenvolvimento integral, envolvendo competências e habilidades. A partir da BNCC, todas as escolas terão a oportunidade de definir tais expectativas de aprendizagem e colocar em discussão formas de alcançá-las por meio de situações de sala de aula mais desafiadoras e interativas.

Até aqui comentamos sobre abandono por parte da escola e das famílias e sobre como isso acontece em diferentes contextos e realidades. E o abandono da escola pelo estudante? É claro que os temas são vinculados entre si, já que em qualquer abandono há perda de sentido naquilo que se deixa para trás.

Podemos pensar que escolas públicas apresentam essa realidade não somente por essa razão e pelas baixas expectativas em relação aos estudantes, mas também pela necessidade de o adolescente ou jovem ter de trabalhar para ajudar no sustento da família. “Não vou aprender mesmo; é melhor ganhar dinheiro fazendo qualquer coisa” é uma frase que sintetiza a situação, revelando três níveis de abandono: da família em relação ao estudante, já que muitas vezes ela concorda com essa decisão; da escola em relação ao aluno, ao não acolher suas necessidades; e do próprio indivíduo em relação ao conhecimento escolar, uma vez que ele resolve buscar caminhos em outros espaços. Isso ocorre porque o estudo perdeu sentido para todos os atores envolvidos.

E o abandono em escolas particulares? Também existe a falta de perspectiva e de motivação: o estudante não encontra na escola pontos de convergência com

seus interesses. Há pesquisas que apontam essa e outras causas da evasão,¹ mas todas têm a mesma essência: a sensação de não pertencimento ao espaço escolar. Como podemos transformar a escola em um ambiente rico e que faça sentido? Veremos algumas possibilidades a partir daqui, mas adiantamos que a presença e o apoio da família são indispensáveis no processo.

Do julgamento à compreensão

Espera-se, ao longo deste livro, que escola e famílias passem por uma mudança relevante: que deixem a postura de julgamento e cheguem à de compreensão. Essa abordagem pressupõe que há uma diferença entre queixar-se de que os familiares de determinado estudante “nunca vão às reuniões” e diagnosticar a situação, tentar compreendê-la e, por fim, buscar uma solução. Ao trilhar o segundo caminho indicado, pode ser que se descubra, por exemplo, que um responsável não consegue ir à reunião porque precisa cuidar de outros filhos. Então, talvez seja possível marcar um horário de atendimento individual.

Não é fácil passar do julgamento à compreensão, mas é absolutamente necessário: trata-se de uma conduta técnica esperada da escola. Os familiares não são um apêndice do estudante ou um problema para que ela cumpra seu papel. Eles são parte da missão de educar crianças, adolescentes e jovens. Serão necessárias doses de empatia para chegar à compreensão das partes e do todo: os motivos subjacentes às ações e as questões culturais que interferem em uma situação. A escola é responsável por todos os seus estudantes e, conseqüentemente, por envolver as famílias no processo de ensino e aprendizagem e pode fortalecer essa parceria construindo diálogos efetivos entre docentes e comunidade interna e externa.

1. Ver, por exemplo: 14 CAUSAS do abandono escolar no Brasil. *Politize!*, s/d.
Disponível em: <<https://www.politize.com.br/abandono-escolar-causas>>. Acesso em: 22 mar. 2019.

A pedagoga argentina María Emilia López, em seu livro *Um mundo aberto: cultura e primeira infância*,² conta a experiência de uma pesquisadora que atuou com mães na região de Veracruz, no México. Ela verificou que as mulheres levavam seus bebês consigo para lavar roupa no rio e que, quando os pequenos, mesmo os de 3 a 6 meses, molhavam os pés na água gelada, não se queixavam, o que a surpreendeu. As mães lhe contaram que preparavam os bebês para isso, levando-os para o rio assim que saíam da quarentena e banhando-os progressivamente, até que se acostumassem com a temperatura. No início elas “amornavam” a água com as mãos e pouco a pouco iam fazendo com que os pés dos bebês tivessem contato direto com o rio.

Essas mesmas mulheres continuavam preparando os pés dos filhos para andarem descalços nas pedras quentes. A partir de 1 ano, elas encostavam a sola dos pés nas pedras, até que as crianças protestassem ou chorassem. Então colocavam os pés dos pequenos na água. Faziam esse processo muitas vezes enquanto lavavam roupa. Isso originava bolhas, que eram rompidas com cuidado e tratadas com arnica, camomila ou bardana (*yerba de sanalotodo*, “erva de cura tudo” em tradução literal). Em decorrência, desenvolvia-se calosidade nos pés, que os protegia posteriormente das pedras quentes em que teriam de pisar descalços por causa da falta de calçado.

Um julgamento prévio poderia resultar em uma condenação ao comportamento das mães. A abordagem compreensiva permitiu que a pesquisadora analisasse o fenômeno, verificando que se tratava de uma questão cultural: naquele contexto, era uma ação de proteção que valorizava a autonomia.

A mudança para uma abordagem compreensiva fundamenta-se no exercício contínuo da empatia, com os integrantes da equipe da escola apoiando uns aos outros, conversando sobre as situações e retomando os encaminhamentos combinados coletivamente. María Emilia López afirma:

2. LÓPEZ, María Emilia. *Um mundo aberto: cultura e primeira infância*. São Paulo: Instituto Emilia, 2018.

*Para a compreensão é necessário empatia, isto é, uma disponibilidade. Um pensamento sobre as novas modalidades subjetivas que podem interpelar desde a infância ou as [modalidades] disruptivas diante do homogeneamente aceito exige, sobretudo, o exercício afetivo e epistemológico de suspender conceitos, certezas ou gestos aprendidos como parte da própria história da infância, para dar lugar à diferença e também a uma leitura mais ética do mundo.*³

Estratégias possíveis

Voltemos à Situação 5: o que o diretor Marcos decidiu fazer para abordar o desafio de superar as baixas expectativas de professores e familiares em relação aos estudantes?

Pesquisa

Inicialmente, Marcos pesquisou o significado do termo “expectativa” e constatou que é o estado ou a qualidade de esperar algo que seja viável ou provável que aconteça. Teve então clareza de que era preciso provocar reflexões sobre as expectativas de professores e familiares em relação aos estudantes e que eles provavelmente também estavam presos àquelas ideias tão pessimistas.

Assim, o diretor planejou com a coordenadora pedagógica uma série de ações envolvendo sua equipe e, em seguida, os alunos e seus familiares:

3. Idem, p. 29.

1. Reuniões com os professores para a reflexão sobre o impacto das baixas expectativas na aprendizagem dos alunos. Marcos esperava encontrar uma resistência muito grande dos docentes, pois a cultura de insucessos estava solidamente instalada na escola e a “culpa” por isso já estava mais do que declarada: era dos alunos. Para enfrentar a resistência, precisou pensar em uma pauta que, de alguma forma, sensibilizasse os professores.

PROPOSTA DE PAUTA PARA REUNIÃO COM PROFESSORES¹

DURAÇÃO PREVISTA: 2 HORAS

OBJETIVO DA REUNIÃO

- ▶ Envolver os professores em reflexões sobre o possível impacto das baixas expectativas na aprendizagem dos alunos.

ENCAMINHAMENTOS

- ▶ Após o ritual de acolhimento, propor que os professores façam suas próprias pesquisas a fim de responder o que entendem por “expectativa”.
- ▶ Resgatar com os docentes suas experiências escolares relacionadas às expectativas que seus professores e familiares tinham em relação a eles. Esse pode ser um momento oral, somente para aquecer a conversa de modo a sensibilizar a equipe.
- ▶ Depois de pedir que compartilhem o que pesquisaram, construir coletivamente o significado comum da palavra “expectativa”, registrando na lousa. [Repare-se que, ao construírem esse conceito, Marcos e sua equipe se aproximam mais da coerência entre discurso e ação, já que terão a oportunidade de rever as próprias ações.]
- ▶ Compartilhar o objetivo da reunião e perguntar o que os professores acham, se concordam que pode haver relação entre baixas expectativas e a forma como os alunos se envolvem ou não, se empenham ou não, para aprender.
- ▶ Escutar todas as possíveis queixas e culpabilizações e esclarecer que o objetivo não é, de maneira alguma, tirar a responsabilidade dos estudantes, mas tentar, como profissionais, reverter um quadro de constantes insucessos na escola.
- ▶ Propor que assistam ao vídeo de uma especialista para embasar a reflexão: reproduzir o vídeo em que a pedagoga argentina radicada no México Emilia Ferreiro comenta sobre o impacto das baixas expectativas dos professores na aprendizagem dos alunos.
- ▶ Perguntar se gostariam de tecer comentários sobre as afirmações de Ferreiro.
- ▶ Exibir o seguinte trecho do documentário *Pro dia nascer feliz* (p. 191): 9’30” a 17’25”.
- ▶ Solicitar que registrem o que lhes chama a atenção nas cenas.

1. A proposta se repete no capítulo 15 (p. 174), onde sugerimos pautas para conversas com diferentes atores com base em trechos de filmes que apresentam temas relacionados.

[continuação]

- ▶ Depois de um pequeno tempo para concluir os registros, pedir que reflitam, em duplas, sobre a seguinte questão: “Quais semelhanças e diferenças podemos identificar entre as realidades daqueles alunos e professores com a realidade de nossa escola?”.
- ▶ Propor a socialização das reflexões e lembrar que, no trecho a que assistiram, puderam conhecer o sonho de uma das alunas. Perguntar se consideram importante a escola conhecer quais são os sonhos dos estudantes e, de alguma forma, tentar ajudar a canalizar alguns dos sonhos e preocupações comuns para projetos nos quais eles se sintam mais contemplados, protagonistas, motivados.
- ▶ Solicitar que, em quartetos, planejem uma dinâmica para que os alunos sejam convidados a compartilhar seus sonhos e suas grandes preocupações. (Aqui você pode retomar os princípios de criação de sentido e transformação (p. 41).
- ▶ Pedir que compartilhem ideias e formem uma comissão para que, utilizando parte de algumas aulas durante um mês, realizem as dinâmicas combinadas.
- ▶ Antecipar a proposta de elaboração de um grande painel com a participação dos estudantes, depois de colherem os sonhos e preocupações comuns de cada ano. Adiantar que na próxima reunião conversarão sobre o andamento desse projeto e combinarão os próximos passos: como será feito o painel e como os sonhos e preocupações poderão se transformar em projetos dos alunos.

2. Reunião com professores para planejar uma pauta de encontro com famílias para compartilhar os sonhos e as preocupações dos alunos e apresentar o encaminhamento por meio dos projetos. É importante incluir nesse planejamento a discussão de dados sobre evasão escolar – como índices e motivos –, além de pesquisas relacionadas ao tema, para esclarecer o quanto a escola e os familiares precisam apoiar os estudantes e mudar as expectativas que demonstram em relação a eles.

Nessa reunião, você também pode fomentar a pesquisa e o mapeamento, por parte dos professores, de possibilidades do entorno escolar, para que sua equipe faça uso de atividades culturais e/ou esportivas promovidas por organizações não governamentais (ONGs) e/ou outras secretarias, ou seja, sobre recursos que o município oferece e que podem incentivar/dar maior sentido à vida dos alunos e incrementar sua formação.

Outro aspecto importante nesse planejamento é o registro das ações realizadas a partir dessa pesquisa para que seja possível fazer uma devolutiva para a comunidade escolar – professores, demais funcionários, estudantes e familiares – após um ano de implementação do projeto.

Ampliação de possibilidades

Se você, gestor, como o diretor Marcos, reconhece a importância do cuidado na relação com as famílias, pode estar se perguntando como envolver ainda mais sua equipe nessa empreitada. Em primeiro lugar, é preciso que todos tomem consciência da necessidade do envolvimento.

Para apoiar essa conversa em sua escola, elaboramos um quadro com alguns pontos de reflexão e caminhos possíveis. Note que há uma coluna em branco para que você e sua equipe discutam os pontos sugeridos e pensem sobre outros aspectos que considerarem relevantes.

A EQUIPE CONSIDERA QUE OS FAMILIARES TAMBÉM SÃO PÚBLICO DA ESCOLA?		
Pontos de reflexão	Observação da equipe com base na realidade da escola	Sugestões de caminhos possíveis
Os espaços da escola são constituídos de maneira que os familiares se sintam bem-vindos?		▶ Ter espaços de acolhimento dos familiares, como a recepção da escola. Mesmo em locais sem recepção, é possível fazer um canto agradável em algum corredor, com local para se sentar e ler um livro enquanto espera. ▶ Ter orientações claras, expressas em documentos oficiais da escola, sobre o atendimento dos familiares.
A comunicação da escola com os familiares é efetiva e humanizada?		▶ Contar com mecanismos de diálogo com familiares, como mural, <i>blog</i> e página no Facebook, e atualizá-los periodicamente. ▶ Analisar algumas comunicações utilizadas com os familiares e verificar se a linguagem favorece a compreensão e a criação/manutenção de vínculos.
As reuniões com os familiares propiciam o engajamento deles no processo educacional?		▶ Analisar as últimas pautas de reuniões com familiares verificando se: ▶ são realizadas em horários adequados à participação; ▶ contemplam momentos dedicados à apresentação das produções dos estudantes e os resultados de aprendizagem; ▶ contemplam momentos de falas coletivas e outros de abordagem individual sobre o desenvolvimento de cada aluno; ▶ contemplam momentos para os pais conversarem sobre o que acontece na escola, o que acontece com o crescimento dos filhos, desejos, preocupações etc.; ▶ oferecem espaço para os familiares falarem sobre seu histórico escolar e evidenciar as diferenças do momento histórico atual.
Os familiares têm outros espaços efetivos de participação?		▶ Prever ações para que o conselho escolar seja um espaço efetivo de participação e os demais familiares possam acompanhar suas resoluções. ▶ Manter conduta de abertura para que os familiares contribuam para a escola a partir do que sabem fazer e podem oferecer, por meio de ações de voluntariado.

O quadro anterior é apenas um exemplo, uma vez que pode ser bastante produtivo propor sua composição com as equipes em espaços formativos coletivos. Sugerimos que para cada ponto de reflexão você, gestor, verifique a compreensão do grupo com base no dia a dia e também na observação dos espaços da escola. Com esse diagnóstico, você poderá planejar os caminhos possíveis.

CAPÍTULO 10

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO E O EXERCÍCIO DA COERÊNCIA

A escola está inserida na sociedade. Não é possível isolá-las, e uma afeta a outra. Por isso, diretor, abordaremos neste capítulo algumas questões da atualidade que se colocam como dilemas na atuação dos educadores e, em especial, dos gestores escolares. Em cada uma buscaremos verificar de que maneira as estratégias de participação apresentadas anteriormente podem colaborar.

SITUAÇÃO 6

Como os estudantes se relacionam com as novas tecnologias? Como lidar com o *bullying*?

CASO

Escuta e diálogo como soluções possíveis

Em uma escola de Ensino Fundamental, a direção já havia tentado várias estratégias para reduzir o *bullying*, mas as queixas das famílias e dos próprios alunos vítimas das ações só aumentavam. As ações discriminatórias e cruéis eram praticadas, principalmente por meio de redes sociais às quais a escola não tinha acesso.

A diretora Rita resolveu, envolvendo os professores, ouvir os estudantes sobre possíveis soluções para acabar com algo que provocava sofrimento em tantos

deles. O resultado foi surpreendente: o interesse foi bem maior que o esperado, já que foram os alunos os autores das ideias e responsáveis pelas ações, e as queixas tiveram uma redução drástica.

Rita percebeu que a escola não podia negar a presença das redes sociais na vida de seus alunos e começou a pensar em ações para aprofundar a conscientização sobre duas temáticas: o *bullying* e as redes sociais. A ideia era boa, mas que ações ela poderia realizar?

Conceituação

Esse caso é cada vez mais comum nas escolas, já que uma das principais marcas de nossa sociedade é a presença das tecnologias da informação e comunicação (TICs) no cotidiano. Atualmente, os estudantes são, em geral, nativos digitais, ou seja, cresceram convivendo com diversos dispositivos móveis e também com a internet. Pais, avós, tios e a maioria dos educadores não pertencem a esse grupo, isto é, viveram parte da vida sem a presença maciça da tecnologia no dia a dia. Muitos assistiram à chegada dos computadores às empresas e depois às casas, tiveram de exercitar a paciência com a internet discada, foram usuários ou conheceram pessoas que usaram os primeiros celulares grandes e pesados. Enfim, gerações com experiências bem diferentes em um pequeno intervalo de tempo – cerca de duas décadas.

Vários estudantes já têm a experiência digital no dia a dia, ainda que o acesso não seja igual para todos. A chamada brecha digital – a diferença entre os que têm acesso e os que não têm – também é uma questão importante a ser resolvida pela sociedade como um todo e certamente pela escola.

Vejam alguns destaques da pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação nas escolas brasileiras – TIC Educação 2017, realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), que demonstram o problema da exclusão digital.

PESQUISA TIC EDUCAÇÃO 2017¹

USO DAS TECNOLOGIAS ENTRE ESTUDANTES E PROFESSORES. Ainda há desigualdades de acesso a serem superadas: 22% dos estudantes de escolas públicas acessam a internet exclusivamente por conexão em aparelho celular, o que ocorre com apenas 2% dos alunos de escolas particulares. No entanto, as tecnologias estão cada vez mais disseminadas entre estudantes e professores, sobretudo em práticas relacionadas à comunicação, ao acesso à informação e ao consumo de produtos culturais e educacionais.

AVANÇOS E DESAFIOS DO USO DAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA. Algumas das atividades pedagógicas mais realizadas pelos professores, especialmente em escolas particulares, estão relacionadas à interação com os estudantes por meio de recursos tecnológicos: 44% dos professores de escolas públicas e 61% dos de escolas particulares disponibilizaram conteúdo na internet para os alunos. Entretanto, a qualidade de conexão à internet ainda se apresenta como um desafio a ser superado pelas escolas: a velocidade em 40% das instituições públicas de áreas urbanas era inferior a 3 Mbps.

USO DAS TECNOLOGIAS NAS ESCOLAS RURAIS. Em 2017, 36% das escolas localizadas em áreas rurais possuíam acesso à internet. Em 61% delas, a velocidade de conexão era de até 2 Mbps, sendo que 16% declararam velocidade inferior a 1 Mbps. De outro lado, 46% dessas unidades disponibilizaram acesso a computadores e à internet para a comunidade e os familiares dos estudantes.

1. Departamento do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (Nic.br), entidade que implementa as decisões e os projetos do Comitê Gestor da Internet do Brasil (Cgi.br). Ver: <<https://www.cetic.br>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

Provavelmente, em sua escola, você, como a diretora Rita, na Situação 6, enfrenta desafios relacionados à cultura digital. Pensamos em algumas perguntas para colocar em discussão com sua equipe:

- ▶ Que tipo de exclusão digital você nota em nossa escola? É possível adotar alguma medida para minimizá-la?
- ▶ A tecnologia está no mundo e precisa também estar na escola, mas qual é o lugar das TICs na sala de aula?

O debate atual sobre essas questões aponta vários caminhos. Aqui focaremos os que dizem respeito à parceria entre escola e famílias. Entre as experiências inspiradoras compartilhadas por educadores, escolas e redes que estão conseguindo responder a esses dilemas, a integração com as famílias é uma constante; afinal, ensinar os estudantes a lidar com as TICs é um desafio para ambas as instituições. Isso se refere ao conhecimento procedimental – ou seja, funcionamento dos dispositivos, recursos existentes, acesso e produção de conteúdo –, mas, também, e talvez principalmente, à dimensão atitudinal – quando acessar e quando parar, quais os dispositivos de segurança e controle de usuários e familiares para acesso a *sites* de pornografia, violência e outros conteúdos inadequados.

Discussões com a família

É importante que esse tema seja pauta dos diálogos com as famílias. De um lado, é preciso compreender como são o acesso, o uso e o comportamento dos estudantes em relação à tecnologia fora da escola. De outro, é importante que a equipe escolar esteja consciente das habilidades que precisam ser desenvolvidas nessa área, detalhadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e informe às famílias qual o projeto para proporcionar a construção de tais aprendizagens (ver box **Competência 5 da BNCC**, abaixo).

COMPETÊNCIA 5 DA BNCC¹

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de maneira crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

1. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

Garantia de acesso à internet

Se uma escola tem estudantes com dificuldades de acesso ao mundo digital, é ainda mais importante, por uma questão de equidade, que possa oferecer os melhores recursos (salas equipadas com computadores em rede, *tablets* conectados à internet) e estratégias (formação dos professores em TIC, especialista técnico para apoiar pesquisas e interações em rede). Em uma recente discussão sobre tecnologia, o gestor de uma Secretaria Municipal de Educação respondeu a uma pergunta sobre o acesso digital em uma escola na periferia onde os estudantes vivem em “casas de palafita”, dizendo que todas as escolas da cidade têm os mesmos recursos digitais, considerados suficientes. Esse parece ser um ótimo cenário, mas seria melhor ainda que as escolas da periferia tivessem mais computadores e internet de qualidade do que as das áreas economicamente favorecidas, pois os estudantes que moram nestas áreas já devem ter em casa muitas oportunidades para tais aprendizagens. Trata-se de algo similar à necessidade de ter bibliotecas melhores quanto menor for o acesso aos livros por parte dos alunos. Garantir mais a quem tem menos é equidade, e não será possível fazer planejamentos desse tipo sem conhecer a realidade das famílias.

Uso de dispositivos e aplicativos

Outra necessidade é a reflexão com os familiares a respeito do uso dos dispositivos eletrônicos pelos estudantes. Ponte e Vieira¹ destacam a internet como risco e, ao mesmo tempo, oportunidade, o que torna essa relação bastante complexa, uma vez que propor redução do uso pode implicar diminuição de acesso e

1. PONTE, Cristina; VIEIRA, Nelson. Crianças e internet, riscos e oportunidades: um desafio para a agenda de pesquisa nacional. In: MARTINS, Moisés de Lemos; PINTO, Manuel (Org.). *Comunicação e cidadania*. Braga: CECS, 2007. p. 2732-41.

de oportunidades para indivíduos que já são penalizados socialmente. A pesquisa “Crianças e internet, riscos e oportunidades: um desafio para a agenda de pesquisa nacional”, realizada em Portugal, dividiu riscos e danos em três categorias que nos parecem universais, atingindo escola e famílias:

1. o risco procedente da navegação pelas páginas da web: o dano advém do tipo de material ou conteúdo acessado na web;
2. o risco procedente da participação em serviços interativos, tais como *sites* de relacionamento e jogos *on-line*: o dano reside nas pessoas e no comportamento, podendo ter consequências negativas na exposição pública de fatos, imagens, registros pessoais;
3. o risco procedente do excesso de tempo de exposição: argumentações relacionadas a temas como vício e isolamento social.

As famílias podem, seguramente, contribuir muito para a Educação na redução desses riscos e danos – tanto quanto a escola. No entanto, seus integrantes não estão isolados desse mesmo contexto, ou seja, estão expostos aos mesmos danos potenciais. Citemos como exemplo o recente fenômeno dos grupos de familiares no WhatsApp e com o qual as escolas estão aprendendo a lidar (p. 58).

Há, de fato, uma potencialidade nas trocas entre familiares pela ajuda mútua, mas, de outro lado, ocorrem com frequência condutas equivocadas, que vão desde o uso do grupo para temas não escolares até extensas discussões sobre fatos ou boatos que, quando verificados com a gestão, se resolvem rapidamente.

Ao propor o tema das TICs nas reuniões com as famílias, a escola chama a atenção para essa complexa temática, despertando os familiares para que fiquem atentos ao comportamento dos filhos em relação à tecnologia e ao suporte que precisam lhes dar, e possibilitando mais uma abertura para a parceria desejada. Ensina-mos a comer de boca fechada, a lavar as mãos depois de ir ao banheiro, a não desrespeitar as pessoas, entre tantas outras coisas. Por que, então, supor que eles aprenderão sozinhos a se comportar no universo digital? A

atuação propositiva da escola ganha, assim, ainda mais importância, uma vez que os comportamentos se manifestam em um mundo invisível mesmo aos olhos de quem está fisicamente ao lado. É fácil um familiar ou um professor identificarem que precisam conversar com a criança, o adolescente ou o jovem sobre a importância de dividir sua barra de chocolate com um amigo que esteja com ele quando for comê-la, mas o adulto pode ficar totalmente alheio a uma situação de desrespeito ou *bullying* que esteja acontecendo em uma rede social ou em um grupo de WhatsApp, por exemplo.

Comportamento digital

Adultos, seja na escola, seja nas famílias, são referenciais valiosos para que crianças, adolescentes e jovens aprendam a ter boas atitudes também em relação ao uso das tecnologias e redes sociais. Eles devem cuidar do tempo despendido pelos filhos com conteúdos inadequados e conversas pejorativas sobre colegas e professores, em detrimento da dedicação a conversas em família e encontros presenciais.

A qualidade da presença dos pais ou responsáveis, no tempo que têm para compartilhar com os filhos, é extremamente importante. Muitas vezes os adultos nem percebem essa “ausência” ou pensam que não faz diferença. No entanto, a realidade nos mostra que crianças, adolescentes e jovens observam, sentem e refletem os comportamentos dos adultos, principalmente daqueles que amam e admiram.

A conversa em família sobre o tema pode gerar reflexão, troca de experiências e, conseqüentemente, transformação nas interações cotidianas, tanto nas relações entre pais e filhos como entre escola e famílias.

Um exercício simples que a escola e mesmo a família podem propor ao filho ao discutir *bullying* pode ser: “Você gostaria que fizessem o mesmo com você?”; “Você gostaria de ser tratado dessa maneira?”. Provocar esse exercício de

alteridade é fundamental para a formação das crianças, adolescentes e jovens, mas, para que isso seja eficaz, nós, adultos, também precisamos demonstrar coerência, ou seja, agir de acordo com o que dizemos, por exemplo, ser respeitoso ao fazer referência a outras pessoas.

Participação educativa

Por fim, com tantas aprendizagens necessárias e tantas possibilidades que o universo digital proporciona, é interessante que a escola considere os familiares como parceiros de empreitada, levando em conta seus conhecimentos de vida e também os da área, criando espaços intencionais de participação, como discutido anteriormente. O apoio pode ser tanto para o debate sobre questões de difícil encaminhamento como para o conserto de equipamentos, a configuração de redes e mesmo oficinas sobre tecnologias específicas. Esse seria um exemplo de participação educativa que, conforme já vimos, tem maior probabilidade de obter êxito escolar e participação das famílias. Além disso, contemplar os conhecimentos dos familiares, sejam eles técnicos ou práticos, permite exercitar o princípio de inteligência cultural.

Estratégias possíveis

Voltando à Situação 6 de *bullying* na escola da diretora Rita, veja a seguir as ações que ela propôs.

Ações

- ▶ Reunião com professores para refletir sobre o problema e para compartilhar

a ideia de ouvirem os estudantes e construir um projeto com base nas soluções dadas por estes.

- ▶ Reuniões com grupos de alunos, cada um deles acompanhado por dois professores (distribuídos em rodízios), para propor que pensassem no problema e em soluções. Esses grupos tiveram uma semana para pensar nas soluções.
- ▶ Reunião com todos os estudantes para compartilhamento das propostas de soluções e eleição das soluções mais potentes. A proposta mais votada foi a de formar um grupo de alunos que pudessem acolher os colegas que sofriam *bullying*, apoiados pela coordenação.
- ▶ Eleição de uma comissão, em cada turma, para se responsabilizar pela efetivação das ações do projeto, que passou a ser chamado, pelos estudantes, de “Guerreiros contra o *bullying*”.
- ▶ Pesquisa dos alunos no *site* SaferNet² e posterior campanha encabeçada por eles sobre o uso saudável das redes sociais.
- ▶ Reunião com as famílias para compartilhamento do projeto “Guerreiros contra o *bullying*” (apresentação feita pelos estudantes) e construção de acordos para o acompanhamento pelos pais.

Note que a proposta realizada responsabiliza os alunos pelo próprio bem-estar. Aqui podemos fazer uma articulação com os princípios de solidariedade, já que a ideia é coletivizar o problema; de criação de sentido, pois inclui tanto os que fazem como os que sofrem *bullying*); de diálogo igualitário, ao serem escutados e proporem soluções; e, conseqüentemente, de transformação, pois todos os princípios anteriores exigem uma mudança de postura.

2. A SaferNet é uma organização que se consolidou como entidade de referência nacional no enfrentamento de crimes e violações aos direitos humanos na internet. Disponível em: <<https://new.safernet.org.br>>. Acesso em: 22 mar. 2019.

Perguntas para reflexão

- ▶ Como sua escola tem utilizado as TICs para criar canais de comunicação com familiares?
- ▶ Como tem solucionado a questão do uso de *smartphones* e *tablets* pelos estudantes na sala de aula/na escola?
- ▶ Como trabalhar para que os alunos possam fazer uso adequado das redes sociais e também saber selecionar informações para que não “caiam” em notícias falsas (*fake news*)?

CAPÍTULO 11

INTERAÇÃO ENTRE PROTAGONISMO E AUTORIDADE

Problemas como indisciplina e desinteresse de estudantes são recorrentes e têm sido conteúdo de muitas conversas, reflexões e decisões em diferentes contextos escolares. Qual a medida adequada da firmeza e da negociação, da autoridade e da liberdade?

SITUAÇÃO 7

Como a liderança dialógica contempla a autoridade necessária?

CASO

Pertencimento e criação de sentido como chave para mudança de comportamento dos estudantes

Cláudio, diretor de uma escola de Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio do interior da Bahia, enfrentava, como muitos outros gestores que trabalham com adolescentes, uma série interminável de problemas de disciplina dos alunos, além de uma “chuva” diária de reclamações dos professores e das famílias. Ficava constantemente com a sensação de que a escola “está falida”, pois não conseguia cumprir sua principal missão: formar aqueles meninos e meninas com muitas

competências¹ para viver em sociedade de maneira ética e gratificante para si e para os outros.

Quando propunha reflexões com sua equipe sobre o que precisavam aprimorar, ouvia sempre as mesmas respostas: “Eles acham a vida lá fora muito mais interessante!”; “Eles têm muitos interesses fora da escola...”. As famílias, quando chamadas a interferir para melhorar o desempenho dos filhos, mostravam também “não saber mais o que fazer”.

Cláudio conheceu a experiência de um diretor que havia tido grande êxito na aproximação da escola com a comunidade, melhorando até mesmo os resultados de aprendizagem dos estudantes. Então, animou-se e convenceu-se de que os alunos necessitavam de estímulos para pensar em soluções e realizar ações em prol da comunidade em que residiam. Isso fez muito sentido para ele, pois sempre achou que criatividade e vontade realmente não pareciam faltar àqueles adolescentes, desde que estivessem diante de algo que lhes fizesse sentido.

Ao trocar ideias com outro gestor, este lhe disse que tinha de tomar cuidado, pois, se permitisse que os jovens “mandassem na escola”, teria problemas para manter as regras e a autoridade da equipe docente. De fato, Cláudio já havia passado por situações em que fora difícil preservar o respeito, e preocupou-se. Como poderia efetivar seu desejo de inspirar os jovens, criando mais significado para a aprendizagem, sem que a questão disciplinar fosse comprometida?

Conceituação

Conforme vimos no capítulo 3, **Breve histórico** (p. 26), vivemos em uma sociedade cada vez mais complexa, com transformações significativas nas famílias,

1. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, p. 8), competência é “a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho”.

nas relações de trabalho, na inserção das tecnologias digitais no cotidiano, na velocidade do acesso à informação, e, como um aspecto também relevante, existe uma crise da autoridade. Segundo Gérard Guillot:

A crise da autoridade manifesta-se nas famílias, nas escolas, na desconfiança em relação aos poderes, particularmente o poder político. Ela se caracteriza pelo “declínio da instituição”, pela proliferação das “incivilidades”, pela delinquência (não apenas a das periferias, mas também a dos “negócios” e da corrupção), pela escalada das ideologias neonazistas, pelas intolerâncias e pelos retraimentos identitários.

*A violência, sob múltiplas formas, espetaculares ou ocultas, não só se banalizou, mas também se radicalizou. O inumano corrói, destrói o humano e ganha terreno. A crise da autoridade é uma crise da humanidade. Sair da crise é sair da inumanidade.*²

Temos ainda, nesse contexto, a evolução dos estudos sobre desenvolvimento e Educação, bem como a discussão em torno dos direitos das crianças e dos adolescentes. Se considerarmos que a Organização das Nações Unidas (ONU) adotou a Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948 e a Convenção sobre os Direitos da Criança em 1989, a qual se configurou como lei internacional um ano depois, começamos a compreender as variáveis que compõem a complexidade do cenário escolar. Precisamos construir aprendizagens levando em conta a identidade e os papéis sociais de cada um dos atores educacionais: estudantes, famílias e profissionais da Educação.

No decorrer desse tempo, deixamos para trás todos os tipos de violência como estratégia educativa, em virtude da comprovação dos danos em termos de desenvolvimento, o que é ótimo. Ao terem seus direitos garantidos, crianças e adolescentes passaram a ter maior possibilidade de expressão, o que fez com que

2. GUILLLOT, Gérard. *O resgate da autoridade em educação*. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 9.

seu lugar na sociedade, tanto na escola como na família, fosse revisto. Nas escolas, também é atual a preocupação com a garantia de instâncias de participação para os alunos: representantes de sala, assembleias, grêmios, entre outras. Nas famílias, crianças e adolescentes participam cada vez mais das discussões e ampliam sua possibilidade de opinar. Esses fenômenos ocorrem em graus distintos, de modo que poderíamos investigar desde escolas de um mesmo bairro até as de países com realidades muito diferentes da brasileira.

Cabe aqui uma breve descrição do conceito de “giro dialógico”, que se faz presente nessas negociações para que diferentes atores cheguem a consensos que primem por objetivos comuns:

Cada vez mais, os sujeitos e os grupos pensam em como chegar a consensos e encontrar soluções por meio de interações orientadas para o entendimento, processo pelo qual a linguagem adquire um papel central. É nesse sentido que se fala de giro dialógico, para descrever a crescente centralidade do diálogo em todos os âmbitos: desde a política internacional à sala de nossa casa, passando por trabalho, escola, família, relações íntimas e instituições como bancos, hospitais ou a administração local. A tendência dialógica que aparece nessas esferas é uma das consequências das últimas mudanças da sociedade.³

Protagonismo no presente

É fundamental que fique clara nossa total concordância com todo esforço no sentido de garantir os direitos das crianças e dos adolescentes e também sua participação na escola. Acreditamos em um estudante ativo, que busca o conhecimento e atua em sua realidade sempre, não como um cidadão do futuro.

3. AUBERT, Adriana et al. *Aprendizagem dialógica na sociedade da informação*. São Carlos: EdUFSCar, 2016. p. 28.

Contudo, essa evolução tão positiva e necessária teve um efeito colateral relevante nas escolas, pois com frequência as situações de indisciplina transgridem e desqualificam⁴ as normas e os procedimentos estabelecidos pela gestão escolar, desencadeando conflitos em torno de momentos de violência e desrespeito, e criando um clima de disputas entre alunos e educadores. As famílias, por vezes, ocupam o centro do transtorno, sem saber como ajudar.

Estratégias possíveis

Retomando a Situação 7, vejamos o que o diretor Cláudio poderia fazer para conseguir inspirar os estudantes de sua escola, criando mais significado para a aprendizagem, sem que a questão disciplinar seja comprometida.

Ações

- Identificar e mapear, no cotidiano, problemas semelhantes aos descritos anteriormente, como desrespeito a profissionais da escola e atitudes que sinalizam falta de limites. Desse modo, o gestor visualizará os pontos críticos de maneira a facilitar o planejamento de estratégias de acordo com sua realidade.

Gérard Guillot diz que “a escola não é mais uma instituição óbvia”⁵ e que o trabalho de repensá-la no dia a dia depende de parcerias e negociações. Trata-se de uma reafirmação constante da escola e dos educadores como figuras de

4. GUILLOT, op. cit., p. 10.

5. Idem, ibidem.

autoridade, que têm condições técnicas diferenciadas de guiar os estudantes em seu percurso educativo. O estabelecimento dessa condição não representa contradição alguma em relação ao estabelecimento de espaços de participação de familiares e alunos ou à valorização do protagonismo destes em seu aprendizado.

É provável que as situações de indisciplina na escola sejam o motivo mais frequente de contato dos professores com os familiares. Quando eles são chamados para conversar sobre isso, é provável que muitas outras medidas já tenham sido tomadas, sem diálogo com as famílias. É fundamental que, nesses casos, o gestor se proponha a envolver os familiares e o estudante que transgrediu as regras em uma atmosfera de apoio e não de críticas. No capítulo 9, **Transformação a partir das altas expectativas** (p. 96), abordamos a proposta de passar do julgamento à compreensão – vale retomar essa reflexão aqui.

O que se deseja é uma mudança de comportamento. Para isso, todos terão de se unir a fim de compreender o que está acontecendo e como podem apoiar o desenvolvimento do aluno na questão comportamental. Ao garantir que a intervenção de sua equipe seja tecnicamente adequada, o gestor estabelece protocolos específicos, de acordo com a ideia dos consensos e diálogos que são o cerne deste livro. Também é importante que essas situações sejam devidamente registradas, construindo um histórico do estudante.

- Ampliar o planejamento com a equipe da escola para atuações preventivas, como as seguintes:
- a. Elaboração e divulgação de orientações e combinados sobre qual conduta se espera dos estudantes e por quê. O documento pode ser construído, debatido e revisado com a participação de alunos e familiares. Com isso, as famílias se tornarão corresponsáveis pelas atitudes dos filhos e, em casa, contribuirão para reafirmar as diretrizes da escola. Desse modo, haverá maior coerência entre as atitudes dos estudantes nos ambientes escolar e doméstico. O mesmo vale para os alunos: é mais provável que cumpram uma regra ou norma

de cuja elaboração participaram do que uma que lhes foi imposta. Ao incluir estudantes e familiares na discussão e na tomada de decisão posterior, a escola possibilita o exercício da criação de sentido e a participação decisória, regida pelo princípio de diálogo igualitário, de que tratamos no capítulo 8, **Tipos de participação** (p. 79).

- b. Inclusão de temáticas relacionadas à questão da autoridade, como o estabelecimento de limites na Educação, em reuniões com familiares. Além do formato tradicional, pode-se pensar também em rodas de conversa e palestras com intencionalidades bem definidas. Nesse ponto do planejamento, a gestão sugere opções de acordo com a realidade e os contextos e os familiares participam da decisão.

Por exemplo: é possível que a problemática mais frequente exija a intervenção de algum especialista externo à escola, como um psicólogo ou psicopedagogo. Esse profissional pode atuar de várias maneiras, dependendo das demandas de cada caso: bate-papo com familiares para tirar dúvidas da maioria em relação a como lidar com determinados problemas de comportamento; atuação direta com os estudantes em rodas de conversa, conduzindo a proposição de soluções coletivas e criativas; participação na formação de professores, sugerindo estratégias para que possam agir diante de certas situações da melhor maneira possível. O mais importante é que a atuação do profissional externo tenha um propósito claro e que seja desenvolvida com a participação de todos os atores envolvidos.

- c. Implantação de estratégias de mediação de conflitos envolvendo diferentes atores. Existem experiências interessantes com estudantes que se tornam mediadores em suas turmas. Contudo, é preciso incluir na formação de educadores as aprendizagens que poderão capacitá-los a resolver conflitos mantendo a autoridade necessária em sala de aula. Fazem parte desse rol de conteúdos temas como diálogo igualitário, escuta ativa, comunicação não violenta, relação de ajuda, modelo dialógico de prevenção e resolução de conflitos.

Crianças, adolescentes e jovens necessitam de figuras de autoridade que os orientem no caminho do desenvolvimento, ainda que não tenham consciência disso. A escola, ao desempenhar esse papel e ao apoiar os familiares para que façam o mesmo, garante que os direitos de aprender dos estudantes sejam respeitados.

Planejar estratégias e atitudes que favoreçam uma autoridade positiva na escola não é tarefa simples. Uma vez mais citamos Gérard Guillot: sua lista de princípios para atitudes de bons tratos,⁶ resumidas a seguir, pode servir de inspiração ao gestor.

ATTITUDES DE BONS TRATOS: OS 13 PRINCÍPIOS

- 1. Respeitar a pessoa da criança ou do adolescente, autorizando, portanto, a ser.
- 2. Proibir as condutas que transgridem o respeito aos outros, à lei.
- 3. Escutar, dialogar, mas não negociar tudo. Há regras que não são negociáveis, mas precisam ser muito bem esclarecidas e explicadas a meninos e meninas.
- 4. Dar o exemplo por seu próprio comportamento, sem dar lições de moral ou conselhos benevolentes a todo instante.
- 5. Propor, sugerir atividades, projetos, sem insistir muito nem tomar a iniciativa (no caso de familiares).
- 6. Não confundir o implícito (a esclarecer) e o íntimo (a respeitar).
- 7. Permanecer “adulto” mesmo nos momentos de cumplicidade afetiva.
- 8. Não demonstrar medo de uma “bobagem”, de uma fuga etc.
- 9. Manter o laço intergeracional, garantia de referência, da consciência do tempo, da memória, da história.
- 10. Não fazer da escola algo problemático.
- 11. Não criticar tudo, julgar tudo, sabendo compartilhar momentos de relaxamento.
- 12. Não ser “intervencionista” ou “inquiridor” demais nas horas de silêncio ou brincadeira.
- 13. Interrogar-se sobre sua própria relação com a autoridade.

6. Idem, p. 182-3.

Cláudio estava realmente disposto a persistir. Como sua equipe estava um pouco dividida sobre sua proposta, procurou identificar aliados, tanto entre os profissionais da escola como entre os estudantes. Formou-se, então, um grupo de mediadores, que passou a se reunir semanalmente para realizar estudos sobre o tema e discutir os casos. O diretor teve a oportunidade de compartilhar essa rica experiência em um seminário, inspirando outros gestores.

Perguntas para reflexão

- Como está o equilíbrio entre autoridade e protagonismo em sua escola?
- Que tal refletir sobre as atitudes de bons tratos de Guillot com sua equipe?

Você também pode promover o compartilhamento de experiências entre seus educadores, valorizando iniciativas focadas na atribuição de significado à aprendizagem e na promoção da participação dos estudantes. Aos poucos, sua lista de “aliados” dessa ideia pode aumentar consideravelmente!

SAIBA MAIS

BATISTA, Antonio Augusto Gomes; CARVALHO-SILVA, Hamilton Harley de. *Família, escola, território vulnerável*. São Paulo: Cenpec, 2013. Disponível em: <<http://www.cenpec.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Família-Escola-Território-Vulnerável.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

5 ATITUDES pela Educação. Disponível em: <<https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/5-atitudes-pela-educacao>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

GURGEL, Thais; MOÇÔ, Anderson. Como se resolve a indisciplina? *Nova Escola*, 1 out. 2009. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1498/como-se-resolve-a-indisciplina>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

NOVOS tipos de família. *Futura Play*, série Conexão, 13 mar. 2017. Disponível em: <<http://www.futuraplay.org/video/novos-tipos-de-familia/346006>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

O TEMA é família e escola. *Como Será*, 18 nov. 2017. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6296802>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

CONVIVÊNCIA EM UM MUNDO MARCADO PELA DIVERSIDADE

SITUAÇÃO 8

O diálogo é uma estratégia para superar os obstáculos?

CASOS

Parceria e consenso como base de novas possibilidades

A coordenadora de escola Sandra contava a uma colega da pós-graduação sobre a experiência de inclusão, no Ensino Fundamental 1, de uma menina que havia tido paralisia cerebral. Os educadores e ela própria, como gestora, estavam muito perdidos quanto às condutas em relação à aluna. Queriam que ela se sentisse assistida, mas não sabiam muito bem o que fazer e tinham dificuldades de estabelecer as expectativas de aprendizagem, incertos acerca de até onde ela poderia chegar.

O trabalho multidisciplinar foi de extrema importância para que a coordenadora e a professora da menina fizessem um plano de desenvolvimento individual. Contudo, o divisor de águas para que encontrassem um caminho de atuação com a aluna foi a conversa com os pais. Eles relataram como era sua rotina, o que a deixavam fazer sozinha, em que situações a apoiavam, o que a irritava e como costumavam acalmá-la.

Após a conversa, Sandra ficou pensando: se ela tivesse ouvido mais os pais desde o início, talvez tivesse conseguido encontrar um bom caminho de intervenção muito mais rápido. Em que outras situações seria possível intensificar as entrevistas com os familiares para compreender melhor como intervir com os estudantes? Como ela poderia institucionalizar um processo nesse sentido, uma vez que teria de envolver também os professores?

Essa situação parece bem animadora; afinal, a escola teve êxito em uma situação que preocupa muitos gestores. A sociedade e, conseqüentemente, a instituição escolar têm deparado com a necessidade de incluir todos, o que implica reconhecer que somos diferentes uns dos outros e que, por isso, temos necessidades diversas. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) afirma, quanto ao compromisso com a Educação Integral:

Significa [...] assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades.¹

A integração entre escola e famílias é fundamental para que os educadores entendam como a diversidade de fato se revela e quais ações precisam ser realizadas para garantir o respeito às necessidades que se impõem.

Vejamos, agora, o exemplo da diretora de uma escola que recebia alguns alunos indígenas e nos falou sobre a experiência de contar com uma avó índia como

1. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Acesso em: 26 mar. 2019. p. 16.

voluntária. Por meio das conversas com ela e da observação de sua intervenção com os estudantes indígenas, os educadores puderam compreender melhor as questões culturais e as regras de conduta que os regiam.

Outro relato de diretora ilustra um lado diferente da questão da diversidade, dessa vez envolvendo os familiares. Ela nos contou que não havia muita adesão de evangélicos nas atividades com pais. Então, discutiu o assunto com uma mãe desse grupo, que se propôs a ajudar. Com seu chamamento, outras mães passaram a participar das reuniões e atividades voluntárias da escola. Nesse caso, constatou-se que não havia nenhuma questão equivocada em torno das atividades em si, mas a necessidade de o convite ser feito por um par ou por outro porta-voz que não os educadores.

Conceituação

Esses são apenas alguns de inúmeros casos em que o envolvimento da família foi a chave para garantir o respeito à diversidade na instituição escolar. Note-se, porém, que ainda há nas escolas situações de intolerância relacionadas a raça, gênero, biotipo, condições socioeconômicas e até opção política. Todas elas exigem posicionamento institucional do gestor, de modo a garantir o respeito às diferenças.

No capítulo 9, **Transformação a partir das altas expectativas** (p. 96), tratamos de uma situação de *bullying* que se resolveu com o envolvimento dos próprios estudantes. Esse problema acontece quando o diverso não é aceito e a prevenção e o enfrentamento precisam abranger as famílias. Momentos de abordagem do tema devem ser incluídos no planejamento do gestor. A escola pode contribuir muito para o desenvolvimento de seus estudantes se considerar que também as famílias são seu público e necessitam de formação por meio de intervenções planejadas.

DADOS PARA REFLETIR SOBRE A IMPORTÂNCIA DA DIVERSIDADE NA ESCOLA

- ▶ No Brasil, aproximadamente um em cada dez estudantes é vítima frequente de *bullying* nas escolas.¹
- ▶ Segundo o Indicador de Analfabetismo Funcional (Inaf) 2018, entre os brasileiros de 15 a 64 anos que se declararam brancos, apenas 4% eram analfabetos, e, entre os que se disseram pardos ou pretos, 7% e 11%, respectivamente. Eram funcionalmente alfabetizados 77% dos brancos, 70% dos pardos e 65% dos pretos. Entre os analfabetos funcionais, dois terços (67%) eram pretos ou pardos.²
- ▶ O movimento Todos Pela Educação identificou em 2015, por meio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Pnad/IBGE), que 30% da população negra (pretos ou pardos) não completava o Ensino Fundamental antes dos 16 anos e apenas 56,8% dos pretos e 57,8% dos pardos entre 15 e 17 anos continuava no Ensino Médio. Analisando os dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) de 2015, verificou-se também que, entre os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, tinham aprendido adequadamente português 44,8% dos brancos, 30,8% dos pardos e 24,5% dos pretos. Em matemática, a situação se agrava: 27,4% dos brancos tinham domínio adequado da disciplina, em comparação a 15% dos pardos e 10,7% dos pretos.³
- ▶ Um relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) mostra que meninas e meninos ainda apresentam diferenças nas provas de distintas disciplinas. Elas se saem melhor em leitura, e eles, em matemática. Pesquisas apontam que as diferenças não se dão por algo natural, mas porque os meninos são mais encorajados a trabalhar com conhecimentos relacionados às ciências exatas.⁴
- ▶ Embora, em uma década, o número de estudantes com alguma deficiência cursando o Ensino Médio tenha triplicado, eles representam somente 0,8% do total de matrículas nesse nível de ensino, segundo o Censo Escolar do Ministério da Educação (MEC) de 2015, ou, em números absolutos, apenas 62 mil, em um universo de cerca de 8 milhões de alunos. O crescimento do número de estudantes com deficiência ocorre em todas as etapas da Educação Básica, mas o movimento de inclusão perde força até chegar ao Ensino Médio. No Ensino Fundamental 1, os alunos com deficiência correspondem a 2,9% do total de matrículas, proporção que diminui para 1,8% na segunda etapa desse nível e para 0,8% no Ensino Médio. Os dados indicam que, apesar dos avanços verificados pelo Censo Escolar ao longo dos anos, muitos estudantes ficam pelo caminho e abandonam a escola.⁵

1. TOKARNIA, Mariana. Um em cada dez estudantes no Brasil é vítima frequente de bullying. *Agência Brasil*, 19 abr. 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-04/um-em-cada-dez-estudantes-no-brasil-e-vitima-frequente-de-bullying>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

2. AÇÃO Educativa; INSTITUTO Paulo Montenegro. *Inaf Brasil 2018: resultados preliminares*. Disponível em: <http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Inaf2018_Relatório-Resultados-Preliminares_v08Ago2018.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2019.

3. O COMBATE ao racismo passa pela escola. *Todos Pela Educação*, 7 maio 2018. Disponível em: <<https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/O-combate-ao-racismo-passa-pela-escola>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

4. UNESCO. *EFA global monitoring report 2015*. Paris, 2015. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000234809>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

5. INSTITUTO Unibanco. Inclusão aumenta, mas acesso ao Ensino Médio ainda é desafio. *Aprendizagem em Foco*, n. 15, ago. 2016. Disponível em: <<https://www.institutounibanco.org.br/aprendizagem-em-foco/15>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

Alerta para transtornos mentais

Escola e famílias podem atuar juntas de modo a assegurar condições para que crianças, adolescentes e jovens construam perspectivas de futuro por meio de uma atuação reflexiva, participativa e crítica. Ambas podem apoiar a escolha deles de um projeto de vida com expectativas de formação técnica ou universitária e vislumbres do mundo do trabalho, das relações afetivas e de tudo o que desejarem sonhar.

No entanto, pesquisas têm revelado a elevação de casos de depressão e suicídio de crianças, adolescentes e jovens, para assombro da sociedade em geral. Embora o tema seja relativamente novo nas escolas, visto que infância/adolescência e depressão não existiam na mesma “caixinha”, a evolução nos diagnósticos tem contribuído para que cada vez mais casos de depressão sejam identificados. Infelizmente, saber identificar não basta para abordar e esclarecer as causas e as condições que aumentam essas ocorrências de maneira significativa.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS),² as mudanças e situações adversas a que são expostos crianças, adolescentes e jovens representam, para muitos, apenas oscilações emocionais. Para outros, no entanto, essas circunstâncias podem se constituir como momentos de estresse e apreensão, levando ao desenvolvimento de transtornos mentais. Alguns fatores de pressão da atualidade que aumentam a vulnerabilidade dos jovens aos transtornos são, de acordo com a OMS, o uso intenso das tecnologias da informação e comunicação (TIC) e a vivência em áreas afetadas por emergências humanitárias, como conflitos, desastres naturais e epidemias. A depressão é a terceira causa de transtornos mentais entre jovens, e o suicídio foi relatado em 2017 como a terceira principal causa

de morte entre jovens brasileiros de 15 a 19 anos, sendo violência interpessoal a primeira e acidentes de trânsito a segunda.³

Há esperança quando reconhecemos o problema

A realidade é muitíssimo dolorosa, mas dela não podemos nos desvencilhar. O caminho para a prevenção e o enfrentamento passa necessariamente pela geração de oportunidades para que crianças, adolescentes e jovens elaborem e realizem projetos e participem de situações coletivas e integradoras, momentos em que a vida vale a pena. É necessário viver situações de alegria. A escola tem sido um espaço sisudo, o que é bem diferente de ser espaço sério e responsável por desenvolvimento e aprendizagem. Quando respira vida, cores, novidades, enfim, é espaço de descoberta e invenção, os estudantes podem encontrar nela condições que talvez não existam em casa. Quando é instigante, inovadora, receptiva e acolhedora, presta atenção às necessidades das crianças, dos adolescentes e dos jovens em todas as esferas da vida, criando condições para a identificação precoce de sinais de problemas emocionais e/ou pessoais.

É fato que durante quase toda a escolaridade o aluno passa basicamente por essas duas instituições – escola e família – e que, em geral, se não está em uma, está em outra. Por isso, quando ambas estão atentas aos sinais cotidianos e dialogam uma com a outra, aumentam significativamente as possibilidades de as intervenções serem muito mais eficazes.

O interesse em conhecer mais as trajetórias humanas dos estudantes embasou vários encontros do pesquisador Miguel G. Arroyo com educadores em diferentes coletivos escolares, pois, segundo ele, é preciso provocar modos

2. JOVENS e saúde mental em um mundo em transformação. OPAS/OMS Brasil, 10 out. 2018. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5777:dia-mundial-da-saude-mental-2018&Itemid=839>. Acesso em: 26 mar. 2019.

3. WENTZEL, Marina. Violência, trânsito, doenças: o que mais mata os jovens no Brasil e no mundo, segundo a OMS. BBC Brasil, 16 maio 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39934226>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

contemporâneos de perceber a infância e a adolescência em tempos em que crianças, adolescentes e jovens convivem com o horror da fome, do desemprego, da violência e das drogas, em diferentes contextos socioeconômicos, já que não se pode mais dizer que “os filhos dos ricos” estão livres dessas marcas da sociedade.

Diz o autor:

Os encontros para ouvir, pesquisar e entender as trajetórias humanas dos alunos não são dos mais aprazíveis. Suas trajetórias são tão frias e cortantes quanto uma lâmina. Ferem. Deixam em todos um grande mal-estar. Continuar com imaginários floridos, tenros, fantásticos seria mais fácil. Essas trajetórias desvelam tantas facetas da infância, adolescência, juventude e vida adulta dos alunos que nos deixam poucos mistérios a desvelar. O véu da fantasia caiu primeiro para as próprias crianças e adolescentes. Agora está caindo para os mestres. [...] As trajetórias mostram que uma imagem de infância acabou e outras imagens estão sendo inventadas pela própria infância. Imagens nem épicas nem romaneadas. Nem antes a infância símbolo da pureza, nem agora a infância símbolo da maldade humana. [...]

Aproximar-nos dessa infância real poderá produzir-nos espanto desde que não deixe de produzir-nos esperança.⁴

O contexto apresentado por Arroyo motiva escola e famílias a reconhecer quais são suas visões sobre o universo da infância e da adolescência, como enxergam as crianças, os adolescentes e os jovens, para que depois investiguem de que modo eles, estudantes, se veem, em que acreditam e como pensam e reagem em sua vida.

4. ARROYO, Miguel G. *Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 88.

A importância das vivências coletivas

Temos mais uma vez, na escola, a possibilidade de favorecer esse amadurecimento com propostas que ajudem famílias e estudantes a se reconhecerem. Para isso, a equipe escolar pode propor a sua comunidade vivências lúdicas, de interação e de socialização, visando o desenvolvimento da empatia, do convívio com a diversidade, do autoconhecimento, da disputa positiva em jogos, da construção de referenciais de respeito e valorização do humano, contribuindo para o pleno exercício da cidadania.

A área de linguagem – e os respectivos componentes curriculares (educação física, arte, língua portuguesa e inglesa) – tem grande potencial para trabalhar mudanças no clima escolar, porque favorece a realização de atividades de integração entre os estudantes e novas possibilidades de agrupamentos por interesse e não mais por faixa etária, permitindo aos alunos trocar experiências e vivências em torno de objetos de conhecimentos compartilhados.

Desde a década de 1990 propostas educacionais apontam nessa direção. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) já indicavam a importância na mudança de práticas escolares:

Mudar mentalidades, superar o preconceito e combater atitudes discriminatórias são finalidades que envolvem lidar com valores de reconhecimento e respeito mútuo, o que é tarefa para a sociedade como um todo. A escola tem um papel crucial a desempenhar nesse processo. Em primeiro lugar, porque é o espaço em que pode se dar a convivência entre crianças de origens e nível socioeconômico diferentes, com costumes e dogmas religiosos diferentes daqueles que cada uma conhece, com visões de mundo diversas daquela que compartilha em família. Em segundo, porque é um dos lugares onde são ensinadas as regras do espaço público para o convívio democrático com a diferença. Em terceiro lugar, porque a escola apresenta à criança conhecimentos sistematizados sobre o País e o mundo, e aí a realidade plural de um país como o Brasil fornece subsídios para debates e

discussões em torno de questões sociais. A criança na escola convive com a diversidade e poderá aprender com ela.⁵

*Apenas um ensino criador, que favoreça a integração entre a aprendizagem racional e estética dos alunos, poderá contribuir para o exercício conjunto complementar da razão e do sonho, no qual conhecer é também maravilhar-se, divertir-se, brincar com o desconhecido, arriscar hipóteses ousadas, trabalhar duro, esforçar-se e alegrar-se com descobertas.*⁶

*A Educação Física permite que se vivenciem diferentes práticas corporais advindas das mais diversas manifestações culturais e se enxergue como essa variada combinação de influências está presente na vida cotidiana. As danças, esportes, lutas, jogos e ginásticas compõem um vasto patrimônio cultural que deve ser valorizado, conhecido e desfrutado. Além disso, esse conhecimento contribui para a adoção de uma postura não preconceituosa e discriminatória diante das manifestações e expressões dos diferentes grupos étnicos e sociais e às pessoas que dele fazem parte.*⁷

A oferta de vivências que favoreçam o desenvolvimento de habilidades de interação e valores de cooperação, respeito e reconhecimento do outro devem vir acompanhados do princípio de cooperação – em detrimento do juízo – e da consciência de que será importante assegurar tempo para essa construção, pois, segundo Arroyo, “não é qualquer mirada que dará conta de imagens de infância, adolescência e juventude tão polifacetadas. Feitas e refeitas a cada dia. Todo julgamento fácil, apressado, será temerário”.⁸

5. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual*. Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 21.

6. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: arte*. Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 27.

7. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física*. Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 24.

8. ARROYO, op. cit., p. 89.

Estratégias possíveis

Você, como gestor, pode incluir a importância do diálogo das famílias com os filhos nas reuniões de pais. Além disso, ao propiciar espaços para o estabelecimento de vínculos que ofereçam segurança a educadores, estudantes e familiares, é possível demonstrar que todos estão empenhados no mesmo propósito: criar uma rede de relações que resulte na formação de sujeitos capazes de enfrentar diferentes e complexas situações na vida, de fazer escolhas positivas diante delas, respeitando e valorizando seu contexto e seus pares. É importante que a escola seja um ambiente acolhedor, em que todos – crianças, adolescentes, jovens e adultos – se sintam acolhidos e pertencentes, sobretudo diante do mundo altamente complexo em que vivemos.

O princípio de igualdade de diferenças se faz imprescindível para garantir o respeito a todos, sejam quais forem as diferenças de cada um. A diferença de um é tão importante quanto a diferença do outro. O exercício de tal princípio amplia consideravelmente a potência dessas redes de apoio.

Uma forma de realizar esse exercício é valorizar as diferenças. Seguem duas sugestões nesse sentido:

- Convidar um familiar estrangeiro a ir à escola fazer uma palestra ou cozinhar um prato de seu país para compartilhar com todos, contando sobre seus costumes.
- Promover discussões sobre filmes⁹ relacionados ao tema da diversidade para propiciar a reflexão de todos em relação ao que acontece dentro e fora da escola.

9. No capítulo 15, “Pautas para reuniões temáticas a partir de filmes” (p. 169), você encontrará pautas de discussão com estudantes, professores e familiares a partir de filmes.

Sabemos, no entanto, que há situações em que, mesmo procedendo com os melhores recursos e intenções e criando essa rede de relações, ainda existirão fatos negativos que precisarão ser resolvidos com outras intervenções. É importante entender que não há um “culpado”, pois cada pessoa reage de um jeito, em função de suas vivências e de seu metabolismo, por exemplo.

Outra possibilidade é retomar o documento 5 Atitudes pela Educação¹⁰ e compartilhar com professores e familiares as ações das Atitudes 4 e 5: “Apoiar o projeto de vida e o protagonismo dos estudantes” e “Ampliar o repertório cultural e esportivo das crianças e dos jovens”, respectivamente (ver quadros nas próximas páginas). Para isso, você pode seguir as mesmas sugestões de intervenção que estão nas estratégias possíveis do capítulo 7, **Formação integral de estudantes** (p. 49, Ação 1, p. 73, e Ação 2, p. 77).

10. Disponível em: <https://redes.moderna.com.br/wp-content/uploads/2014/12/5_atitudes_completo.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2019.

ATITUDE 4 ¹ APOIAR O PROJETO DE VIDA E O PROTAGONISMO DOS ALUNOS
ENTENDA ESSA ATITUDE
O que os jovens brasileiros querem para o próprio futuro? Como ajudá-los a abrir portas para ele? O objetivo dessa atitude é ajudar a sociedade a cuidar do projeto de vida dos adolescentes e estimular o protagonismo juvenil, promovendo a ideia de que todos são capazes de se desenvolver plenamente por meio da Educação, como cidadãos e como profissionais.
COMO PRATICAR: ESCOLA
PROFESSORES ▶ Chame e identifique cada estudante pelo nome próprio, não por “menino”, “menina”, “rapaz” e outros termos genéricos, nem por apelidos pejorativos. O nome marca a individualidade, e o uso dele contribui não só para a construção da identidade, como para a autoestima do estudante de qualquer idade no grupo ao qual pertence. Utilize o apelido somente quando o estudante assim preferir. ▶ Compreenda que a escola é um ambiente onde crianças e jovens aprendem não apenas conteúdos, mas atitudes, competências e habilidades importantes para a construção do projeto de vida. ▶ Acredite que todas as crianças e jovens têm a capacidade de aprender, sentir, refletir, analisar e emitir opiniões, ter sonhos, desejos, contribuir, agir, criar e transformar positivamente o entorno, conforme a faixa etária. ▶ Ofereça atividades para que crianças e jovens possam conhecer diferentes ambientes de trabalho; realize entrevistas com profissionais de áreas diferentes, ampliando o horizonte de possibilidades de escolhas profissionais. DIRETORES E COORDENADORES PEDAGÓGICOS ▶ Assegure no projeto político-pedagógico (PPP) da escola a participação da criança e do jovem como condição para uma Educação emancipadora e democrática, capaz de formar um cidadão. ▶ Aja conforme o princípio de que todas as crianças e jovens têm a capacidade de aprender, sentir, refletir, analisar e emitir opiniões, ter sonhos, desejos, contribuir, agir, criar e transformar positivamente o entorno, conforme a faixa etária. ▶ Promova, com intencionalidade pedagógica, eventos na sala de aula e na escola nos quais os estudantes sejam protagonistas no planejamento e na realização de atividades, tais como: apresentações entre classes, seminários, debates com temas da atualidade e feiras de artes e ciências, entre outros. ▶ Promova situações em que os diversos profissionais da escola possam falar da própria trajetória pessoal e profissional e das atribuições cotidianas que possam inspirar possíveis projetos pessoais dos estudantes. ▶ Incentive o voluntariado promovendo ações que propiciem o contato dos estudantes com instituições assistenciais ou culturais presentes na cidade, procurando sempre conectá-las com o que está proposto pelo PPP da escola. ▶ Estimule a fundação de grêmio estudantil com a participação efetiva dos estudantes em todo o processo.
1. Adaptado de: 5 ATITUDES pela Educação. Disponível em: < https://redes.moderna.com.br/wp-content/uploads/2014/12/5_atitudes_completo.pdf >. Acesso em: 30 mar. 2019.

ATITUDE 4
APOIAR O PROJETO DE VIDA E O PROTAGONISMO DOS ALUNOS [CONTINUAÇÃO]

COMO PRATICAR: FAMILIARES

PAIS E FAMILIARES

- ▶ Acredite no potencial dos filhos, mesmo quando as expectativas aparentarem ser altas demais, pois demonstrar confiança ajuda a motivá-los.
- ▶ Apresente, desde o início da adolescência, o número mais variado possível de ambientes de trabalho, seu funcionamento, suas exigências e perspectivas, e discuta a importância de cada trabalho na sociedade, realçando o valor da ética, do empenho, do envolvimento e do sentido naquilo que se faz como profissão, não só do ponto de vista da realização pessoal, mas também da contribuição social do trabalho.
- ▶ Contribua para o entendimento de que uma escolha profissional deve ser construída e atualizada ao longo dos anos. Considere que as crianças e os jovens mudam de ideia com frequência e que isso faz parte do exercício de fantasiar sobre as várias possibilidades de projeto de vida. Esse exercício antecede a tomada de decisão em relação à própria trajetória e deve ser compreendido e aceito pelos pais.
- ▶ Participe da vida social e política e converse com seus filhos sobre a importância dessa participação, não apenas nas eleições, mas nas várias esferas de decisão da nossa sociedade: desde reuniões de condomínio à participação em conselhos (escolar, de saúde, de Educação, tutelar e da infância e adolescência, entre muitos outros).
- ▶ Participe com seus filhos de ações de voluntariado em instituições assistenciais ou culturais presentes na cidade, ou até mesmo estimule que seu filho se disponha a ajudar colegas com dificuldades em disciplinas nas quais ele esteja indo bem.
- ▶ Considere que a criança e o jovem têm uma contribuição valiosa para oferecer, principalmente quando as decisões são diretamente relacionadas com a própria vida. Efetivamente, o respeito às opiniões dos filhos quanto às decisões tomadas dentro de casa é a forma mais eficaz de formar uma pessoa confiante na sua capacidade de opinar e interferir no meio.

ATITUDE 5¹
AMPLIAR O REPERTÓRIO CULTURAL E ESPORTIVO DAS CRIANÇAS E DOS JOVENS

ENTENDA ESSA ATITUDE

Diversos estudos mostram que parte do impacto negativo do baixo nível socioeconômico na aprendizagem das crianças é decorrente da falta de exposição a situações culturais e de formação de repertório que ajudem a compreender o mundo e o que é ensinado na escola. O propósito dessa atitude é ajudar a família e a comunidade a buscar e aproveitar atividades e espaços que possam expandir o repertório cultural e esportivo das crianças e dos jovens, contribuindo assim para a ampliação da sua formação cidadã.

COMO PRATICAR: ESCOLA

PROFESSORES

- ▶ Incentive os estudantes a frequentar os espaços culturais e esportivos da comunidade.
- ▶ Promova excursões para espaços culturais, museus e planetários, buscando sempre inserir essas atividades dentro do PPP da escola.
- ▶ Organize rodas de leitura e divulgação de livros, filmes, shows, atividades culturais e esportivas da comunidade.
- ▶ Organize grupos de teatro em que todos os estudantes possam atuar no palco e nos bastidores.
- ▶ Organize um mural na classe e na escola, ou espaços digitais, para que os estudantes possam expor suas produções.
- ▶ Estimule a prática de esportes.
- ▶ Planeje atividades esportivas que envolvam pais dos estudantes, demais funcionários e integrantes da comunidade.

DIRETORES E COORDENADORES PEDAGÓGICOS

- ▶ Inclua no calendário letivo da escola eventos culturais e esportivos.
- ▶ Informe aos familiares o cronograma de atividades culturais e esportivas da escola para que eles também participem.
- ▶ Promova na escola peças de teatro, rodas de leitura e atividades culturais diversas com a participação dos pais e da comunidade.
- ▶ Assegure espaços para exposições de produções artísticas dos estudantes de diferentes faixas etárias na escola e em lugares públicos.
- ▶ Promova excursões a museus, planetários e espaços de cultura para os estudantes e funcionários.
- ▶ Estimule o uso dos espaços públicos da região para a realização de atividades culturais e esportivas.
- ▶ Sugira que a escola promova no contraturno ou nos fins de semana atividades das quais os familiares também possam participar e durante as quais possam interagir com os filhos e os outros pais.

1. Adaptado de: 5 ATITUDES pela Educação. Disponível em: <https://redes.moderna.com.br/wp-content/uploads/2014/12/5_atitudes_completo.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2019.

ATITUDE 5
AMPLIAR O REPERTÓRIO CULTURAL E ESPORTIVO DAS CRIANÇAS E DOS JOVENS
[CONTINUAÇÃO]

COMO PRATICAR: FAMILIARES

PAIS E FAMILIARES

- ▶ Incentive seu filho a participar das atividades culturais e esportivas da escola e da comunidade.
- ▶ Leve, sempre que possível, as crianças e os jovens ao teatro, museus, exposições.
- ▶ Organize a rotina escolar de seu filho incluindo nela atividades culturais e esportivas (horário para estudar, para a leitura, para as atividades esportivas e culturais).
- ▶ Realize atividades de leitura com seu filho com regularidade – caso ele não saiba ler, peça o apoio de outros familiares, vizinhos e outros pais. Peça que seu filho leia para você.
- ▶ Incentive outros pais a participar das atividades culturais e esportivas da escola.
- ▶ Demonstre interesse pelas atividades culturais e esportivas realizadas na escola e na comunidade, conversando, dando dicas.

Os desafios e dilemas educacionais contemporâneos são amplos, e esperamos que as situações aqui apresentadas ajudem você, gestor, a dar visibilidade ao tema da diversidade em sua escola e encaminhar soluções com sua equipe.

Perguntas para reflexão

- ▶ Em sua escola há projetos em curso que trabalhem com as perspectivas de futuro dos estudantes? Se sim, quais? Como podem ser potencializados? Como as famílias dos estudantes podem contribuir para a efetivação deles? Caso não haja, como a escola lida com essas demandas?
- ▶ Você, como gestor, já fez algum mapeamento do entorno escolar com vistas a identificar possíveis parcerias na tarefa de ampliar repertórios culturais e

possibilitar atividades esportivas aos estudantes? Quais instituições podem apoiar essa empreitada?

- ▶ Quais atividades culturais são incluídas anualmente no calendário escolar? Quais os objetivos e a frequência dessas atividades?

SAIBA MAIS

AMARAL, Aurélio. Diversidade se aprende na escola. *Nova Escola*, 1 dez. 2012. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1895/diversidade-se-aprende-na-escola>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Marcos político-legais da educação especial na perspectiva da educação inclusiva*. Brasília, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6726-marcos-politicos-legais&Itemid=30192>. Acesso em: 27 mar. 2019.

CONHEÇA o histórico da legislação sobre inclusão. *Todos Pela Educação*, 29 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/conheca-o-historico-da-legislacao-sobre-inclusao>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

GALLERY, Augusto. Ensino Médio inclusivo: o começo da caminhada. *Sentidos*, n. 83, jul./ago. 2014. Disponível em: <<https://diversa.org.br/artigos/ensino-medio-inclusivo-o-comeco-da-caminhada>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Diferenciar para incluir: a educação especial na perspectiva da educação inclusiva. *Diversa*, 22 set. 2011. Disponível em: <<https://diversa.org.br/artigos/diferenciar-para-incluir-a-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

O'DONNELL, Eleanor B. O caso da Escola de Graduação em Educação de Harvard – Cambridge. *Diversa*, 9 jun. 2015. Disponível em: <<https://diversa.org.br/estudos-de-caso/o-caso-da-escola-de-graduacao-em-educacao-de-harvard-cambridge-massachusetts-estados-unidos-2>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

OUTRO olhar (documentário). Direção: Renata Sette. Realização: Instituto Rodrigo Mendes. Patrocínio: Instituto Alana, Itaú BBA e Instituto Unibanco. Maria Farinha Filmes, 2014. Disponível em: <<https://mff.com.br/filmes/outro-olhar>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

SANTOS, Martinha Clarete Dutra dos. Educação especial e inclusão: por uma perspectiva universal. *Retratos da Escola*, v. 7, n. 13, p. 277-89, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/viewFile/305/475>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RELAÇÃO ENTRE ESCOLA E FAMÍLIAS: MUDANÇAS POSSÍVEIS

As reflexões apresentadas até aqui apontam para caminhos possíveis em direção a uma transformação na relação entre escola e famílias, o que, entretanto, depende totalmente dos atores envolvidos. Em qualquer relação, seja pessoal, seja institucional, as mudanças acontecem quando uma das partes toma a iniciativa de romper com as estruturas preestabelecidas.

Acreditamos que a escola deve dar o primeiro passo, partindo para uma nova perspectiva baseada no diálogo, pois é a instituição que dispõe de condições técnicas para tanto. Com isso, a comunidade ao redor percebe a nova postura e também se posiciona de modo diferente. Ou seja: quando a escola se abre para as famílias, as famílias se abrem para a escola – esse é o movimento esperado. Então, a possibilidade de a escola ganhar recursos humanos surpreendentemente motivados para implementar melhorias aumenta de maneira significativa.

Apesar de muitas das estratégias propostas neste livro serem conhecidas dos gestores escolares, ainda há alguns detalhes – como a consciência acerca das ações e das relações cotidianas e o planejamento intencional da

abordagem dialogada com as famílias – que, quando incorporados, poderão gerar grandes impactos.

A escola é um território potente para produzir transformações sociais, um espaço de pertencimento e referência para toda a comunidade na qual está inserida. Para realizar esse potencial, precisa abrir suas portas, dialogar e confiar na capacidade de todas as pessoas envolvidas no processo de educar crianças, adolescente e jovens (e são muitas!), de trabalhar em prol deles, sempre de acordo com seus contextos e suas possibilidades.

A **Parte IV**, a seguir, apresenta outras situações frequentes nas escolas com possíveis encaminhamentos centrados em pautas de discussão a partir de filmes com temáticas relevantes para que você, gestor, proponha conversas com professores, familiares e estudantes, abrindo cada vez mais a escola a sua comunidade.

SAIBA MAIS

MEIRELLES, Elisa; CAMILO, Camila. Escola e família: como cuidar dessa relação. *Nova Escola*, 1 nov. 2012. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1577/escola-e-familia-como-cuidar-dessa-relacao>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

PARTE IV

PROPOSTAS PRÁTICAS

CAPÍTULO 14

Estratégias para algumas situações cotidianas na escola

CAPÍTULO 15

Pautas para reuniões temáticas a partir de filmes

ESTRATÉGIAS PARA ALGUMAS SITUAÇÕES COTIDIANAS NA ESCOLA

Neste capítulo, registramos algumas práticas para encaminhar diferentes situações cotidianas. Duas delas foram mencionadas antes para ilustrar determinadas temáticas e serão agora comentadas de maneira aprofundada. As experiências exitosas aqui discutidas ocorreram em distintos contextos e podem servir de referência, mas não são receitas. Esperamos que sejam material de consulta e apoio e que você, gestor, possa enriquecer essa lista com suas práticas bem-sucedidas.

SITUAÇÃO 9

O que pode acontecer quando a comunidade avalia a escola?

CASO

Da cultura da queixa à ação cooperativa

As escolas municipais de Venda Nova do Imigrante, no Espírito Santo, tinham, como as de muitas outras localidades, uma relação conflitante com as famílias dos alunos. As equipes gestoras costumavam evitá-las, mantendo os portões fechados ou convidando-as a participar de reuniões individuais ou coletivas apenas como ouvintes. As queixas eram as que costumamos ouvir em salas de professores: “As famílias não participam, não sabem, não querem, não educam, só reclamam”.

A insatisfação dos familiares ficava evidente pelos semblantes pouco amigáveis e pelas reclamações na porta das unidades, como: “Não dá para chamar meu filho mais rápido?”; “Quando atrasamos, eles reclamam, mas vivem atrasados...”; “Eu não venho em reunião só pra ouvir queixa de meu filho!”.

Para sair dessa “cultura da queixa”, as duplas gestoras das escolas (diretor e coordenador pedagógico), em contexto formativo com os professores, entenderam que precisavam romper com esse círculo vicioso de responsabilização e aprimorar a relação com as famílias.

Estratégia

Apoiadas pela Secretaria Municipal de Educação, as duplas gestoras das escolas resolveram experimentar a aplicação dos Indicadores da Qualidade na

Educação¹ envolvendo as equipes escolares e os familiares. Para isso, traçaram um planejamento, com uma série de etapas.

Ações

- ▶ Estudo dos documentos pela dupla gestora.
- ▶ Reunião com professores e funcionários de apoio para apresentar a proposta e o documento.
- ▶ Ampla divulgação na comunidade e convite às famílias para participarem da avaliação.
- ▶ Realização da avaliação envolvendo famílias, funcionários de apoio e professores (Educação Infantil e Ensino Fundamental 1 e 2).
- ▶ Organização de comissões mistas formadas por representantes de familiares, de funcionários de apoio e, de professores, além do diretor e de gestores da escola.
- ▶ Produção de planos de ação a partir dos resultados da avaliação com definição de prioridades.
- ▶ Comunicação regular com familiares e funcionários das escolas sobre o andamento dos planos de ação.
- ▶ Reaplicação bienal de todo o processo de avaliação.

Os quadros 1 e 2 são exemplos de planos de ação de uma das escolas.
O diagrama 1 apresenta as etapas de um plano de trabalho.

1. Os Indicadores da Qualidade na Educação (Indiques) são instrumentos de autoavaliação da qualidade das instituições de Educação Infantil e Ensino Fundamental por meio de um processo participativo e aberto a toda a comunidade. Foram desenvolvidos, a partir de 2008, pelo Ministério da Educação (MEC), com a colaboração de organizações não governamentais, organismos internacionais, secretarias de Educação, órgãos do ministério, profissionais de escolas (gestores, professores e coordenadores pedagógicos), familiares e alunos de todas as regiões do País, por meio de uma metodologia participativa.

QUADRO 1					
DIMENSÃO	INDICADOR	PROBLEMAS	AÇÕES	RESPONSÁVEIS	PRAZOS
4. Promoção da saúde	4.2.3 São tomados os cuidados necessários com a limpeza e a higiene nos momentos de troca de fraldas e uso de sanitários, lixeiras com pedal e tampa, retirada das fraldas sujas do ambiente imediatamente após as trocas, higiene das mãos?	Lixeiras sem pedal nas salas	Doação das lixeiras com pedal	Comissão de pais, duas mães e Simone	Agosto
		Falta de sabonete líquido	Confecção do sabonete líquido	Serventes e equipe da EMEI	Agosto
		Falta de suporte do sabonete líquido	Doação de suporte para sabonete líquido	Comissão dos indicadores	Agosto
		Tomadas sem protetor	Protetores de tomada	Jamara e Vanice	Imediato

QUADRO 2					
DIMENSÃO	INDICADOR	PROBLEMAS	AÇÕES	RESPONSÁVEIS	PRAZOS
5. Espaço, materiais e mobiliários	5.3.4 Há fraldário/ mesa/bancada na altura adequada ao adulto para a troca de fraldas com segurança?	Falta de bancada em duas salas para troca dos bebês	Pedir doação de pedra de granito para montar a bancada	Joélcio (pai)	Agosto
			Solicitar a um pedreiro, amigo da escola, que tire as medidas e, depois, instale a bancada	Diretora e professora Sandra	8 a 11 de agosto
			Passar as medidas para o responsável pela pedra	Professora Sandra	8 a 11 de agosto

DIAGRAMA 1



Depoimentos

Podemos nos perguntar: como a avaliação institucional pode contribuir para a aproximação entre a família e a escola? Nossa experiência nos permite afirmar que a contribuição é no sentido de trazer a família para dentro da escola de maneira organizada, para que não haja diferenças entre familiares e funcionários na hora da tomada de algumas decisões. A avaliação é uma forma importante de ouvir a opinião da comunidade, acolher as sugestões de todos e, principalmente, oferecer a oportunidade de a família conhecer e vivenciar a proposta pedagógica da escola.

Enfim, a autoavaliação proporcionada pelo uso do Indique é como se fizéssemos um raio X da escola pelo olhar da comunidade. Esse processo de avaliação institucional proporcionou o fortalecimento da relação com a família, pois a escola se abriu para a comunidade e oportunizou que os pais e familiares dissessem, por meio dos indicadores, o que consideravam sobre a qualidade do serviço realizado pela escola. Além disso, as avaliações permitiram às famílias conhecer mais sobre a proposta pedagógica, compreendendo muitos aspectos da escola que até então eram irrelevantes para a comunidade, como a necessidade de a lixeira ter pedal e tampa, a importância de as crianças trazerem de casa seus pertences pessoais e as lições feitas etc.

Vanice Brunelli Zanelato, professora da rede de ensino de Venda Nova do Imigrante (ES). Vanice atuou como técnica responsável pela Educação Infantil na Secretaria Municipal de Educação, no período em que a avaliação dos indicadores foi implementada no município.

Nós aprendemos a planejar as ações. O objetivo da comissão é, a partir do diagnóstico resultante da avaliação, fazer um plano de ação. Todo mundo que entra na escola percebe a importância da comissão, a grandeza da comissão. E tudo isso incide na aprendizagem das crianças, claro! Não é mais a diretora que decide sozinha, não é o professor sozinho, é a comissão. Quando encaminhamos um ofício solicitando algo para o secretário, não é o diretor sozinho, é a comissão, e isso tem uma força muito grande, é importantíssimo para a escola.

Maria Sidinei Priori do Carmo, diretora de escola.

A avaliação dos indicadores veio para abrir a escola para a família.

Carmem, mãe de aluno.

Houve esse aconchego para a gente entrar na escola. A gente se sente à vontade para falar, criticar, dar sugestões e ajudar a buscar soluções para os problemas.

Josiane, mãe de aluno.

Com a participação eu comecei a ver a força da comissão. A gente tem meta, tem prazo e vai atrás. Se a escola precisa da secretaria, a gente marca reunião com o secretário e vai lá. Não é a diretora sozinha, é a comissão, e se passa do prazo a gente vai cobrar.

Ana Cristina, mãe de aluno.

As ações realizadas nesse encaminhamento se encaixam no tipo de participação avaliativa (ver p. 83), que possibilita maiores índices de resultados acadêmicos, uma vez que os familiares se comprometem com a aprendizagem dos filhos, ao sentirem-se parte do processo e serem contemplados em suas demandas.

SITUAÇÃO 10

Como lidar com a superproteção de pais em relação aos filhos?

CASO

Resolução de conflitos pelo consenso

Beatriz, diretora de uma escola particular do município de São Paulo, observava, preocupada, certas queixas constantes de alguns familiares, pois revelavam “superproteção” aos filhos. Eles tentavam interferir nos conflitos que aconteciam na escola entre os alunos, tomando partido do próprio filho, reclamavam quando um professor colocava com mais firmeza um limite a uma inadequação de um estudante ou questionavam algumas regras da escola, tentando proteger o filho, por exemplo.

Estratégia

Diante dessa situação, Beatriz propôs um ciclo de reuniões formativas para os pais entenderem que a escola forma o indivíduo no e para o coletivo. Ou seja, a escola complementa e amplia a formação oferecida pelas famílias, inserindo os alunos no coletivo para que eles aprendam a se relacionar.

A diretora e sua equipe se organizaram para realizar uma série de ações.

Ações

- ▶ Formação continuada dos professores, por meio de estudos especializados em comportamento de crianças e adolescentes.
- ▶ Convite aos familiares mais atuantes para fazer parte de uma comissão com

membros das equipes gestora e docente, com o objetivo de planejar as reuniões com todas as famílias, contemplando suas demandas particulares.

- ▶ Reflexão, nessa comissão, sobre a maneira mais eficiente de comunicação e divulgação, visando convidar e motivar o maior número de familiares possível a participar de mesas-redondas com temáticas variadas de acordo com as demandas da escola.
- ▶ Envio de questionário para todas as famílias com perguntas relacionadas às dificuldades que sentem na formação dos filhos como cidadãos do mundo.
- ▶ Tabulação das respostas e planejamento, pela comissão, de uma série de mesas-redondas (em diferentes horários e dias da semana) para tratar de questões levantadas pelas famílias e pela escola.
- ▶ Seleção, pela comissão, de um texto para ser lido pelos participantes, como base para reflexões.
- ▶ Ampla divulgação do ciclo de mesas-redondas organizado pela comissão.

Depoimentos

As reuniões de pais, essas mesas-redondas têm sido como rituais que ajudam a acompanhar a infância de meu filho. De cada uma delas consigo extrair verdadeiras pérolas que me ajudam a conduzir a formação dele. Durante os debates, vivo um verdadeiro turbilhão de emoções: me felicito por ter feito a coisa certa, me culpo por não ter conseguido atender às expectativas que recaem sobre uma mãe, mas sempre saio plena de algo muito importante: em parceria com a escola, me certifico de que estou tentando fazer realmente o melhor na formação de meu filho, e é isso que importa.

Fátima, mãe de aluno de 7 anos.

Hoje é de extrema importância a aproximação entre a escola e as famílias por meio dessas reuniões, visando trocas de experiências e respostas para nossas dúvidas ligadas à Educação de nossos filhos.

Ricardo, pai de aluno de 9 anos.

Como mãe de filha única, me assustei, por um tempo, com essa tarefa tão difícil de educá-la. Chegava, às vezes, a me sentir totalmente incompetente. Encontrei, então, um suporte de grande valor nessas reuniões que vêm sendo proporcionadas pela comissão formada na escola para assuntos ligados aos limites, às regras, à autonomia moral. Nessas oportunidades tenho aprendido cada vez mais como se dá o processo de aprendizagem moral das crianças e tenho me sentido mais confiante e segura para educar minha filha com mais amor e respeito.

Márcia, mãe de aluna de 5 anos.

SAIBA MAIS

LA TAILLE, Yves de. *Limites: três dimensões educacionais*. São Paulo: Ática, 1998.

_____. *Vergonha, a ferida moral*. São Paulo: Vozes, 2002.

LIVRO 2: Três dimensões educacionais, de Yves de La Taille. *Nova Escola*, 7 mar. 2018. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/4692/colecao-pensadores-na-pratica-tres-dimensoes-educacionais-yves-de-la-taille>>. Acesso em: 26 de mar. 2019.

SAYÃO, Rosely; AQUINO, Julio Groppa. *Em defesa da escola*. Campinas: Papirus, 2004.

VINHA, Telma. Escola também é responsável pelo desenvolvimento de valores morais. *Nova Escola*, 13 dez. 2018. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/14567/escola-tambem-e-responsavel-pelo-desenvolvimento-de-valores-morais>>. Acesso em: 26 de mar. 2019.

SITUAÇÃO 11

As reuniões de educadores com familiares fortalecem a relação com a escola ou afastam os pais?

CASO

Mudança de atitudes: precisamos falar sobre isso

Margarida, diretora de uma escola de Ensino Fundamental de Jacarepaguá, bairro periférico do Rio de Janeiro, que também aparece no capítulo 8, **Tipos de participação** (p. 79), enfrentava o seguinte problema: segundo os docentes, “os familiares que mais precisam” evitavam comparecer às convocações da escola, tanto as coletivas como as individuais.

Participando de algumas reuniões com diferentes professores, a diretora constatou que eles, sem ter muita consciência disso, “despejavam” os problemas sobre as famílias, que saíam com a sensação de que o filho “não tinha mais jeito” ou ficavam revoltadas com a escola, sem saber o que fazer.

Depois de muito refletir e conversar com diretoras de outras unidades da mesma rede, duas das quais relataram experiências mais produtivas, Margarida planejou um encontro com seus professores pautado em cenas de dois filmes.

Estratégia

Para abordar a relação da escola com as famílias, a diretora Margarida pesquisou filmes que tratam da importância da parceria entre as duas instituições a fim de gerar, na equipe de professores, reflexões que pudessem transformar essa relação.

No capítulo 15, **Pautas para reuniões temáticas a partir de filmes**, a primeira proposta apresenta o tema “Diálogo construtivo entre escola e famílias” (p. 170) e foi organizada para apoiar os gestores nesse tipo de reunião.

SITUAÇÃO 12

Qual é o papel da família em relação à lição de casa?

CASO

Intencionalidade, diálogo e resultados

A dupla gestora de uma escola de Ensino Fundamental de Goiás decidiu investir firmemente, ao longo do primeiro semestre de 2018, na qualificação das lições de casa encaminhadas pelos professores e na participação das famílias no acompanhamento da realização das tarefas pelos estudantes. Leia, a diretora, e Rodrigo, o coordenador, tomaram essa decisão ao analisarem os cadernos e materiais de alunos de metade das turmas da unidade (escolhidas de maneira aleatória) e observarem que o encaminhamento da lição de casa pelos professores era esporádico – diferentemente do que orientava o projeto político-pedagógico (PPP) da escola – e, algumas vezes, resultava em tarefas mecânicas e pouco atraentes para os estudantes.

Estratégia

No horário destinado à formação semanal de professores, os dois gestores compartilharam a análise das lições de casa que haviam feito, e a reação dos professores revelou um círculo vicioso que precisaria ser quebrado: “Os alunos não fazem as tarefas”; “Os pais não ligam/não acompanham”; “Não adianta perder tempo passando lição”. Em vista disso, os gestores elaboraram um plano de ação de três etapas.

Ações

- Realização de atividades formativas em horários de reuniões pedagógicas com a equipe docente voltadas para a qualificação das tarefas enviadas para casa, incluindo, principalmente, o compartilhamento de boas práticas que outros professores da escola tinham nesse quesito.
- Retomada e aprimoramento de alguns procedimentos comuns em relação à lição de casa, acordados com os professores e incluídos no PPP da escola.
- Reunião com as famílias para o aprimoramento do acompanhamento da realização das tarefas pelos filhos.

Nesse encontro, propusemos uma reflexão conjunta a partir de um trecho do filme *Ser e ter* (p. 191). A pauta detalhada para organizá-lo, com o tema “Apoio da família em relação à lição de casa”, está no capítulo 15, **Pautas para reuniões temáticas a partir de filmes** (p. 181), assim como a sinopse (p. 191).

SAIBA MAIS

Conteúdos sobre a importância da lição de casa:

FERNANDES, Elisângela; SALLA, Fernanda.

A hora de estudar sozinho e ver o que aprendeu.

Nova Escola, 1 jul. 2011. Disponível em:

<<https://novaescola.org.br/conteudo/1677/a-hora-de-estudar-sozinho-e-ver-o-que-aprendeu>>.

Acesso em: 13 mar. 2019.

PADIAL, Karina. Lição de casa: sua escola se preocupa com ela? *Gestão Escolar*, 1 jun. 2013. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/7816/licao-de-casa-sua-escola-se-preocupa-com-ela>>.

Acesso em: 28 mar. 2019.

SITUAÇÃO 13

Pertencimento: como o grêmio estudantil pode ajudar?

CASO

Quando ouvimos o que os estudantes têm a dizer...

Em uma escola de Ensino Fundamental 2 da região periférica do município de Resende, no Rio de Janeiro, dominada pela violência e pelo tráfico de drogas, os problemas disciplinares e de falta de interesse dos estudantes tornaram-se uma queixa permanente dos professores. Além disso, a unidade era alvo constante de depredação pelos próprios alunos e/ou pela comunidade nos fins de semana.

Estratégia

Quando assumiu o cargo de diretora, Sandra resolveu enfrentar os graves problemas da escola, mas queria que a solução envolvesse, principalmente, os próprios estudantes. Valendo-se de uma gestão democrática, com o apoio da coordenação e o envolvimento de boa parte dos professores, ela iniciou uma série de ações que resultaram em uma mudança profunda na relação dos alunos e da comunidade com a instituição.

Ações

- Compartilhamento de experiências bem-sucedidas de escolas que implantaram grêmios estudantis.
- Planejamento, com a equipe, das ações necessárias para a implantação do grêmio.

- ▶ Reunião com os alunos de todas as classes para propor a ideia, apresentar o objetivo, discutir as regras de funcionamento e combinar a data para a eleição de um representante de cada turma para a composição do grêmio.
- ▶ Realização de reuniões regulares com o grêmio para discutir os problemas da escola, definir metas, acompanhar as ações em andamento e, principalmente, fortalecer a sintonia dos representantes dos alunos com a turma representada.
- ▶ Abertura da escola para a comunidade – por exemplo, disponibilizando a quadra para uso nos fins de semana, atribuindo-lhe a responsabilidade de zelar pela segurança e pela manutenção do espaço.

Para que o grêmio funcione efetivamente como espaço para a representação discente, é importante que os estudantes de cada turma estejam sintonizados com seu representante. Para isso, as metas de atuação do grêmio devem ser levadas pelos representantes para sua turma, que, por sua vez, pode votar definindo as prioridades. Essas escolhas são apresentadas na reunião do grêmio com a direção da escola e, então, definem-se as metas, que, depois, são comunicadas em cada sala pelos representantes.

Depoimento

Nosso objetivo era valorizar a participação efetiva dos alunos para que eles se sentissem mais contemplados e corresponsáveis por nosso ambiente escolar, assim trabalharíamos juntos para atender a suas expectativas e tornar a escola um ambiente prazeroso e de aprendizagem.

Com a formação do grêmio estudantil e a participação dos alunos em reunião de pais, no planejamento dos eventos escolares, esportivos e culturais, nossa escola tornou-se um ambiente em que o aluno gosta de estar e, hoje, se destaca devido à grande participação da comunidade, pais e responsáveis, alunos e professores. É uma escola que está, literalmente, de portas abertas à comunidade.

Os gremistas são atuantes, preocupam-se com as atividades escolares e com a integração dos colegas e têm um ótimo relacionamento com os professores, que sempre estão dispostos a orientá-los e ajudá-los. Ressalto, ainda, a importância da parceria com os orientadores pedagógico e educacional, e quanto nossos alunos vêm desenvolvendo uma autoestima positiva e aprendendo o exercício da cidadania.

Sandra, diretora da escola.

SITUAÇÃO 14

É possível ajudar a tornar a leitura, pela família, mais significativa e frequente?

CASO

Participação familiar pela leitura: um convite ao diálogo

Santa Isabel é um município do interior de São Paulo que apresenta um Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) ascendente e bom. Apesar do orgulho que, legitimamente, os educadores têm do trabalho que realizam com os estudantes, quando foram analisados todos os indicadores sociais do município e os índices educacionais das escolas da rede, observaram que ainda havia muito a avançar, sobretudo em relação aos alunos que não estavam aprendendo o esperado.

De início, a análise dos indicadores resultou na imediata responsabilização das famílias: “Nosso maior problema são as famílias, porque elas não leem para os filhos”; “As famílias não valorizam a leitura, aí fica difícil!”.

Pelo fato de os gestores da escola estarem participando de um programa de formação sobre o acompanhamento da aprendizagem em leitura, estavam mais qualificados a respeito do que as escolas já realizavam nessa área. Esse processo de reflexão e de qualificação das próprias práticas deixou mais claro que a responsabilidade de formar leitores é da própria escola e, nesse processo, os diretores e coordenadores passaram a entender a pouca participação das famílias nas atividades de leitura como um desafio para a escola, e não mais como um problema.

Estratégia

Alessandra, diretora de uma das escolas da rede, e sua equipe incluíram na rotina uma atividade semanal em que os familiares eram convidados a realizar a leitura de um livro para a turma dos filhos. Essa prática poderia se tornar um hábito das próprias famílias, porém não era isso o que vinha acontecendo. Na verdade, eram sempre os mesmos poucos pais que se habilitavam a realizar a leitura do livro, invariavelmente escolhido pelo professor.

Nas palavras de Alessandra: “Alguns alunos não realizavam as tarefas em casa ou os pais não participavam efetivamente do acompanhamento das atividades de leitura enviadas, ampliando, assim, as dificuldades de aprendizagem dessas crianças”.

Esse panorama e o desejo de ajudar a aprimorar o envolvimento das famílias com a leitura, tornando-a mais significativa também para elas, fez com que a diretora e as coordenadoras da escola planejassem algumas ações com turmas piloto. Dessa maneira, ficaria mais fácil acompanhar o processo e fazer os ajustes necessários para depois estender a experiência a toda a escola.

O plano de ação de Alessandra e sua equipe envolveu várias etapas.

Ações

- ▶ Reuniões com professores para refletirem sobre a importância de a leitura ter sentido para os alunos e seus familiares.
- ▶ Organização de uma “caixa enigmática de leitura” para cada turma piloto, com livros escolhidos pelos professores para serem levados para casa: a família escolheria um título e o leria com a criança; na sexta-feira, os pais da semana fariam a leitura para a classe do filho.
- ▶ Encontro com os pais para apresentar a proposta e destacar a importância dos depoimentos e da participação das famílias.

Depoimento

Foi um sucesso! No início não foi fácil, pois alguns pais sempre tinham uma justificativa para não comparecer à escola, mas percebi que passaram a realizar a leitura em casa, pois seus filhos sabiam o contexto da história. Com o passar dos meses e nas reuniões realizadas com os pais, percebi que houve paulatinamente maior comprometimento, e muitos começaram a participar das oficinas de leitura às sextas-feiras. Com isso, ficou nítido como as crianças e suas famílias ficaram mais envolvidas, pois os alunos estavam entusiasmados. As famílias também começaram a participar mais da rotina escolar, olhar os cadernos com mais frequência e acompanhar os recados na agenda.

A partir do momento em que trazemos o pai e a mãe para o convívio escolar por meio da leitura, modificamos a realidade dessa família. Depois que eles sentam com o filho diante de uma mesa ou em qualquer canto para ler, certamente nunca mais serão os mesmos. Eu acredito que poderem escolher o livro que seria lido fez toda a diferença, e isso foi um ponto de partida para mudar as coisas. A gente precisa tocar o coração da criança e dos pais para que esses momentos sejam valorizados e eles tenham vontade de repetir.

Alessandra, diretora da escola.

SITUAÇÃO 15

Qual a importância da participação dos alunos na comunidade?

CASO

Quando a escola e a comunidade se encontram

Cláudio, diretor de uma escola de Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio do interior da Bahia, cujo caso aparece também no capítulo 11, **Interação entre protagonismo e autoridade** (p. 119), percebeu que havia uma imensa distância entre os interesses dos estudantes e as atuações docentes. Enquanto os alunos se comportavam de modo “indisciplinado” por não serem motivados pelas propostas escolares, os professores agiam automaticamente, fazendo uso de discursos internalizados, como “eles preferem a vida lá fora”.

Quando as famílias eram convocadas para apoiar a escola em casos de indisciplina, a maioria respondia não saber como agir. Mesmo com certo receio de dar voz aos estudantes e acreditando que adolescentes e jovens (a maior parte de seu público escolar) são questionadores e curiosos, o diretor pensou em maneiras de aproximá-los de suas realidades, da comunidade onde viviam, a fim de articular os conteúdos de aprendizagem com suas demandas e necessidades. O grande desafio era, portanto, mudar o foco da indisciplina para a criação de sentido (p. 47).

Estratégia

Com base na leitura de um texto que tratava da necessidade de a escola se aproximar mais da comunidade, Cláudio decidiu envolver sua unidade em um grande projeto com esse propósito. Ele se convenceu de que os alunos precisavam ser convidados a pensar em soluções e realizar ações em prol da comunidade em que residiam; afinal, criatividade e vontade realmente não pareciam faltar

a esses adolescentes e jovens quando se viam diante de algo que lhes fazia sentido. Para isso, o diretor planejou uma série de ações.

Ações

- ▶ Reunião com os professores para compartilhar suas angústias e preocupações e apresentar o projeto Criativos da Escola.²
- ▶ Formação de uma comissão de professores e alunos para planejar a realização de oficinas de apresentação do projeto a todos os estudantes, pensar nos problemas da comunidade que os afligem e buscar possíveis soluções.
- ▶ Passeio com os alunos pelo entorno da escola para mapear diferentes espaços e possíveis instituições parceiras (organizações não governamentais, órgãos públicos etc.).
- ▶ Definição, pela comissão com os alunos, de prioridades para articular parcerias.
- ▶ Planejamento, com os alunos, das ações comunitárias escolhidas por eles.

SAIBA MAIS

Conteúdos sobre a intervenção dos estudantes na comunidade em torno da escola:

CRIATIVOS da Escola. Estudantes usam a dança para transformar a comunidade onde vivem. *Porvir*, 31 ago. 2018. Disponível em: <<http://porvir.org/estudantes-usam-a-danca-para-transformar-a-comunidade-onde-vivem>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

QUAL o papel da comunidade na Educação Integral? *Centro de Referências em Educação Integral*, 7 out. 2013. Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/metodologias/2124>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

2. O Criativos da Escola é uma iniciativa do Instituto Alana que “encoraja crianças e jovens a transformarem suas realidades, reconhecendo-os como protagonistas de suas próprias histórias de mudança. O protagonismo, a empatia, a criatividade e o trabalho em equipe são os pilares centrais deste projeto, que busca envolver e estimular educandos e educadores de diferentes áreas no engajamento e na atuação em suas comunidades. [...] O Desafio Criativos da Escola celebra e premia projetos protagonizados por crianças e jovens de todo o país que, apoiados por seus educadores e educadoras, estão transformando suas escolas, comunidades e municípios”. Disponível em: <<https://criativosdaescola.com.br>>. Acesso em: 13 mar. 2019.

CAPÍTULO 15

PAUTAS PARA REUNIÕES TEMÁTICAS A PARTIR DE FILMES

Este capítulo contém pautas para que você, diretor, possa promover reuniões a fim de discutir temas importantes tratados neste livro com a equipe docente, com os estudantes e também com os familiares. Nessas pautas, selecionamos trechos de filmes especialmente para apoiar as conversas sugeridas. Recomendamos que você assista aos vídeos por inteiro, ou ao menos aos segmentos indicados, antes dos encontros, para que possa comentá-los com propriedade. As sinopses encontram-se nas páginas 189 a 191.

Segundo Telma Weisz,¹ doutora em psicologia da aprendizagem e do desenvolvimento e formadora de professores, tematizar a prática é recortar alguns de seus aspectos como objeto de reflexão. Assim, apesar de as propostas apresentarem apenas algumas cenas, principalmente em função do tempo disponível para os encontros, a ideia é que a escola sugira e viabilize sessões de projeção dos filmes e documentários na íntegra para a comunidade escolar.

1. Ver <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/502/o-que-e-tematizacao-da-pratica>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

1. Sugestões de pautas para reuniões com professores

TEMA

Diálogo construtivo entre escola e famílias

Desafio: tornar as reuniões com familiares (individuais e/ou coletivas) mais produtivas, acolhendo-os para que se fortaleçam e participem mais efetivamente do acompanhamento da aprendizagem dos filhos.

Objetivo: qualificar as reuniões entre professores e familiares, construindo procedimentos comuns.

Duração prevista: 2 horas.

Encaminhamentos:

- ▶ realizar um ritual de acolhimento (leitura de um belo texto literário, por exemplo);
- ▶ compartilhar o objetivo da reunião;
- ▶ informar que, como aquecimento, assistirão a uma cena do documentário *Ser e ter* (p. 191) na qual um professor conversa com a mãe de uma aluna que apresenta dificuldades de relacionamento e de aprendizagem;
- ▶ exibir o seguinte trecho: 45'40" a 50'50";
- ▶ solicitar que registrem o que lhes chama a atenção na cena e quais são as ações que o professor realiza;
- ▶ pedir que reflitam, em duplas, sobre a importância de o professor ter iniciado a conversa com a mãe ressaltando aspectos positivos da menina, antes de focar as dificuldades, e de ele escutá-la sobre suas aflições em relação às dificuldades da filha;

- ▶ reproduzir o seguinte trecho do documentário *Nunca me sonharam* (p. 190): 37'a 39'10";
- ▶ sugerir, com base no relato do professor na cena assistida, uma reflexão conjunta sobre o conhecimento que a escola tem sobre as famílias e as realidades dos estudantes e como pode aprofundar esse conhecimento;
- ▶ convidar as duplas a compartilhar suas conclusões e propor a construção coletiva de um pequeno roteiro para apoiar o planejamento de reuniões com os familiares dos alunos de modo a construir um diálogo construtivo com a escola.

TEMA

Valores que sustentam as decisões atitudinais da escola

Desafio: dar clareza, aos docentes e às famílias, sobre os valores que sustentam as ações educativas da escola diante da complexidade dos desafios do dia a dia e das inúmeras decisões que precisam ser tomadas em relação à formação ética dos alunos.

Objetivo: refletir com os professores sobre a necessidade de os valores que sustentam as ações educativas da escola serem mais claros e comuns a todos.

Duração prevista: 2 horas.

Preparação antes da reunião:

- ▶ produzir alguns casos com base em fatos que ocorrem com frequência na escola e que explicitam os conflitos causados ou agravados pela falta de clareza dos valores que precisam fundamentar as ações educativas – por exemplo: professores que encaminham a resolução de conflitos com alunos de maneiras muito diferentes; familiares que cobram atitudes da escola, que não sabe como agir ou atua de modo pouco seguro, atendendo à demanda da família para evitar conflito;
- ▶ pesquisar, entre os documentos da escola (projeto político-pedagógico), o perfil de sujeito que se busca formar;
- ▶ caso não exista esse delineamento, elaborar um pequeno texto que o contemple, com o apoio de algumas pessoas da equipe.

Encaminhamentos:

- ▶ distribuir os casos e solicitar aos professores que, em quartetos, pensem o que têm em comum;
- ▶ pedir que socializem suas conclusões; se não mencionarem a falta de clareza sobre os valores, tentar estabelecer relações entre o que mencionaram e o objetivo da reunião;
- ▶ ler a sinopse do filme *Perfume de mulher* (p. 190) e exibir o trecho de pouco mais de seis minutos;
- ▶ solicitar que registrem os valores que parecem sustentar as decisões da escola;
- ▶ propor que, em duplas, respondam que sujeito essa escola busca formar;
- ▶ pedir que socializem suas conclusões;
- ▶ projetar ou escrever na lousa a definição do sujeito que a escola quer formar e solicitar aos professores que a complementem, caso considerem importante;

- ▶ propor que, em quartetos, reflitam e registrem quais valores precisam fundamentar as ações dos profissionais da escola voltadas para a formação do sujeito que a escola quer promover;
- ▶ convidar todos a socializar as conclusões, registrando-as na lousa;
- ▶ perguntar se concordam com a lista ou se propõem alguma alteração;
- ▶ combinar a formação de três comissões: uma para pensar como esses valores devem ser compartilhados com as famílias; outra para discutir como devem ser compartilhados e explicitados aos alunos; e uma última para criar casos sobre problemas que envolvam estudantes, funcionários e/ou famílias (explicar que o objetivo é pensar em situações que reflitam a realidade da escola e que possam ser utilizadas de modo a possibilitar a antecipação de encaminhamentos comuns, tendo como referência os valores da escola);
- ▶ acordar que na reunião seguinte darão continuidade às reflexões nas comissões, compartilharão suas conclusões e farão um exercício com os casos produzidos pelo terceiro grupo;
- ▶ pedir opinião sobre o que acharam da reunião e se gostariam de propor mais algum encaminhamento.

TEMA

O impacto das baixas expectativas dos professores na aprendizagem dos estudantes

Desafio: reverter a “cultura de insucessos” de parte dos alunos da escola, começando pela mudança de olhar dos professores sobre eles.

Objetivo: envolver os professores em reflexões sobre o possível impacto de suas baixas expectativas na aprendizagem dos estudantes.

Duração prevista: 2 horas.

Encaminhamentos:

- ▶ propor aos professores que respondam o que entendem por expectativa;
- ▶ construir, com o grupo, o significado comum da palavra “expectativa”,² registrando as respostas que surgirem na lousa;
- ▶ perguntar se alguém gostaria de relatar brevemente alguma experiência de infância relacionada às expectativas de algum professor;
- ▶ compartilhar o objetivo da reunião e perguntar aos professores o que acham: se concordam que pode haver relação entre baixas expectativas e a forma como os alunos se envolvem ou não, como se empenham ou não, para aprender;
- ▶ acolher todas as possíveis queixas e esclarecer que o objetivo não é, de maneira alguma, tirar a responsabilidade dos estudantes, mas o de, como profissionais, tentar reverter um quadro de constantes insucessos na escola;
- ▶ propor que, para embasar melhor a reflexão, pesquisem o que um especialista tem a dizer sobre essa relação;
- ▶ reproduzir o vídeo em que Emilia Ferreiro³ comenta sobre o impacto das baixas expectativas dos professores na aprendizagem dos alunos;
- ▶ perguntar se gostariam de tecer comentários sobre as afirmações de Ferreiro;
- ▶ exibir o seguinte trecho do documentário *Pro dia nascer feliz* (p. 191): 9’30” a 17’25”;
- ▶ solicitar que registrem o que lhes chama a atenção nas cenas;
- ▶ pedir que reflitam, em duplas, sobre as semelhanças e diferenças que se podem identificar entre as realidades daqueles alunos e professores e as da escola em que atuam;

2. Segundo o *Grande dicionário Houaiss*, expectativa é a “situação de quem espera a ocorrência de algo, ou sua probabilidade de ocorrência, em determinado momento”.

3. PAPEL das expectativas dos professores sobre os alunos. *Nova Escola*, 3 jul. 2013.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iPgsqdHjLcY>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

- ▶ propor a socialização das reflexões e lembrar que, no trecho a que assistiram, puderam conhecer o sonho de uma das alunas;
- ▶ perguntar se consideram importante a escola conhecer quais são os sonhos dos estudantes e, de alguma forma, tentar ajudar a canalizar algumas dessas aspirações e preocupações comuns para projetos nos quais eles se sintam mais contemplados, protagonistas e motivados;
- ▶ solicitar que, em quartetos, planejem uma dinâmica para que os alunos sejam convidados a manifestar seus sonhos e suas grandes preocupações;
- ▶ pedir que compartilhem as ideias e que formem uma comissão (um ou dois professores por série) para, utilizando parte de suas aulas durante um mês, realizar as dinâmicas planejadas;
- ▶ comunicar que, depois de colherem os sonhos e preocupações comuns de cada série, será feito um grande painel com a participação dos alunos. Adiantar que na reunião seguinte conversarão sobre o andamento desse grande projeto e combinarão os próximos passos: como será feito o painel e como os sonhos e preocupações poderão se transformar em projetos.

Continuidade da proposta:

- ▶ reunir os professores para planejar uma pauta de reunião com as famílias com o objetivo de compartilhar os sonhos e as preocupações dos alunos, bem como os projetos que estão sendo realizados;
- ▶ dar início a uma pesquisa sobre atividades culturais e/ou esportivas promovidas por outras secretarias e/ou organizações não governamentais (ONGs), ou seja, sobre recursos que incentivem a busca de maior sentido de vida aos alunos e incrementem sua formação.

TEMA

Características das crianças, dos adolescentes e dos jovens e como veem a escola

Desafio: realizar as pequenas transformações necessárias para acolher melhor os anseios, os sonhos e as expectativas de crianças, adolescentes e jovens.

Objetivos:

- ▶ ampliar a reflexão com professores sobre como são as crianças, os adolescentes e os jovens e como eles veem a escola;
- ▶ construir, coletivamente, possíveis alterações pedagógicas que possam garantir maior sentido para os alunos.

Duração prevista: duas reuniões de 2 horas cada uma.

Encaminhamentos da primeira reunião:

- ▶ compartilhar os objetivos da reunião;
- ▶ perguntar aos professores como veem as crianças, os adolescentes e os jovens e como acham que eles percebem a escola que é feita para eles;
- ▶ pedir que, em duplas, trios ou quartetos, registrem em filipetas (de duas cores diferentes) duas qualidades (positivas e/ou negativas) que, em sua opinião, melhor caracterizam as crianças, os adolescentes e os jovens e duas qualidades (positivas e/ou negativas) que descrevam como acham que os alunos veem a escola;
- ▶ solicitar que fixem as filipetas no suporte disponível (papel Kraft, lousa etc.), onde já estejam anotadas as duas questões;
- ▶ anunciar que assistirão a uma parte de um documentário que poderá inspirá-los para o aprofundamento das reflexões propostas nos objetivos da reunião;

- ▶ ler a sinopse do documentário *Nunca me sonharam* (p. 190) e exibir o trecho que vai do início a 47'42";
- ▶ pedir que registrem, nas mesmas duplas, trios ou quartetos, em uma folha dividida ao meio, os seguintes aspectos:
 - ▶ como são as crianças, os adolescentes e os jovens (como eles se veem, como os professores e especialistas os veem);
 - ▶ como a escola é vista pelos alunos, professores e especialistas;
- ▶ propor que os grupos organizem seus registros e discutam sobre as conexões entre os registros de observação do documentário e suas realidades, com a finalidade de ampliar suas possibilidades de ação em relação ao tema aqui abordado;
- ▶ pedir aos grupos que registrem em filipetas (mesmas cores já utilizadas) as conexões discutidas;
- ▶ solicitar que fixem as filipetas no suporte, complementando o painel já iniciado;
- ▶ propor que, até a próxima reunião, reflitam sobre “de quem é nossa escola”, observando o suporte com as filipetas, as paredes das salas de aula, a forma como as aulas são encaminhadas, quando e para que os alunos são consultados nas tomadas de decisão;
- ▶ ressaltar que devem tentar “limpar o olhar” de qualquer atitude defensiva, pois o objetivo não é, de maneira alguma, responsabilizar alguém, e sim encontrar, juntos, caminhos para que a escola seja efetivamente um local onde os alunos se sintam protagonistas;
- ▶ pedir que a equipe compartilhe suas impressões sobre o trecho do documentário assistido.

Encaminhamentos da segunda reunião:

- ▶ após o ritual de acolhimento, convidar dois professores a ler o painel sobre como são as crianças, os adolescentes e os jovens e como eles veem a escola;
- ▶ perguntar se consideram que o painel representa bem a escola;
- ▶ solicitar que compartilhem suas impressões a partir da investigação que fizeram sobre “de quem é nossa escola”;
- ▶ provocar comentários sobre as marcas que observaram e os levaram a essas conclusões;
- ▶ comentar que assistirão ao restante do documentário para pensarem em possibilidades de aprimoramento da escola;
- ▶ exibir o trecho final de *Nunca me sonharam*, a partir de 47’43”;
- ▶ propor que registrem as dicas presentes nos depoimentos que, de maneiras diferentes, potencializam o encantamento dos alunos pela escola;
- ▶ pedir que compartilhem os registros que fizeram, dando ênfase aos aspectos mais importantes;

Atenção aos seguintes aspectos:

- ▶ examinar o que não está bom e traçar metas;
 - ▶ a escola precisa ser um ambiente que trata o aluno com dignidade;
 - ▶ a escola é para o aluno;
 - ▶ acreditar no aluno/escutar o aluno são formas de participação;
 - ▶ o que faz a diferença são coisas muito pequenas.
-
- ▶ perguntar se, a partir de todas as reflexões feitas e contemplando a realidade retratada no painel confeccionado na reunião anterior, consideram importante pensar em maneiras de aprimoramento da escola;

- ▶ propor a formação de três grupos de estudo para pensarem em transformações que a escola pode e deve fazer para se aprimorar como um espaço de aprendizagem que seja mais atraente e acolhedor;
- ▶ apresentar aos professores as temáticas dos grupos e solicitar que se distribuam e se inscrevam:

Grupo 1: aprimoramentos necessários no espaço físico da escola, pensando em metas de curto, médio e longo prazos. De que forma é possível envolver os alunos para que se sintam corresponsáveis nas decisões e na busca de soluções?

Grupo 2: aprimoramentos na dinâmica das aulas, para que os alunos tenham maior participação e se sintam mais desafiados. Nesse grupo, o ideal é garantir a participação de professores que já conseguem realizar aulas mais interativas.

Grupo 3: projetos em que os alunos sejam protagonistas para pensar nos problemas da escola e/ou da comunidade do entorno, propor soluções para essas questões e realizar as ações possíveis e necessárias, de modo a dar maior sentido ao idealismo que também faz parte da vida dos adolescentes e jovens.

- ▶ combinar, após o fim das inscrições nos grupos, que todos já podem pensar nos encaminhamentos dessas temáticas e que, na próxima reunião, cada grupo produzirá um plano de ação.

TEMA

Compartilhamento, entre professores, de informações sobre os alunos no início do ano letivo

Desafio: aprimorar a “transferência de conhecimento” sobre os alunos entre os professores no início do ano letivo, deixando de lado estigmatizações.

Objetivo: construir, com os professores, procedimento comum e ético para aprimorar a transmissão de informações sobre os alunos no início de cada ano letivo.

Duração prevista: 2 horas.

Encaminhamentos:

- ▶ solicitar aos professores que se apresentem (caso haja novos);
- ▶ propor um ritual de acolhimento, como a leitura de um belo texto literário ou a realização de uma dinâmica divertida;
- ▶ compartilhar o objetivo da reunião, questionando o que os participantes acham da proposta, se a consideram necessária etc.;
- ▶ informar que, como aquecimento, assistirão a uma cena do filme *Entre os muros da escola* (p. 189) na qual um professor compartilha com outro suas impressões sobre os alunos;
- ▶ exibir o seguinte trecho: 1’14” a 4’24”;
- ▶ pedir que comentem o que observaram;
- ▶ perguntar de que maneira aquela classificação tão simplista pode ajudar o novo professor da turma a se preparar para dar conta dos desafios que o trabalho docente costuma apresentar;
- ▶ propor que reflitam, em duplas, sobre a própria experiência: o que costuma acontecer quando recebem uma informação negativa de outro professor sobre um aluno que ainda não conhecem?; de que modo essas informações

negativas influenciam a maneira como “passam a olhar” para esse aluno?;

- ▶ solicitar às duplas que compartilhem suas conclusões, ressaltando, principalmente, os depoimentos que apontam para a relação entre estigmatização e impossibilidade de o aluno se mostrar de modo diferente para outro professor;
- ▶ lembrar que o papel, a responsabilidade e a missão da escola é ensinar a todos e propor que se organizem em grupos para pensar em procedimentos de transmissão de informações que os apoiem na superação dos desafios inerentes a todos os grupos de alunos e que os ajudem a iniciar a relação com eles de maneira produtiva;
- ▶ registrar na lousa os procedimentos acordados e distribuir as listas das turmas;
- ▶ solicitar à equipe que dê início à nova forma de conhecer os estudantes a partir dos procedimentos acordados.

2. Sugestões de pautas para reuniões com famílias

TEMA

Apoio da família em relação à lição de casa

Desafio: necessidade da escola de apoiar os familiares para que eles participem da aprendizagem dos filhos.

Objetivo: construir, com as famílias, procedimentos que as ajudem a aprimorar a forma como acompanham a lição de casa dos filhos.

Duração prevista: 2 horas.

Preparação antes da reunião: deixar em uma mesa próxima à entrada crachás e canetões para cada participante escrever seu nome, ou garantir a presença de um funcionário para receber os familiares e, caso necessário, escrever seus nomes nos crachás.

Encaminhamentos:

- ▶ dar as boas-vindas a todos, compartilhar o objetivo da reunião e realizar um ritual de acolhimento, como a leitura de um belo texto literário;
- ▶ solicitar aos familiares que se reúnam em quartetos ou quintetos e propor que conversem sobre qual é a importância da lição de casa para a aprendizagem dos alunos;
- ▶ pedir a um participante de cada grupo que faça o registro da discussão, verificando, antecipadamente, se há necessidade de garantir a presença de professores para realizar as anotações;
- ▶ solicitar a uma pessoa de cada grupo que leia o registro, após um tempo de discussão;
- ▶ registrar o que forem relatando em um suporte que todos possam ver;
- ▶ complementar os registros com o que a escola considera importante garantir como informação sobre a importância da lição de casa – por exemplo: projetar trechos do PPP sobre a lição de casa, ler trechos de textos que tratam desse assunto⁴ etc.;
- ▶ combinar que, dada a importância que todos reconhecem na lição de casa, passarão a discutir e acordar quais procedimentos podem ser realizados pelos familiares no sentido de apoiar os filhos na realização dessa atividade;
- ▶ informar que, como aquecimento, assistirão à cena de um filme em que uma família tenta ajudar uma criança na tarefa de casa;

4. Ver sugestões de textos que tratam de lição de casa no “Saiba mais” da página 160.

- ▶ solicitar que observem e, se quiserem, registrem as ações dos familiares;
- ▶ ler a sinopse do documentário *Ser e ter* (p. 191) e exibir o seguinte trecho: 34’09” a 39’40”;
- ▶ propor aos participantes que se reúnam nos mesmos grupos e reflitam sobre quais ações ajudam o menino do filme e quais o atrapalham, e por quê;
- ▶ convidar o primeiro grupo a compartilhar sua discussão;
- ▶ registrar as ações em forma de lista no suporte e discutir quais são adequadas e quais não;
- ▶ pedir aos outros grupos que complementem as listas;
- ▶ solicitar a todos os participantes que contribuam para a complementação da lista das ações adequadas, incentivando, por exemplo, os responsáveis que conseguem apoiar os filhos a compartilhar como o fazem;
- ▶ ressaltar a importância de todos terem ajudado nessa construção coletiva e combinar que essa lista será amplamente divulgada para os familiares.

TEMA

Potencialidades da divulgação, em redes sociais, de questões da escola

Desafio: aprimorar a ética na comunicação entre as famílias a respeito da escola e ampliar/fortalecer os canais para isso.

Objetivos:

- ▶ refletir com os familiares sobre os riscos inerentes à divulgação, em redes sociais, de críticas, acusações e boatos a respeito de professores da escola;
- ▶ construir, coletivamente, procedimentos e canais que fortaleçam a comunicação entre famílias e escola.

Duração prevista: 2 horas.

Preparação antes da reunião: deixar em uma mesa próxima à entrada crachás e canetões para cada participante escrever seu nome, ou garantir a presença de um funcionário para receber os familiares e, caso necessário, escrever seus nomes nos crachás. Servir pipoca durante o filme, como lanche da reunião.

Encaminhamentos:

- ▶ compartilhar com os participantes quanto são salutares e interessantes os grupos organizados pelas famílias em redes sociais e quanto elas podem se ajudar mutuamente em relação a diferentes questões;
- ▶ comentar que esses grupos podem tanto privilegiar ações muito positivas, que beneficiam os alunos, como, infelizmente, potencializar conteúdos destrutivos;
- ▶ perguntar aos familiares o que pensam sobre o assunto e compartilhar o objetivo da reunião;
- ▶ propor o aprofundamento dessa importante reflexão a partir do filme *Aos teus olhos* (p. 189, com duração de 90 minutos);
- ▶ ler a sinopse e combinar que haverá um debate após a exibição;
- ▶ perguntar, ao término do filme, o que os participantes acharam da história, ressaltando que o objetivo não é abrir um julgamento sobre o professor, se o consideram culpado ou não, mas discutir o modo como o assunto, tão sério e extremamente delicado, foi tratado (se necessário, voltar ao objetivo da reunião);
- ▶ acolher os comentários, enfatizando os riscos de julgamentos equivocados, além da exposição de crianças quando as redes sociais envolvem assuntos relacionados aos alunos, professores e/ou demais funcionários de maneira pouco cuidadosa, pouco respeitosa ou antiética;
- ▶ compartilhar que a escola também faz uma autocrítica por considerar que, provavelmente, está falhando em não se abrir mais para escutar as famílias, e que o propósito dessa reunião é também o de investir nesse aprimoramento;

- ▶ propor a formação de duas comissões de familiares e representantes dos funcionários da escola: uma para estudar e propor o aprimoramento da comunicação entre escola e famílias, e outra para estudar e propor uma campanha voltada para a reflexão sobre a ética nas relações em redes sociais;
- ▶ perguntar o que acham das propostas e pensar de que forma os alunos também se beneficiam com elas;
- ▶ escrever os títulos dos temas na lousa e solicitar aos responsáveis que, caso se interessem, se inscrevam;
- ▶ combinar que cada um dos ali presentes convide outra família a também compor as comissões;
- ▶ informar que brevemente eles serão consultados sobre dias e horários para o primeiro encontro das comissões.

3. Sugestão de pauta para reunião com alunos

TEMA

Diálogo da escola com os alunos

Desafio: investir na qualificação do diálogo entre a escola e seus alunos diante da recorrência de problemas disciplinares e de insatisfação dos estudantes, manifestados, por exemplo, por meio de depredações do espaço escolar.

Objetivos:

- ▶ ouvir os alunos sobre como veem a escola e seus sonhos em relação a ela;
- ▶ planejar projetos que potencializem seu protagonismo.

Duração prevista: duas reuniões de 2 horas cada uma.

Preparação antes da primeira reunião:

- ▶ compartilhar as reflexões com os professores, relacionando a falta de diálogo com os alunos e a carência de espaços de protagonismo com o excesso de problemas disciplinares;
- ▶ convidar alguns docentes a participar desse movimento (na mesma reunião, pode-se apresentar a pauta planejada para que a complementem, se necessário);
- ▶ em uma parte da sala, organizar, em uma mesa com uma bonita toalha, materiais diversos para que os alunos realizem uma produção plástica.

Encaminhamentos da primeira reunião:

- ▶ compartilhar com os alunos os objetivos das reuniões e perguntar o que acham da proposta;
- ▶ informar que assistirão a um trecho do documentário *Nunca me sonharam* (p. 190);
- ▶ perguntar se alguém já viu o filme e do que imaginam que ele trata;
- ▶ reproduzir o seguinte trecho: início a 47'42";
- ▶ perguntar, ao final da exibição, o que acharam da história, quais foram suas impressões etc.;
- ▶ solicitar que se organizem em quintetos e conversem sobre as seguintes questões:
 - ▶ Identificaram-se com o filme? Com quais aspectos?
 - ▶ O filme os inspirou a pensar na própria escola? De que forma?
- ▶ pedir a um dos alunos de cada grupo que registre as reflexões;
- ▶ abrir um semicírculo e solicitar que compartilhem os registros;
- ▶ anotar na lousa o que os alunos compartilham;

- ▶ fazer a leitura dos itens anotados na lousa;
- ▶ propor que se juntem nos mesmos quintetos e, utilizando o material disponível, pensem, discutam e representem (em uma produção escrita ou plástica) um sonho que eles têm para a escola;
- ▶ solicitar a cada grupo que apresente seu sonho;
- ▶ combinar que as produções serão afixadas em um painel para que todas as turmas conheçam os sonhos dos alunos em relação à escola;
- ▶ combinar também que, na próxima reunião, haverá continuidade das reflexões para que os objetivos sejam atingidos;
- ▶ perguntar se gostaram da pauta e anunciar a data da próxima reunião.

Preparação antes da segunda reunião: como na primeira reunião, organizar, em uma mesa com uma bonita toalha, materiais diversos para que os alunos realizem uma produção plástica.

Encaminhamentos da segunda reunião:

- ▶ perguntar aos alunos se eles conversaram sobre os sonhos, sobre a reunião anterior etc.;
- ▶ solicitar que se juntem nos mesmos quintetos e, utilizando o material disponível, pensem, discutam e representem (em uma produção escrita ou plástica) um problema da escola e uma solução;
- ▶ ressaltar que é muito importante que a solução também envolva os alunos, pois a ideia é realmente ampliar seu espaço de protagonismo na escola;
- ▶ pedir a cada grupo que socialize o problema e a solução pensados;
- ▶ registrar as ideias e propor a escolha de algumas delas (a quantidade depende das possibilidades da escola) para serem transformadas em projetos envolvendo alunos e funcionários;
- ▶ escrever na lousa os projetos escolhidos e solicitar a cada participante que se inscreva em um deles;

- ▶ combinar que na próxima reunião de professores será discutida a forma de encaminhamento desses projetos e a inscrição dos professores que apoiarão cada um deles;⁵
- ▶ perguntar aos alunos o que acharam da reunião e da perspectiva de maior participação deles nas decisões da escola.

5. Os projetos poderão também ser inscritos no programa Criativos da Escola. Trata-se de uma iniciativa do Instituto Alana que “encoraja crianças e jovens a transformarem suas realidades, reconhecendo-os como protagonistas de suas próprias histórias de mudança. O protagonismo, a empatia, a criatividade e o trabalho em equipe são os pilares centrais deste projeto, que busca envolver e estimular educandos e educadores de diferentes áreas no engajamento e na atuação em suas comunidades. [...] O Desafio Criativos da Escola celebra e premia projetos protagonizados por crianças e jovens de todo o país que, apoiados por seus educadores, estão transformando suas escolas, comunidades e municípios”. Disponível em: <<https://criativosdaescola.com.br>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

Sinopses de filmes propostos

Aos teus olhos

Direção: Carolina Jabor

País: Brasil

Gênero: Drama

Ano de produção: 2017

Duração: 90 minutos

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6d0mZ9m9-s0>>. Acesso em: 16 mar. 2019.

- ▶ Rubens (Daniel de Oliveira) é um professor de natação infantil acusado pelos pais de um aluno de beijar o filho deles na boca no vestiário do clube. Quando a acusação viraliza pelas redes sociais e pelos grupos de mensagens da escola, começa um julgamento precipitado sobre as ações e intenções do professor.

Entre os muros da escola

Título original: *Entre les murs*

Direção: Laurent Cantet

País: França

Gênero: Drama

Ano de produção: 2008

Duração: 128 minutos

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rBXIPg7nj-Y>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

- ▶ François Marin (François Bégaudeau) é professor de língua francesa em uma escola de Ensino Médio localizada na periferia de Paris. O filme acompanha, especialmente, seu trabalho com uma turma em que há grande diversidade de etnias e que vivencia os conflitos próprios da adolescência.

Nunca me sonharam

Direção: Cacau Rhoden

País: Brasil

Gênero: Documentário

Ano de produção: 2017

Duração: 90 minutos

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=foQ5z-E4W9k>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

- ▶ O documentário traça um panorama do Ensino Médio nas escolas públicas brasileiras por meio de depoimentos que revelam a perspectiva de alunos, professores, diretores e especialistas. Com diversos pontos de vista, destacam-se o valor da Educação, os desafios do presente, as expectativas para o futuro e os sonhos de quem vive essa realidade.

Perfume de mulher

Título original: *Scent of a woman*

Direção: Martin Brest

País: Estados Unidos

Gênero: Drama

Ano de produção: 1992

Duração: 157 minutos

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5DC9UyTEjGg>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

- ▶ Frank (Al Pacino) é um militar aposentado, cego e amargurado, que mora no quintal da sobrinha. No feriado de Ação de Graças, ela contrata o jovem Charlie (Chris O'Donnell) para cuidar do tio. Os dois viajam para Nova York, e o velho tenente-coronel se aproxima dos problemas do jovem e se esquece um pouco da própria infelicidade.

Pro dia nascer feliz

Direção: João Jardim

País: Brasil

Gênero: Documentário

Ano de produção: 2006

Duração: 88 minutos

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nvsbb6XHu_I>. Acesso em: 27 mar. 2019.

- ▶ O documentário apresenta a realidade da Educação pública brasileira em diferentes municípios por meio do olhar de alunos e de educadores. Adolescentes de regiões e classes sociais diferentes falam sobre projetos e inquietações em meio a escolas com estrutura precária, falta de professores, violência e preconceitos.

Ser e ter

Título original: *Être et avoir*

Direção: Nicholas Philibert

País: França

Gênero: Documentário

Ano de produção: 2002

Duração: 104 minutos

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EkskSRUX1AMs>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

- ▶ O documentário acompanha um ano letivo do professor George Lopez com alunos entre 4 e 11 anos de uma pequena escola de uma região rural do centro da França. A vida surge nos diálogos entre Lopez e as crianças, nos conflitos e acordos entre elas, em suas hesitações e traquinagens e também em seus fracassos e conquistas.

PARTE V

UMA EXPERIÊNCIA REAL DE TRANSFORMAÇÃO DA RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA

Ao longo dos capítulos deste livro citamos diversas experiências que jogaram luz na relação entre escola e famílias. Todas elas têm em comum a abertura para o diálogo. Nesta parte compartilhamos com você, diretor, uma roda de conversa entre educadores e pais de alunos de Casimiro de Abreu (RJ), município em que é realizado o projeto TransFormar, iniciativa do Instituto João e Maria Backheuser em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e a Comunidade Educativa CEDAC, que desde 2015 atua na formação de educadores.

Em 2017, o projeto agregou a suas ações ciclos de conversas a fim de avançar na construção de uma parceria entre escola e famílias que pudesse contribuir para a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos. Nesses encontros são abordados temas de interesse mútuo das duas instituições: maneiras de apoiar os projetos de vida de crianças, adolescentes e jovens, como qualificar a comunicação da escola e das famílias com os estudantes, de que modo avançar na participação efetiva da trajetória escolar etc. Tanto o planejamento quanto os registros das conversas são discutidos com os gestores educacionais e escolares da rede, com o objetivo de que se tornem práticas frequentes para que a parceria seja cada vez mais efetiva.

Os trechos da conversa reproduzidos a seguir são uma amostra de como oferecer um espaço de encontro e manter o diálogo aberto permite trazer para o centro das discussões aquilo que importa para o desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens, fazendo com que educadores e familiares se apoiem, compartilhem desafios e atuem juntos.

A conversa, realizada em fevereiro de 2019, foi mediada por Marília Novaes, coordenadora pedagógica da Comunidade Educativa CEDAC, que vem conduzindo esse trabalho com as famílias. Agradecemos aos participantes dessa roda, que gentilmente cederam seu tempo para compartilhar sua experiência nesta publicação:¹

1. As falas foram editadas para adequação à língua escrita e com a intenção de conferir concisão e clareza.

- ▶ **Alessandra de Sá**, funcionária de biblioteca escolar;
- ▶ **Ana Lúcia Assunção**, diretora de escola;
- ▶ **Carla Teixeira de Lobo**, diretora de escola;
- ▶ **Elisângela Antunes**, professora da Educação Infantil;
- ▶ **Ivanilde Martins Faria**, diretora de escola;
- ▶ **Luciana da Silva Campos Alves**, coordenadora da Educação Infantil do município;
- ▶ **Marília Novaes**, formadora da Comunidade Educativa CEDAC responsável pelos ciclos de conversa;
- ▶ **Nícia Maria Barreto de Oliveira Araújo**, secretária de Educação de Casimiro de Abreu;
- ▶ **Rosana Barbosa Eleotério da Silva**, mãe de aluno;
- ▶ **Tânia Maria Lopes Araújo**, mãe de aluno;
- ▶ **Wagner Rodrigo da Silva**, pai de aluno.

Marília: Gostaria de começar pedindo que vocês nos falem de como o trabalho que fazemos aqui tem se desdobrado em ações junto às famílias. Uma das ações muito interessantes que vocês desenvolveram aqui em Casimiro de Abreu foi o Piquenique Literário. Quem pode me contar um pouco mais?

Diretora 1: Nós realizamos essa ação em um sábado letivo. Fizemos um convite carinhoso, especial, a todos os responsáveis e eles compareceram. Preparamos o café e compartilhamos ali. Deixamos todos à vontade para ter acesso aos livros, pegá-los, contar a história para os filhos. Fizemos vários cantinhos em todo o ambiente escolar, embaixo da árvore... Não foi só na sala de aula. Saímos espalhando cantinhos para que os pais pudessem ter aquele momento com seus filhos naquele dia. Porque essa parceria da família com a escola, esse elo, é muito importante e vem contribuindo muito, não só para nossa escola, mas para toda a rede do município, com esse projeto de formação para os diretores. Tem surtido efeito mesmo e nós percebemos a importância.

Às vezes a correria é tão grande que não dá tempo de o pai sentar com o professor, com o diretor, ter aquele contato com os funcionários da escola. Então temos que ter um carinho para receber esses alunos, desde a entrada do portão até a sala de aula. E é muito gratificante a gente passar esse carinho para os responsáveis e receber isso de volta. Porque nós temos que conhecer a realidade de cada aluno, e os pais também têm que conhecer a realidade da escola, seus objetivos. Temos que traçar metas, objetivos juntos, para alcançarmos uma boa aprendizagem para nossos alunos. Então é extraordinário ter essa relação de parceria. Tem dado muito certo e nós pretendemos atingir mais pais, porque não conseguimos atingir ainda 100% dos responsáveis.

Diretora 2: Os próprios pais também já vão fazendo propaganda disso, falam um para o outro: “Você perdeu, é legal”.

Diretora 1: Nem todos os pais têm tempo, então essa parceria não é focada só nos que estão mais presentes na escola. A gente tem que abrir para todos os pais e tentar trazer todos para dentro da escola.

Diretora 2: É emocionante ouvir o relato de uma mãe satisfeita com o trabalho da escola, muito gratificante, porque, se eu quero desenvolver meus alunos, se eu quero o melhor deles – quando falo “eu”, falo da equipe toda, porque a gente trabalha em conjunto –, eu preciso que eles tenham confiança na escola, e como faço para que eles tenham? Eu preciso abrir a escola para os responsáveis, porque, como a gente já conversou várias vezes, a escola está na comunidade e tem que servi-la. A escola é a extensão da família, então, quando eu abro as portas, mostro para o pai que ele é importante, que ele é especial, que preciso dele, que a escola precisa dele.

Marília: Em uma das reuniões em que estávamos pensando de que forma a escola pode mostrar o que ela faz e assim ajudar os pais, lembro de uma observação sua muito interessante. Você disse: “Eu quero saber o que a minha filha come na escola porque em casa eu posso também oferecer”.

Mãe 1: É, eu sempre falo isso. Inclusive, ontem mesmo fui à cozinha da escola, porque às vezes tem coisa que a criança não come aqui, mas em casa come, e

eu queria complementar a alimentação, queria saber se tem algo que ela não come aqui. A gente conquistou isso na creche [Creche Municipal Antônia de Souza Silva]: começaram a divulgar, fizeram quadros com a alimentação, a escola mudou muito. Com a nova direção – acho que a eleição dos diretores também fez uma grande diferença, porque legitimou a gestão –, a gente teve uma aproximação muito maior, conseguiu ter mais acesso a essas informações. Começaram a divulgar mais coisas, quadros de aviso, as aulas que a Valentina [filha] tinha, em qual dia ia trabalhar o quê. Então eu pergunto para ela sempre: “Hoje você fez o quê? A professora está trabalhando qual conteúdo?”. Por exemplo, uma época ela estava trabalhando reciclagem na escola e eu queria trabalhar com ela em casa, porque lá a gente já separa o lixo, a gente já tem todo esse cuidado. Então, eu queria saber o que ela estava exatamente estudando na escola para eu trabalhar em casa e não conseguia ter acesso a essa informação. Quando fui perguntar para a diretora, ela falou: “Pergunte para a professora, porque nenhum pai está interessado em saber isso, porque isso a gente não divulga”. Eu já trabalhei na área de assistência social e isso acontece: como os pais não se aproximam, não valorizam tanto a escola, os próprios professores ficam com a sensação de que são meros cuidadores, o que inviabiliza um pouco. “Nenhum pai está interessado em saber? Não, desculpe, eu estou, e seria muito melhor se você chamasse os outros pais para também estarem do que simplesmente dizer para mim que ninguém tem interesse.” E então isso mudou, a escola se aproximou muito mais, a aproximação, o acesso à informação, o diálogo, tudo mudou, melhorou muito. Eu fiquei muito satisfeita ano passado.

Marília: Você estava falando da alimentação também.

Mãe 1: Sim, esses dias eu vim pegar a minha filha e tinha uma mãe comentando: “Mas você comeu isso? Você não come em casa!”. É porque a escola põe vários coleguinhas comendo a mesma coisa. Muitas vezes o pai quer que o filho coma, mas ele não come, e nós somos exemplos dos nossos pais; você diz: “Vai comer beterraba”, mas você mesmo não come. Então eu contei para

ela que, quando eu quero apresentar alguma coisa para a minha filha, eu pinto primeiro no meu prato, falo que é uma delícia, aí ela tem a curiosidade de saber por que eu comi. E na escola acontece isso; todos estão comendo e a criança começa a comer também. Porque a alimentação é muito importante; se a criança não se alimentar bem, ela vai ter várias dificuldades futuramente. Agora estão inserindo a janta na escola, que a gente imaginava que as crianças não fossem comer, e de repente a Valentina começou a contar: “Mãe, hoje eu comi beterraba, hoje eu comi feijão, hoje eu comi carne”. Você vê a escola inserindo. A gente sabe que algumas crianças não se alimentam bem e, em casa, tudo o que elas querem muitas vezes é arroz e batata frita. Mas a escola tem nutricionista, a alimentação é toda regrada, e, ensinando aqui, a criança vai comer melhor em casa, vai ver a salada de forma diferente no prato para querer comer também.

Marília: É legal o que vocês estão trazendo, quer dizer, os hábitos saudáveis de alimentação que vão sendo construídos na escola, que tem essa força do coletivo, que dá força para todo mundo. É essa a troca. E você trouxe uma coisa bem bacana também, que é: “O que o meu filho aprende aqui? Como ele aprende?”. A gente, na escola, achava que isso era só da escola, que ficava guardadinho ali como uma preciosidade que só a escola tem. Não! Os pais precisam saber.

Mãe 1: É, na verdade, como se a função da escola fosse somente ensinar, e a função da família, só educar, e também tem muito pai por aí, de qualquer classe social, que está deixando tudo para a escola: educar e ensinar. No Rio aconteceu o caso de uma mãe que não conseguia dizer não para o filho, que queria pipoca na saída da escola. Tinha um pipoqueiro na porta da escola e todo dia o filho pedia pipoca. A mãe, com a dificuldade de dar limite que a gente tem, não conseguia dizer não e foi à direção da escola para pedir que tirasse o pipoqueiro dali.

Então, as pessoas não querem dar limite para os filhos, porque educar dá trabalho. A minha mãe falava: “Ai, eu não eduquei nenhum filho porque dá

muito trabalho. Vou deixar vocês fazerem tudo”. Ela fez isso há 40 anos, e hoje em dia está pior. A minha mãe era dona de casa, não trabalhava fora, tinha todo o tempo do mundo para fazer, mas educar dava muito trabalho...

Diretora 2: O que você falou é interessante, que a Educação passa pela família, depois para a escola, para mostrar o reflexo na sociedade.

Marília: Acho que é importante a gente pensar que educar e ensinar vão juntos. No meu tempo não tinha Educação Infantil, a gente ia para a escola com 7 anos. Então havia essa ideia de que já “chegava educado” à escola.

Mãe 1: É, já chegava sabendo um monte de coisa.

Marília: Agora as crianças vão para a escola com 6 meses, às vezes com 3. Então essa parceria está dada desde o início. Nem toda mãe é essa mãe idealizada que a gente imagina. Tem mãe que não é afetiva, tem mãe tão afetiva que até sufoca, tem mãe que não consegue dizer não e prefere tirar o pipoqueiro – e vai tirar tudo da frente pelo resto da vida, porque não consegue dizer não. Então a gente, como mãe, precisa de ajuda.

A escola oferece essa coletividade e essa possibilidade de conversar com as mães, porque os problemas são comuns, não são? Poder trocar ideias em uma reunião de pais ajuda a gente: “Aquela mãe está fazendo tal coisa para o filho comer ou ela teve aquela ideia interessante”. Então é essa parceria. Você gostaria de comentar alguma coisa?

Mãe 2: Eu tenho dois filhos, um de 4 e outro de 5 anos, e gosto muito do trabalho que fazem lá com eles. Esse dia do piquenique foi muito legal. Eu levei os dois e tinha vários cantinhos com leitura, com outras atividades também – pintura, essas coisas –, e eu pude participar bastante com eles. Sempre há esses projetos, esses trabalhos para poder unir a família. Eu acho isso realmente importante também porque passo muito pouco tempo com os meus filhos. Agora estou trabalhando praticamente de domingo a domingo. Saio de casa às 7 horas da manhã, boto eles na escola e chego às 9 horas da noite, quando eles já estão indo para a cama. Então, quando tem na escola esses projetos, eu dou um jeito de ir, porque sei que é um momento que a gente vai ter de brincadeira...

Diretora 2: De estar junto.

Mãe 1: Isso. De interagir com eles, de estar com eles. Eu gosto muito do trabalho feito lá.

Marília: É muito bom a gente pensar que a nossa rotina em casa precisa mesmo da escola ajudando nessa parceria, nessa conversa, porque, nesta época em que a gente vive, nestes tempos de muita coisa, é preciso buscar mesmo ajuda e parceria.

Mãe 1: Eu queria comentar outra coisa em relação a essa questão da vida corrida. Tem na frente da escola materiais de uma campanha para os pais largarem o celular. Acho que esse trabalho tinha que ser mais incentivado. Lá em casa acontece isso direto, porque eu trabalho em casa, então divido o meu tempo com a minha filha, e o meu marido também; nós dois sempre trabalhamos em casa, então estamos o dia inteiro com ela. Se eu estou trabalhando, ela fala: “Ai, mamãe, larga esse computador”. Às vezes ela quer brincar, aí eu brinco com ela, mas volta e meia dou aquela olhada no WhatsApp. Há pouco tempo eu descobri um *site* muito legal, chamado Tempo Junto,² que ensina um monte de brincadeiras: brincadeira para quando está chovendo, brincadeira para todas as idades, um monte de brincadeiras simples, com papel – todas para fazer em casa, para você valorizar o tempo que está com o seu filho...

Mãe 2: Tempo de qualidade, não é?

Mãe 1: É, tem que tirar o celular de perto, porque é uma tentação; se estiver do seu lado, você vai olhar. A gente tem pouco tempo, e o tempo que a gente tem livre a gente quer dar aquela olhadinha no WhatsApp, não tem jeito... Eu acho que é importante, sim, trabalhar para os pais darem uma largada no celular, porque a criança reproduz os hábitos deles. Se você fica o dia inteiro no celular, a criança pensa: “Esse negócio deve ser legal!” e vai querer ficar também.

2. Disponível em: <<https://www.tempojunto.com>>. Acesso em: 4 mar. 2019.

Eu perguntei para a professora: “O que você vai trabalhar com as crianças, para que eu possa fazer em casa com ela também?”. Porque são vários alunos, e a gente não quer que uma professora dê conta de todos. Se tiver essa parceria entre professor e pai, a criança vai se desenvolver; o meu objetivo é que o meu filho se desenvolva. Ontem uma amiga me chamou para tomar café. Eu disse que não podia, para esperar a minha filha e tomar café com ela, porque aí a gente conversa, olha no olho, ela fala o que está acontecendo e muitas vezes sinaliza alguma coisa. Então eu posso procurar a professora e dizer: “Está acontecendo isso”, e ela me diz: “Que bom que você me abriu os olhos. Vou prestar mais atenção”, porque é o seu filho falando em particular. E ali são vários alunos, fazendo várias coisas, e a gente sinaliza e abre os olhos da professora conforme ela abre os nossos. Um dia ela disse: “A Valentina está assobiando muito na aula”. Então, de forma tranquila, eu expliquei para a minha filha por que não pode assobiar na aula, que ela pode fazer isso em casa, e ela não está mais fazendo. Se tiver essa parceria – “O que está acontecendo com o seu filho na escola?”, “O que está acontecendo com o seu filho em casa?” –, talvez a criança tenha um comportamento diferente. A professora vai observar e a gente não vai só cobrar, porque educar e ensinar estão juntos, mas educar é o nosso papel, o nosso filho tem que vir [para a escola] educado.

Os nossos filhos não querem celular; querem a gente olho no olho, brincando com eles. Muitas vezes achamos que estamos com eles e não estamos nada; estamos sentados no tapete, vendo televisão, a atenção não é para eles. Ontem, por exemplo, eu brinquei de vareta com a minha filha e o meu coração se encheu de alegria, porque eu brinquei muito disso quando era criança. Outro dia fiz uma coisa que a deixou muito feliz, mas quem ficou mais feliz fui eu, porque o meu sonho era tomar banho de chuva com ela, só que não dá para a gente fazer muito isso por causa de relâmpago e trovão, a gente fica com medo. Aí, no primeiro dia de aula, caiu um pé-d’água sem relâmpago e eu tomei aquele banho de chuva. Cheguei à escola igual a um pinto

molhado, pingando, o cabelo grudado, a roupa, todas as mãos com sombrinha e eu sem. Falei para a Valentina: “Vamos embora para casa, filha”, e ela: “Você não trouxe guarda-chuva?”. “Não, nós vamos tomar banho de chuva”, e tomamos aquele banho. Então, é a gente registrar essas pequenas coisas com o filho e estar sempre em contato com o professor. Eu falei para a professora: “Eu preciso do que você vai passar. O que você está ensinando? Porque eu vou ter base com ela em casa, eu vou trabalhar com ela em casa e ela já vai vir sabendo mais, quando você for passar”. Tem alunos que são comportados, tem alunos que não são, e às vezes é um professor para dar conta de 20, de 25, enquanto a gente não dá conta de um, dois, três em casa e fica doida para mandar para a escola. Se a gente chegar junto com eles, a gente vai alcançar o nosso objetivo, que é ter o nosso filho sabendo, sendo instruído corretamente.

Diretora 2: Uma das ações que realizamos são as reuniões de pais por turmas. É o momento que os pais têm com o professor, para conhecer melhor o trabalho dele e dar ideias, e nós da direção participamos também. Outra ação foi de registro de trabalhos extraclasse feitos com material reciclado, em que a gente disponibilizou o WhatsApp para os pais tirarem foto na hora em que estivessem confeccionando o trabalho, e recebemos coisas emocionantes; algumas famílias juntavam todo mundo, até o cachorro, para tirar foto e enviar. Então você vê como que é importante essa parceria, os pais precisam disso.

Marília: E a gente precisa desse retorno deles.

Diretora 2: A gente precisa mesmo. Outro dia uma mãe me disse: “Ah, eu não gosto muito de ler, mas eu estou aprendendo com o meu filho...”.

Marília: Olha que legal!

Diretora 2: Eu penso que nós, como escola, e vocês, como pais, temos o mesmo objetivo, que é a aprendizagem dos nossos alunos, que é o desenvolvimento dos nossos alunos em todos os aspectos. Para conseguir realmente essa parceria, todo início de ano a gente pensa: “O que eu posso mudar? O que posso melhorar para aproximar mais a família da escola?”. Este ano já tem ideias

novas para aproximar mais as famílias [da escola]. Elas estavam falando de um café literário que a gente fez com as avós, avó contando história para os netos. Uma das avós foi diretora daqui da escola e, depois que contou a história, ela se emocionou de estar na escola da qual foi gestora, contando história para a neta. Foi muito bacana.

Marília: Acho que você trouxe uma coisa muito importante também para a gente pensar, que tem a ver com mudar essa atitude de julgar, não é? “Ai, essa família! Ai, esse professor!” Vamos trabalhar a partir daquilo que temos no momento: temos esse grupo de pais, vamos trabalhar com eles e expandir; temos esse grupo de alunos em que alguns pais vão ler, outros não vão, mas vamos fazer esse trabalho, vamos acolher todo mundo. Julgar é do ser humano, mas, quando a gente [conversa] vai para um momento em que se estabelece outro tipo de relação, de maior confiança nos pais, de ajudá-los a confiar neles também, ajudá-los a se sentir... dar elementos para eles ficarem mais fortes.

Professora: Porque às vezes é uma questão de compreensão.

Mãe 2: Eu passo pouquíssimo tempo com os meus filhos e também não tive esse momento de estudar, porque eu perdi o meu pai muito cedo, comecei a trabalhar com 10 anos de idade. Então, isso tudo que hoje eu tento fazer pelos meus filhos eu não tive, mas eu tento acompanhar os dois o tempo todo. Eu tenho muita vontade de pegar um livro na escola, na saída, só que eu nunca vou buscar os meninos, porque quem tem cuidado deles é o meu esposo, que está desempregado, e eu estou trabalhando. Ele não tem esse hábito, e eu sempre digo para ele: “Fala para as crianças pegarem um livrinho na biblioteca”, mas ele nunca fala para os meninos, mesmo estando sempre lá, com a biblioteca aberta à disposição para as crianças pegarem um livrinho quando quiserem.

Secretária de Educação: Eu queria dizer que acho que, com esses momentos de conversa, a gente se aproxima e entende melhor a realidade. De fato a gente está tendo uma parceria, uma cumplicidade. Não chega só para uma reunião, senta, ouve, toma um café e vai embora. A gente também ouve a família, tem o relato do que acontece, como é a vida de cada um, porque cada um

tem os seus afazeres, os seus compromissos. Então, como gestora, fico muito feliz dessa conquista da escola junto à família e de estarem buscando novas formas. Porque não adianta só marcar a reunião sem considerar que o pai, a mãe têm compromisso. É preciso pensar o melhor momento, o melhor horário, como eu posso atender para de fato trazer cada vez mais os pais para dentro da escola. Então, eu fico muito feliz com essa possibilidade, e que bom que está trazendo tanto resultado, que, com um projeto de leitura que atua na formação de gestores e coloca foco nessa parceria com a família, toda a rede está conseguindo entender isso – o professor, o gestor, o aluno, o pai, todos os envolvidos. Problemas a gente tem. São 25 escolas, mais de 7 mil alunos; é uma responsabilidade muito grande. Mas isso me deixa muito feliz.

Mãe 1: E eu queria deixar registrado também que, quando a minha filha começou a ir para a escola, com 7 meses, foi em colégio particular, porque eu tinha possibilidade. Então, quando deu aquele vendaval na nossa vida, o que mais me doeu foi ter que tirar a minha filha do colégio particular, e eu chorei, porque achava que eu dava um estudo. Quando eu a levei para a creche Antônia [Creche Municipal Antônia de Souza Silva], fui abraçada, sabia o que ela comia, sabia o que ela fazia, eles me passaram isso, e eu falei assim: “Meu Deus, por que eu gastei tanto dinheiro em colégio particular no início?”. Porque não havia necessidade, porque eu tinha condições, achava que estava fazendo o melhor. Aí, quando eu a coloquei na rede pública e me mandaram um vídeo – “Rosana, ela está se desenvolvendo assim”, vi o desenvolvimento dela em todas as áreas. Eu fico muito feliz, porque hoje talvez eu conseguisse pôr ela num colégio particular, com mais dificuldade, apertado, mas o que ela tem desenvolvido na escola, a parceria que eu tenho com a direção, com a professora, o jeito como as outras professoras tratam os alunos – porque às vezes eu faço trabalho de fotografia aqui e consigo ver o dia a dia onde os pais não estão –, esse cuidado com o aluno, com alimentação, com fruti-
nha, com suco, e isso e aquilo, enquanto num colégio particular eu teria que mandar dinheiro e ela ia comer uma coxinha... Uma vez, conversando com a

professora Carla, o olho dela brilhou quando tivemos algumas ideias, que ela depois botou em prática. Talvez, num colégio particular, eu não tivesse essa parceria que tenho hoje.

Marília: Eu acho bacana o que a gente está trazendo aqui. Tomando como exemplo o que estávamos falando sobre a alimentação, não é o cardápio em si, é a comunicação, o quanto a gente, como escola, cuida da comunicação com as famílias, para sair daquele movimento de achar que as famílias não se interessam, sem fazer o movimento, como escola, de comunicar, de se abrir para chamar para a participação, com medo da participação, de que queiram “mandar na escola”. Como é que a gente lida com isso e vai rompendo com esses julgamentos?

Professora: É que, quando você empodera os pais também, é possível que a cobrança aumente, e eu acho que vira uma via de mão dupla.

Diretora 1: Eu penso também que a cobrança impulsiona o nosso trabalho, querer fazer o melhor sempre.

Pai: Por tudo o que foi falado aqui, eu sou extremamente impactado no dia a dia. Eu conheço a realidade do município, das escolas, e me sinto totalmente abraçado, entendem? Transmito aqui o meu agradecimento à Carla e aos demais professores e profissionais. A Educação aqui é de qualidade. Eles se importam, dão atenção, todos os funcionários. Então, é um agradecimento como pai.

Mãe 1: Quero agradecer a vocês pela atenção, pelo cuidado, pelo carinho com a minha filha, comigo e com a minha família, porque escola e pais é uma união, e, se a gente não tiver união, não caminha. Estou muito feliz pelo aprendizado dela.

SÍNTESE

VALE A PENA INVESTIR NO APROFUNDAMENTO DO DIÁLOGO ESCOLA-FAMÍLIA: SÍNTESE EM TRÊS MOMENTOS

1. ABANDONAR A CULTURA DA CULPABILIZAÇÃO ENTRE AS PARTES

Não existe mais família como antigamente. *p. 22*

Eu não venho em reunião só pra ouvir queixa de meu filho! *p. 149*

Se os pais não acompanham, na escola não podemos fazer nada! *p. 36*

As famílias não participam. *p. 49*

Não adianta preparar aula; eles não têm vontade de aprender. *p. 97*

Essa escola é muito fechada! Nunca consigo conversar com ninguém de lá pra saber mais sobre como meu filho está.

Esses pais que não sabem ensinar... *p.69*

As famílias não educam. *p. 49*

Os familiares que mais precisam evitam vir às reuniões. *p. 79*

Será que meu filho já deveria estar alfabetizado? *p. 60*

As escolas de antigamente é que eram boas! *p. 26*

As famílias não valorizam a leitura, aí fica difícil! *p. 164*

As famílias não participam. *p. 49*

2. QUESTIONAR PARA REFLETIR

Será que as famílias de antigamente eram melhores? *p. 22*

Como fazer uma pauta que equilibre melhor os informes com a interação sobre a formação dos estudantes? *p. 80*

O que se quer desses pais é possível?

Os pais têm condições de fazer o que se espera deles?

Será que estamos considerando que o estudante é parte tanto da escola como da família e da comunidade? *p. 70*

Por que não formamos comissões que incluam familiares e também alunos pra ajudarem na solução de problemas?

O que fazer em relação aos familiares que não comparecem?

O que é, de fato, ter vivência com qualidade na escola e na família? *p. 50*

Será que houve um tempo em que a relação entre escola e famílias fluía sem problemas? *p. 22*

Será que há espaços de diálogo entre a escola e as famílias?

Será mesmo? Qual a origem dessa visão?

Já se perguntou à família por que isso acontece? *p. 13*

Estão sendo considerados saberes, práticas e experiências que todas as pessoas possuem? *p. 48*

3. AMPLIAR CANAIS DE COMUNICAÇÃO ENTRE TODOS OS ENVOLVIDOS

Quando a gente conversa com a família, eles entendem o problema e ajudam na solução.

A reunião de pais foi excelente! Nós falamos mais que as professoras.

A diretora escutou a minha crítica numa boa. Falou que vai observar e depois entra em contato pra contar como encaminhou. Achei bacana ela não ficar na defensiva. Me ouviu.

Outro dia uma mãe deu uma sugestão muito bacana pra gente melhorar a frequência dos alunos na escola.

Nunca imaginei minha filha falando de assuntos tão sérios e interessantes.

É preciso toda uma aldeia para educar uma criança. *Provérbio africano, p. 18*

Conheci o PPP e agora entendi muitas coisas da escola. Dei até algumas sugestões sobre como podem chamar mais familiares pra ajudar.

Precisamos conhecer melhor as famílias de nossos estudantes. *p. 56*

Participo do conselho escolar e posso dizer da contribuição que este dá para as tomadas de decisões da diretora para a melhoria da qualidade do trabalho escolar.

Vou conversar com a orientadora para saber como é melhor procedermos.

A escola está mudando pra melhor.

Fico feliz por ver como meus filhos aprendem na escola.

Quero que minha filha tenha a melhor formação possível, porque o mundo não é para amadores.

Este livro foi composto nas fontes Abril Text e Tablet Gothic
e impresso em abril de 2019.

Muitas lições interessantes para um relacionamento mais efetivo entre escola e família podem ser encontradas em todo o Brasil. Em comum, apresentam a percepção de que as duas são (ou deveriam ser) complementares no esforço de Educação de crianças, adolescentes e jovens e que uma parceria profunda entre elas é absolutamente necessária. Não é tarefa fácil, sabemos, ainda mais nos tempos de hoje, em que família e escola experimentam mudanças e desafios perturbadores que, com frequência, as afastam em vez de aproximá-las. Ambas estão em movimento e seus fundamentos tradicionais são postos em xeque, sob toda sorte de pressões. Essa situação, porém, não pode nos colocar na defensiva, sobretudo a nós, educadores. A defesa da escola e de seus profissionais não combina com paralisia, preconceitos e reclusão. Ao contrário: mais do que nunca, é preciso abertura, ousadia, criatividade, ação e liderança, o que, aliás, requer conhecimento.

Este livro é uma importante contribuição ao conhecimento do potencial interativo dessas instituições, na medida em que traz elementos da realidade, provoca reflexões e projeta luz na necessidade e nas possibilidades de construção de vínculos colaborativos entre escola e família como basilares do processo educativo.

Cesar Callegari

Sociólogo, consultor educacional e presidente do Instituto Brasileiro de Sociologia Aplicada. Foi secretário de Educação Básica do Ministério da Educação, secretário de Educação dos municípios de Taboão da Serra e de São Paulo e membro do Conselho Nacional de Educação por três mandatos.



Este livro foi pensado para auxiliar diretores de escolas públicas e particulares a promover o diálogo com as famílias dos estudantes visando o que têm em comum: o desenvolvimento e a aprendizagem plenos de cada criança, adolescente e jovem.

Sabemos que professores e funcionários se ressentem, com frequência, da falta de colaboração dos familiares dos alunos. Isso pode ser verdade em muitas ocasiões, mas cabe à escola, na figura do gestor, conduzir sua equipe nas iniciativas de aproximação e de aprofundamento do diálogo com as famílias, auxiliando-as a entender os papéis de cada instituição e a construir sentido para a trajetória escolar dos filhos. Colaboração com foco na formação integral é a expressão-chave nesse processo.



“Muitas lições interessantes para um relacionamento mais efetivo entre escola e família podem ser encontradas em todo o Brasil. Em comum, apresentam a percepção de que as duas são (ou deveriam ser) complementares no esforço de Educação de crianças, adolescentes e jovens e que uma parceria profunda entre elas é absolutamente necessária.”

Cesar Callegari

Ex-secretário de Educação Básica do Ministério da Educação.



<http://mod.lk/livrofam>

